

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE TOLEDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
NÍVEL DE MESTRADO

JUNIOR VIEIRA DE OLIVEIRA

**FATORES QUE INFLUENCIARAM A ESCOLHA ENTRE ESTUDO E TRABALHO PARA
OS JOVENS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2019 E 2023**

TOLEDO – PR
2025

JUNIOR VIEIRA DE OLIVEIRA

**FATORES QUE INFLUENCIARAM A ESCOLHA ENTRE ESTUDO E TRABALHO
PARA OS JOVENS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2019 E 2023**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Economia, do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
– *Campus* Toledo, como requisito para obtenção do título
de Mestre em Economia.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Mendes Bezerra

Coorientadora: Profa. Dra. Rosangela Maria Pontilli

TOLEDO – PR

2025

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Vieira de Oliveira, Junior
FATORES QUE INFLUENCIARAM A ESCOLHA ENTRE ESTUDO E
TRABALHO PARA OS JOVENS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2019 E 2023
/ Junior Vieira de Oliveira; orientadora Fernanda Mendes
Bezerra; coorientadora Rosângela Maria Pontili. -- Toledo,
2025.
98 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Toledo) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências
Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Economia,
2025.

1. Mercado de Trabalho. 2. Jovem. 3. Não chefe de
domicílios . 4. Logit Multinomial. I. Mendes Bezerra,
Fernanda, orient. II. Maria Pontili, Rosângela, coorient.
III. Título.

Dissertação intitulada “**Fatores que influenciaram a escolha entre Estudo e Trabalho para os Jovens Brasileiros no período de 2019 e 2023**” apresentada por Junior Vieira de Oliveira como requisito para a obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Economia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *campus Toledo*, com área de concentração em desenvolvimento econômico.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA MENDES BEZERRA**
Data: 14/02/2025 16:02:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda Mendes Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Documento assinado digitalmente
 **ROSANGELA MARIA PONTILI**
Data: 14/02/2025 18:08:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosangela Maria Pontili (Coorientadora)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIO BRAGA DE ALMEIDA GABRIEL**
Data: 13/02/2025 17:50:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Flávio Braga de Almeida Gabriel (Banca)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Documento assinado digitalmente:
 **DOUGLAS MARCOS FERREIRA**
Data: 13/02/2025 16:49:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Douglas Marcos Ferreira (Banca)
Universidade Federal de São João Del-Rei

“Não há agonia maior do que carregar uma história não ouvida” (Maya Agelou).

Em memória do meu Pai, Edvilson de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro plano, manifesto minha profunda gratidão à minha mãe, Zenaide, cujo apoio incondicional foi alicerce fundamental nesta jornada. Aos meus irmãos, Jeferson e Natali, e aos meus sobrinhos, Miguel Eduardo e Antônio Levy, direciono reconhecimento pela resiliência e incentivo constante, elementos que fortificaram minha trajetória.

Às companheiras de caminhada, Jéssica e Kilma, registro o apreço pela motivação incansável, que transcendeu meros gestos e se consolidou como esteio emocional. Aos companheiros de jornada e meus amigos: Maevi, Luiz Fernando e Eloá, dedico menção especial pela empatia e solidez demonstradas em momentos de incerteza. Suas presenças, marcadas por escuta ativa e suporte concreto, foram determinantes para a superação de desafios interpostos ao longo deste percurso.

Presto honrarias à minha orientadora, Professora Fernanda, cuja luminosa orientação e rigor intelectual guiaram cada etapa desta pesquisa. À coorientadora, Professora Rosângela, expresso reverência pela sapiência e acolhimento metodológico, que transformaram obstáculos em oportunidades de crescimento. À comunidade docente e coordenação do curso, externo gratidão pelos saberes compartilhados – não apenas técnicos, mas éticos –, que prestigiaram nossa formação como discentes e cidadãos críticos.

RESUMO

Entre os anos de 2019 e 2023 vivenciou-se um período, o qual ficou marcado por todo uma geração, conhecido como os anos da Pandemia de Covid-19, gerando e tendo impacto como um todo sobre todas as esferas da vida particular e social de toda população mundial. Dentre suas consequências destaca-se a os impactos sentido na economia, em especial aqui no Brasil, no Mercado de Trabalho. Neste período, o Brasil atravessou um período conturbado marcado por sucessivas reformas em seu plano econômico. Ao se deparar com a Crise Sanitária em 2020 alguns padrões de marginalização e diferenciação social foram intensificados, no caso deste trabalho foi analisado o mercado de trabalho juvenil, o qual já se apresentava descompassado com os demais. Com isso esta pesquisa busca analisar o retrato socioeconômico de jovens de 18 a 29 anos não chefes de família no ano imediatamente anterior à pandemia de Covid-19 e subsequente ao seu término (2019-2023) e como se deu suas percepções mediante a escolha entre trabalhar e estudar, e suas possíveis combinações, além de considerar a papel de seu rendimento quando encaixado no mercado de trabalho. Para atingir tal propósito, aplicou-se técnicas de análise de estatística descritiva, tais como análise gráfico e médias cruzadas, além da equalização de modelos econômicos-econométricos *Logit* Multinomial, utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio Contínua (PNADC) – 2019/2023, em que no modelo *Logit* Multinomial a variável dependente consistiu nas diferentes combinações entre trabalho e estudo, sendo a combinação NEM-NEM (nem estuda e nem trabalha) a categórica referência. Assim, a lógica estabelecida por intermédio do modelo informou que, as variáveis relacionadas a localização, região e cor do jovem são importantes fatores que contribuem para que estes não assumam o comportamento NEM-NEM. Ainda se destaca as modificações na estrutura familiar do domicílio em que este jovem residia, enquanto dependente, entre o período inicial, 2019 e o final 2023. Assim, esta pesquisa alicerça-se em incentivar futuros estudos na tentativa de trazer e identificar outras variáveis que possam dar corpo a um instrumental efetivo na criação de políticas públicas de combate a tendência de postura NEM-NEM dos jovens no Brasil.

Palavras-chaves: Mercado de Trabalho. Jovem. Não chefes de domicílio. *Logit* Multinomial, Pandemia.

ABSTRACT

Between the years 2019 and 2023, we experienced a period, marked by an entire generation, known as the Covid-19 Pandemic years. This period had a significant impact on all aspects of personal and social life for the citizens inhabiting the planet during this time frame. Among its consequences, the impacts on the economy, especially in the labor market, stand out. During this period, Brazil went through a turbulent time marked by successive reforms in its economic plan and early signs of policies excluding minorities. When faced with the Health Crisis in 2020, some patterns of marginalization and social differentiation were intensified, particularly in the youth labor market, which was already out of step with the others. This research aims to analyze the socioeconomic portrait of young people aged 18 to 29 who are not heads of households in the year immediately before the Covid-19 pandemic and after its end (2019-2023). It also aims to understand their perceptions regarding the choice between working and studying, and their possible combinations, as well as considering the role of their income when placed in the labor market. To achieve this purpose, techniques of descriptive statistical analysis were applied, such as graphical analysis and cross-mean analysis, in addition to the equalization of Logit Multinomial using data from the Continuous National Household Sample Survey (PNADC) – 2019/2023. In the Logit Multinomial model, the dependent variable consisted of different combinations between work and study, the NEM-NEM combination (neither studying nor working) as the reference category, the logic established through the model indicated that variables related to location, region, and the youth's race are significant factors contributing to whether they adopt the NEM-NEM behavior. Additionally, changes in the family structure of the household where the youth resided as dependents between the initial period of 2019 and the end of 2023 are highlighted. Therefore, this research aims to encourage future studies in identifying other variables that could contribute to developing an effective framework for creating public policies to combat the NEM-NEM tendency among young people in Brazil.

Keywords: Labor Market. Youth. Non-household Heads. Multinomial Logit, Pandemic.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IDHM

ILO – International Labour Organization

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

PEA – População Economia Ativa

PIA – População em Idade Ativa

PO – População Ocupada

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição dos jovens, segundo idade, frequência em escola e participação no mercado de trabalho, Brasil – 2021.....	20
Figura 2 – Desemprego total de jovens (% do total da força de trabalho com idades entre 15 e 24 anos) (estimativa modelada da OIT).....	24
Figura 3 – Função de Distribuição Acumulada.....	34
Figura 4 – Evolução Trimestral da PEA de Jovens de 18 a 29 anos <i>versus</i> PEA Total do Brasil (2019 – 2023).....	41
Figura 5 – Evolução Trimestral da População Brasileira por faixa etária (2019- 2023)	42
Figura 6 – Distribuição Trimestral de Jovens de 18 a 29 anos de idade por Relação de Parentesco com o Chefe do Domicílio (2019 – 2023).....	43
Figura 7 – Distribuição Trimestral da População Jovem de 18 a 29 anos de Idade por Grandes Regiões Geográficas (2019 -2023).....	44
Figura 8 – Distribuição Trimestral de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Local de Residência (2019 – 2023).....	45
Figura 9 – Distribuição Trimestral por Sexo de Jovens de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).....	46
Figura 10 – Distribuição Trimestral por Cor ou Raça dos Jovens de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).....	47
Figura 11 – Distribuição Trimestral por Nível de Instrução de Jovens de 18 a 29 anos de Brasil (2018 – 2023).....	48
Figura 12 – Proporção Trimestral de Jovens Desalentados de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).....	49
Figura 13 – Distribuição Trimestral dos Motivos de não ter procurado Emprego dos Jovens de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).....	50
Figura 14 – Evolução Trimestral da Carga Horária Semana de Trabalho de Jovens de 18 a 29 anos no Brasil (2019-2023).....	53
Figura 15 – Evolução Trimestral da Decisão entre Estudar e Trabalhar do Jovens de 18 a 29 anos no Brasil (2019-2023).....	54

Figura 16 – Distribuição percentual dos Jovens por intervalo de idade – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.....	56
Figura 17 – Distribuição percentual dos Jovens de 18 a 29 anos por sexo – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.....	58
Figura 18 – Distribuição percentual dos Jovens por Regiões Geográficas – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.....	61
Figura 19 – Distribuição percentual dos Jovens por Situação Censitária – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.....	63
Figura 20 – Distribuição percentual dos Jovens e sua Relação de Parentesco com o Responsável do Domicílio – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.....	65
Figura 21 – Distribuição percentual dos Jovens em relação ao Nível de Instrução – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.....	67
Figura 22 – Distribuição percentual dos Jovens em relação à Renda Média Domiciliar do Trabalho <i>per capita</i> – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.....	69

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Variáveis para análise de Condições de Trabalho e Estudo.....	33
Quadro 2 – Variáveis para análise de Condições de Trabalho e Estudo.....	35
Quadro 3 – Seleção de Variáveis.....	41
Tabela 1 – Taxa Trimestral de Emprego de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Categoria no Brasil (2019 – 2023).....	89
Tabela 2 – Taxa Trimestral de Emprego de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Setores no Brasil (%) (2019 – 2023).....	90
Tabela 3 – Distribuição percentual dos Jovens por raça – Brasil – 1º tri. de 2019 e 2023.....	60
Tabela 4 – Efeitos dos fatores socioeconômicos sobre as Categorias de Estudo e Trabalho: Estimativas do Modelo <i>Logit</i> Multinomial para o ano de 2019.....	73
Tabela 5 – Efeitos dos fatores socioeconômicos sobre as Categorias de Estudo e Trabalho: Estimativas do Modelo <i>Logit</i> Multinomial para o ano de 2023.....	75

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
2.1 TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O MERCADO DE TRABALHO E SEUS REFLEXOS NA DINÂMICA INDIVIDUAL E FAMILIAR.....	17
2.1.2 Renda Familiar e Suporte Social	19
2.2 DESAFIOS DA EMPREGABILIDADE DOS JOVENS BRASILEIROS EM UM CONTEXTO DE MUDANÇAS NO MERCADO DE TRABALHO GLOBAL.....	22
2.3 EFEITO TRABALHADOR ADICIONAL PARA OS JOVENS DEPENDENTES	29
3 METODOLOGIA E BASE DE DADOS	33
3.1 MÉTODO DE ANÁLISE DESCRITIVA	33
3.2 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO MODELO ECONOMETRICO	34
3.2 DADOS	39
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
4.1 ANÁLISE DA ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA POPULAÇÃO.....	41
4.1.2 Análise preliminar dos dados	56
4.2 ANÁLISE DO MODELO LOGIT PARA DECISÃO ENTRE ESTUDAR E TRABALHAR PARA OS JOVENS DE 18 A 29 ANOS DE IDADE NO BRASIL.....	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXO A	96
ANEXO B	97

1 INTRODUÇÃO

Desde a implementação da agenda neoliberal nas últimas décadas do século XX, a economia global vem passando por intensas modificações em seu sistema produtivo, principalmente em países periféricos e em desenvolvimento. O mercado passou, a partir disso, a impor uma série de mecanismos de ajustes e alterações institucionais no perfil das forças produtivas, como forma de atender e suprir demandas internacionais por produtos primários. Essa mudança no âmago do sistema produtivo gerou um rápido impacto no mercado de trabalho, que por si só começara a reproduzir e manter um processo de marginalização e discriminação de sua mão de obra (Cattani, 2009).

Ao caminhar para uma dimensão doméstica e familiar, é possível observar que o problema do desemprego se relaciona mais fortemente com determinados subgrupos, sendo o desemprego racial, de gênero e etário. Dadas as exigências da emergência de uma nova organização laboral, iniciada no final do século XX e percebida mais fortemente na segunda década do século XXI, destacam-se as pressões do mercado de trabalho relacionadas à crescente demanda por habilidades específicas, como a automação de postos com tarefas repetitivas, além da reconfiguração dos setores econômicos tradicionais (Corseuil, *et al.*, 2001).

Evidenciando o lugar do jovem no mercado de trabalho, os fatores mencionados acima destacam-se como um dos principais componentes a serem considerados em sua decisão de ofertar ou não sua força de trabalho. É possível ainda destacar o perfil socioeconômico do domicílio em que o jovem está inserido, podendo diante disto, tomar decisões que muitas vezes comprometem possibilidades futuras. Conforme Nardi (2006) elucida, a decomposição do trabalho para atender puramente a interesses de racionalização tende a provocar deformidades na identidade dos indivíduos, isso ocorre porque o trabalho incorpora valores que fazem o jovem se ver como parte de determinado grupo social.

Assim, ao demarcar um mercado de trabalho em contexto de rápidas mudanças, um ponto a ser considerado na transição do jovem da PIA (População em Idade Ativa) para a PEA (População Economicamente Ativa) é a sua produtividade potencial enquanto trabalhador. A qual passa a ser firmemente considerada na decisão do empregador ao contratar indivíduos que ofertam sua força de trabalho. Em suma, os contratantes tendem a confiar em informações passadas e nas experiências dos trabalhadores como critérios de sua contratação, uma vez que podem medir seu potencial produtivo por unidade contratada. Dessa forma, o jovem, muitas vezes é colocado à margem de possíveis oportunidades, pois a escassez de informações e a falta de experiências configuram-se em um fator gerador de incertezas quanto aos seus níveis de

produtividade. Logo, configurando-as como barreiras que estes indivíduos terão de enfrentar para ingressar no mercado de trabalho, independentemente do nível econômico de seu domicílio (Corseuil e Franca, 2020).

Dadas as condições experimentadas por essa parcela da população e sua tentativa de entrada no mercado de trabalho, um aspecto é essencial, seu nível de escolaridade (Guimarães, 2005). Este por sua vez, está disposto como um importante divisor no que se refere à inserção profissional da maioria dos jovens, já que sua continuidade depende das condições socioeconômicas proporcionadas pela sua família (Costa, 2021). Contudo, para aqueles que se situam à margem de ambas as possibilidades — aos que não estão estudando e nem trabalhando — desvendar o que os leva a optar por uma ou outra pode contribuir para entender o porquê permanecem nesse estado de inércia (Menezes; Cabanas; Komatsu, 2013).

Segundo dados do Censo Demográfico em 2010, o contingente de jovens entre 15 e 29 anos de idade que não estudavam, não trabalhavam e nem procuravam emprego se aproximava de 8,8 milhões de indivíduos. À vista disto, enfatizar-se-á o período marcado pela pandemia de Covid-19, o qual tem seu auge em 2020, e que induziu a severos *lockdowns* e por conseguinte à desaceleração econômica do país (Moraes, 2021; Ngonghala; Iboi; Gumel, 2020). E apesar de que, a recuperação institucional tenha começado a partir de 2021, seus efeitos econômicos e sociais continuaram a ser sentidos de maneira expressiva até 2023, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil, que constava sérios problemas com suas políticas de proteção social (Gimenez; Baltar; Manzano, 2020; Lanzara, 2023). Cabe salientar que, os extratos afetados com maior intensidade por esta crise foram as populações mais vulneráveis, tais como os trabalhadores informais, os jovens, as mulheres, os não brancos e aqueles com menores níveis educacionais.

Neste contexto, os desafios de empregabilidade para os jovens se tornou um expoente a ser conferido, já que sua taxa de desemprego para o intervalo foi superior à dos adultos. Segundo dados da CEPAL (2023) a taxa de informalidade de jovens de 15 a 29 anos de idade foi de 53,4%, sendo 12 pontos percentuais maior de pessoas com idades entre 30 e 64 anos. Diante dos fatos, a inatividade dos jovens se torna preocupante, uma vez que, essa inércia pode repercutir em toda a sua trajetória profissional, o que pode ser traduzido em uma desaceleração do crescimento econômico do país a longo prazo (Círiaco *et al.*, 2022).

Dessa forma, surge a pergunta: Qual é a influência dos fatores socioeconômicos na realidade dos jovens brasileiros entre 2019 e 2023 em suas escolhas entre trabalhar e estudar?. Ao buscar responder o questionamento acima, e diferenciá-lo dos demais que tratem da problemática, considerou-se para além das características individuais como cor, raça, gênero e

idade, estas amplamente instrumentalizadas pela literatura, os jovens de 18 a 29 anos de idade não chefes de domicílios e que conviviam com seus responsáveis.

A importância de visualizar o comportamento da população tratada aqui, reside em uma maior compreensão da situação do mercado de trabalho dos jovens brasileiros durante o período em destaque. A pesquisa proposta por esta dissertação tem por objetivo elucidar como uma crise de saúde pública afeta o mercado de trabalho, embasando-se em teorias que discutem essa problemática, com a intenção de promover um debate político que busque soluções eficazes para os jovens e suas condições, tanto no campo laboral quanto educacional. Por fim, a relevância dessa pesquisa se acomoda na percepção a qual é orientada a seu objeto de pesquisa, sendo este jovens de 18 a 29 anos que moram com seus responsáveis, sendo que sua interação com o modelo de análise proposto se dará pela ótica da categoria NEM-NEM.

Assim, o objetivo desta pesquisa é o de contribuir para a descrição da situação socioeconômica dos jovens brasileiros, em especial aqueles com idades entre 18 e 29 anos, identificando os fatores da decisão em trabalhar e/ou estudar, e seus efeitos a partir da decisão de estar na condição NEM-NEM. Ademais, delimita-se os períodos anteriores e imediatamente após a pandemia – entre os anos de 2019 a 2023 –, de modo vislumbrar se as transformações incorridas no período apontaram para maiores vulnerabilidades sociais e econômicas para essa parcela da população. De modo a atingi-lo, buscar-se-á explorar os fatores que incidem na decisão do jovem, além de investigar a interação de suas características socioeconômicas, que por sua vez influenciam na decisão.

A estrutura do texto desta pesquisa consiste, além desta introdução (Seção 1), de uma Revisão Bibliográfica (Seção 2), que se divide em três subseções: duas dedicadas à argumentação teórica e uma às evidências empíricas sobre as características socioeconômicas da força de trabalho jovem de 18 a 29 anos no Brasil antes, durante e imediatamente após a pandemia de Covid-19; a Metodologia e os Dados (Seção 3). Na Seção 4, estabelece-se um panorama geral do comportamento das variáveis ao longo dos períodos, e posteriormente discutem-se os resultados de modelo econométrico submetido. Por fim, na Seção 5, são deliberadas considerações abarcados por intermédio desta pesquisa.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica traçada aqui tem como principal objetivo alicerçar e trazer à tona alguns conceitos e discussões que abordam a problemática, incorporando solidez à pesquisa e realçando a necessidade de se tratar o tema em análise na presente pesquisa.

2.1 TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O MERCADO DE TRABALHO E SEUS REFLEXOS NA DINÂMICA INDIVIDUAL E FAMILIAR

A escolha profissional, para os jovens, é um processo complexo, um vez que pode reverberar por toda a sua vida. Esse fenômeno de "adentramento", fixação e estabilização no mercado de trabalho é fundamental diante das condições que os levam assumir a responsabilidade de exercer uma atividade econômica. A ocorrência de fatores inconsistentes ou escolhas precoces podem resultar em erros que se tornarão arrependimentos a longo prazo (Nepomuceno e Witter, 2010). Dessarte, a decisão profissional se torna importante, pois moldará não somente a carreira profissional do jovem como também o bem-estar capturado por este indivíduo (Paulino; Dutra-Thomé; Bendassolli, 2021).

É certo que, o mercado de trabalho apresentou mudanças após a ascensão do neoliberalismo na década de 1990. A flexibilização, precarização e redução dos postos de trabalho associados à diminuição das jornadas e dos salários, provocaram alterações profundas na relação entre trabalho e indivíduo. Contudo, deve-se considerar o trabalho como um substrato civilizatório na organização da sociedade. Dessa forma, transformações sociais não afetam apenas as condições de trabalho, mas também causam grandes alterações em sua estrutura sociocultural (Dierdorff; Morgenson, 2007).

A partir do entendimento do complexo psicossocial do trabalho, torna-se importante notar quais são os fatores que influenciam o processo decisório de escolha profissional. Esses fatores são influenciados pelo sistema político e social e pela realidade vivenciada pelo indivíduo (Freitas, 2002). Com esse conjunto de narrativas em torno da problemática da ocupação de um posto de trabalho, é interessante considerar uma variável que se destaca como dependente: o indivíduo jovem. Sendo na juventude a fase em que a maioria das pessoas fazem escolhas de vida, as quais terão ramificações duradouras. Além de que, essa crescente necessidade de adaptação às novas estruturas sociais incluiu a adoção de novas ideologias econômicas e sociais, influenciando desde as esferas mais amplas da sociedade até o núcleo familiar.

Dado o modelo econômico em que o sujeito é orientado por decisões impostas para garantir a sobrevivência e a manutenção de sua comunidade, ou em uma esfera mais particular, de sua família. Esta passa a ser uma importante variável para a consolidação no seu processo de escolha, o qual permeado por fatores sociais, políticos e culturais (Sousa; Lussi, 2019).

Em um cenário de adversidades enfrentadas por esses indivíduos, logo, em um contexto de mudança de paradigma da função do trabalho, o desemprego e as inconsistentes formas de ocupação (trabalho informal, subemprego e terceirização) apresentam uma evolução gradativa (Krein, 2018). Todas essas condições representam uma quebra estrutural no mercado de trabalho e afetam diretamente todas as esferas da vida domiciliar (Almeida; Pinho, 2008).

No que tange aos fatores políticos e econômicos e suas respectivas instituições, observa-se o posicionamento desses agentes como uma forma de dificultar e diminuir as opções do indivíduo frente à sua decisão de inserção no mercado de trabalho, por meio da institucionalização de mecanismos de enfraquecimento das relações profissionais (Lima, 2013). Assim, a evolução da informalidade e da judicialização do mercado de trabalho, por meio da adoção de pacotes neoliberais, inicia-se e fortalece-se durante a década de 1990. A desestabilização de postos de trabalho estáveis e a adequação institucional da categoria de subempregos eram objetivos persistentes desse novo formato político-econômico, prescrito às economias em desenvolvimento capitalista tardio (Vogel, 2013).

Contudo, mesmo diante de algumas melhorias no mercado de trabalho, a precarização das relações trabalhistas continuou a se intensificar até o ano de 2017. Esse processo de deterioração do trabalho se torna constitucional, apelando ao oferecimento de trabalhos de jornadas intermitentes e sem nenhum tipo de proteção social (Cavalcanti; Lameiras, 2020; Lima, 2013), refletindo em um aumento do número de postos de trabalho informais.

O perecimento do sistema de proteção social e trabalhista do Estado brasileiro teve sua alomorfia completa após a chegada da pandemia de SARS-CoV-2, denominada de Covid-19 nos anos de 2019 a 2023. “A pandemia da Covid-19, representou um choque profundo sobre a economia mundial, cujo alcance e consequências ainda são difíceis de vislumbrar” (Levy, 2020, p. 1), levando o mundo a experimentar uma grave recessão econômica, apreciada por muitos pesquisadores como sendo maior até mesmo que a Crise de 2008 (Augusto; Santos, 2020; Souza *et al.*, 2020a; Gimenez; Baltar; Manzano, 2020, Carvalho, 2023).

Assim, destaca-se o contraste entre as expectativas familiares marcadas e a realidade vivenciada, frequentemente envolvendo sacrifícios e escolhas. As quais são necessárias para garantir não apenas a sobrevivência da família, mas também a de seus membros, junto com os interesses pessoais na decisão de assumir seu papel na força de trabalho (Suiron, 2016). A

família é um dos principais subcomponentes que influenciam a entrada dos jovens no mercado de trabalho. Notavelmente, a família pode desempenhar um papel crucial ao oferecer apoio e encorajamento para que seus jovens quebrem o ciclo intergeracional imposto por seus antecessores (Wickert, 2006; Arnett, 2023).

2.1.2 Renda Familiar e Suporte Social

Anterior à problemática da passagem da juventude para a vida adulta, é cabível considerar o papel da família e suas conexões sociais com seus jovens, constituindo-se como suporte e até mesmo como força de motivação para a entrada no mercado de trabalho (Arnett, 2003; Bossardi, 2011).

O processo decisório em torno da escolha de ingresso no mercado de trabalho por parte do jovem deve-se, em alguns casos, à influência da decisão familiar (Becker, 1993). Assim, implica na escolha da família em alocar mais tempo dos responsáveis, chefes de família, em suas atividades produtivas, na expectativa de acréscimos em seus rendimentos. O objetivo é que seus dependentes possam, por meio dos estudos, aprimorar seu capital humano, o qual será recompensado posteriormente na forma de remuneração maior ao ingressarem no Mercado de Trabalho (Oliveira *et al.*, 2014; Wachter, 2020).

A linearidade trazida pelas hipóteses dos fatores que levam o indivíduo jovem a ocupar um posto de trabalho, tornaram-se defasadas dadas a multiplicidade dos fenômenos sociais e tecnológicos que recaíram sobre a civilização humana desde a primeira revolução industrial (Pochmman, 2000). Nesse processo de modificações das relações sociais, se destaca o período pós-Segunda Guerra Mundial no século passado, em que no processo de reorganização civil após os confrontos implicou na experimentação por grande parte das nações do mundo, de um notável crescimento econômico, o qual ditou os países que se encaixariam como centrais e periféricos.

Conforme argumenta Vieira (2016), com isso as experiências e passagens da vida se tornaram mais complexas, menos lineares e previsíveis, sendo este um processo de “descristalização” do arquétipo dos fatores políticos e sociais que se manifestavam na decisão de trabalhar ou não (Arnett, 2023). Nesse mesmo movimento de mudanças na base da escolha de alocação do jovem para sua ocupação, é importante incorporar a crise sanitária que assolou todas as nações durante os anos consecutivos de 2020 a 2023, em que seus efeitos não só foram sentidos na esfera particular dos indivíduos, mas em todo o conjunto da economia mundial, sendo comparáveis somente aos efeitos da Segunda Guerra Mundial (OIT, 2022).

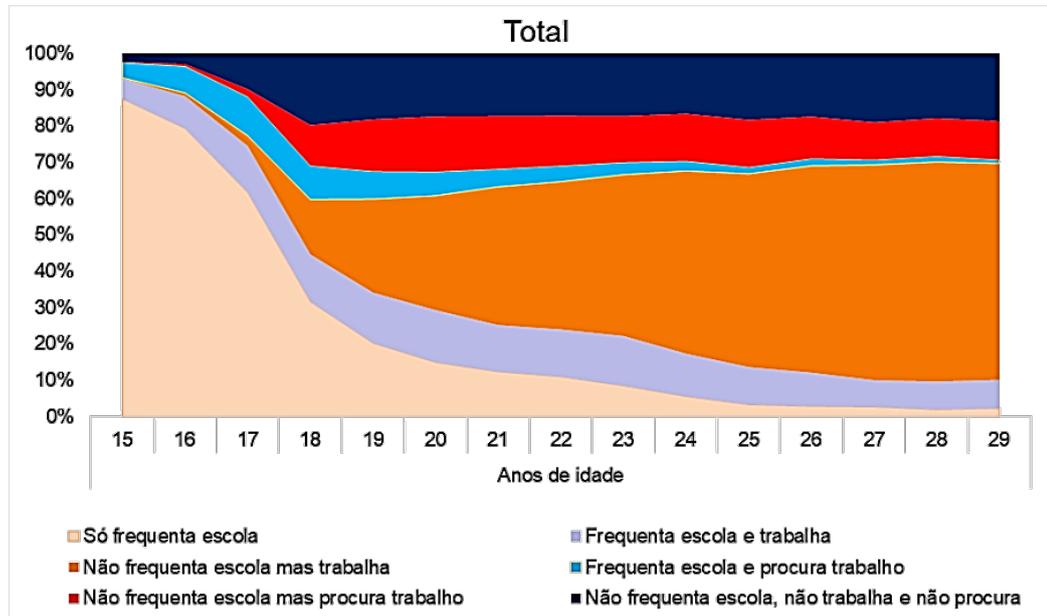
Dada a natureza dos fatos mencionados acima, ocorre uma espécie de fuga do *cronos* sociocultural na contemporaneidade, no que diz respeito ao percurso etário a ser percorrido pelo jovem (Menezes-Filho; Oliveira, 2014; Arnett, 2023). Esse descolamento da tradicionalidade do processo de maturidade emerge com algumas desventuras em seu trajeto marcadas pela incerteza e imprevisibilidade (Camarano, 2006). Ante a isso, é natural dada a estabilidade de rendimento da família, que o processo de transição do jovem para a vida adulta seja baseado na busca de sua autonomia financeira. Porém, permanecendo na casa de seus pais, isso garante em muitos casos satisfazer suas necessidades sexuais sem o estabelecimento de um vínculo conjugal com seu parceiro (a) (Campello; Silva, 2005; Watcher, 2020).

A família pode ser assim considerada o principal suporte social do jovem em seu processo de transição para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, para a vida adulta. Conforme relatado por Camarano e Kanso (2012), os períodos de 2000 a 2010 apresentaram uma parcela considerável de jovens que não trabalhavam e nem estudavam e que viviam com membros do seu núcleo familiar, logo, pais, avós e outros parentes. Os autores relatam ainda a ocorrência do fenômeno de diferenciação por sexo, o qual aponta que o estado conjugal e a maternidade são fatores que acrescentam um contingente maior de mulheres encaixadas na categoria de não trabalhar e não estudar. Em 2000, 83,7% dos homens jovens dependiam do apoio familiar e conviviam com algum ente, no ano de 2010, esse número sofreu uma redução para 78,4%. Essa diferença se relaciona com estes que assumiram o cargo de chefes de domicílio, que passou de 10,8% para 11,2%.

Corroborando com os resultados acima o relatório anunciado pela Dieese (2022), o qual apontou que cerca de 15% dos jovens de 15 a 29 anos em 2021 não estudavam e nem trabalhavam. Conforme pode ser observado na Figura 1.

Ainda neste movimento, Camarano e Kanso (2012) destacam que a proporção de jovens durante este período, que não estudavam e nem trabalhavam era maior em indivíduos com rendimento médio domiciliar *per capita* mais baixo, quando comparados àqueles provenientes de famílias com altas faixas de renda. Nos domicílios em que os jovens estavam na PEA e estudavam o rendimento médio domiciliar *per capita* apresentou o maior valor. Em famílias que havia jovens que nem estudavam e nem trabalhavam, o valor foi 50% menor quando comparado à categoria de famílias com jovens que não se encontravam na PEA, mas estudavam.

Figura 1 – Distribuição dos jovens, segundo idade, frequência em escola e participação no mercado de trabalho, Brasil – 2021.



Fonte: Dieese, 2022.

As famílias com menor rendimento médio domiciliar *per capita* apresentaram em 2021 um percentual de 24% do total da categoria, enquanto entre as famílias com alto rendimento médio domiciliar *per capita* a proporção dos seus jovens encaixados na categoria “NEM-NEM” foi de apenas 6%. Dos motivos que justificavam esses números os jovens de baixa renda afirmaram se ater a afazeres domésticos e aos cuidados de pessoas, já os indivíduos de renda média alta justificam-se por se concentrar nos estudos, e cursos pré-vestibulares (Dieese, 2022).

Dessa forma, pode-se deduzir que os jovens de famílias de baixa renda se mostram mais propensos a apresentar o comportamento de não estudar e nem trabalhar. Nestes domicílios, a dependência dos membros em relação à renda do chefe de família é maior, sendo o trabalho principal a maior fonte de rendimento (Kamarano; Kanso, 2012). Em casos como estes, não é possível visualizar a prerrogativa lançada através da materialização que ocorre a partir *do trade-off* entre o tempo de trabalho dos responsáveis e o desenvolvimento do capital humano de seus filhos. Dada a ligação intergeracional entre educação e rendimentos, o *status* socioeconômico familiar pode ser um fator importante no retorno à educação ao longo do ciclo de vida (Bennett; Blundell; Salvanes, 2020).

O arranjo e a dinâmica familiar dos jovens, quando estes enfrentam a decisão de entrar no mercado de trabalho são cruciais, uma vez que podem agir como mecanismos de perpetuação das adversidades socioeconômicas enfrentadas por seus familiares (Ferreira *et al.*, 2015; Oliveira, 2024). Outros desafios, especialmente para as famílias de baixa renda, incluem

dificuldades financeiras que podem desmotivar seus filhos a estudar. Também se pode destacar a alta frequência com que é atribuída às filhas a responsabilidade de gerenciar os afazeres domésticos e cuidar dos membros da família, consolidando-se num importante fator nas escolhas profissionais das jovens. Tal como, pode haver a urgência de que os jovens comecem a trabalhar mais cedo para contribuir com o sustento do lar (Corseuil; Franca, 2020).

As pressões como as ditadas anteriormente, podem impactar decisivamente as escolhas e, conseqüentemente, o acesso a oportunidades por parte daqueles que emergem à vida adulta, moldando sua trajetória particular enquanto indivíduos ativos (Arnett, 2023). A ausência de um *corpus* simbólico e material por parte de sua família, ou até mesmo de amigos, combinada com fatores como desigualdade estrutural, crises econômicas, restrições sociais e culturais, pode resultar em uma deterioração da subjetivação do jovem enquanto sujeito (Brenner; Carrano, 2023).

2.2 DESAFIOS DA EMPREGABILIDADE DOS JOVENS BRASILEIROS EM UM CONTEXTO DE MUDANÇAS NO MERCADO DE TRABALHO GLOBAL

No decorrer do último século, foi possível observar intensas modificações na estrutura produtiva do mercado de trabalho em todo o mundo. De modo que, tanto flutuações agregadas do mercado de trabalho quanto os choques individuais podem gerar agora conseqüências duradouras para a vida dos jovens trabalhadores (Wachter, 2020).

O que pode ser entendido como empregabilidade, ou ainda a probabilidade de ser empregado, atualmente vem se tornando um desafio cada vez mais consistente (Sousa; Santos, 2024). Com a emergência de novos veículos de promoção e extração de *mais-valia* no sistema capitalista, o perfil da mão de obra demandada por estes, vem sendo pautado na capacidade do indivíduo aprender habilidades que os complementem (Silva; Kassouf, 2002).

Corroborando Rafkin (2004), o novo regime energético adotado pelo grande veículo produtivo capitalista trouxe consigo modificações na base dos empregos, exigindo a criação de novos postos de trabalho, que mesmo com a emergência de novas possibilidades, ainda são incapazes de acomodar a população jovem que anseia por inserir-se no mercado de trabalho. A mudança do paradigma em torno da empregabilidade tornou-se alvo de interesse e preocupação da maioria dos governantes mundiais (ILO, 2022). Logo, o problema de mão de obra não afeta somente a economia de países periféricos, já que seus efeitos são sentidos em todo o mundo.

De certo modo, os jovens, em geral, são postos em uma situação de marginalização ao se depararem com o mercado de trabalho, reforçada, em muitas das vezes, pelas características

próprias da sua força produtiva, tais como a falta de experiência e alta rotatividade. Que quando percebidas pelos empregadores acarreta a sua não contratação (Manning, 2003; Sousa, 2018).

Após o enfrentamento da pandemia de Covid-19, os problemas relacionados ao afrouxamento da legislação trabalhista, foram intensificados e sublinhados, visto que postos de trabalho antes existentes foram extintos frente às novas modalidades de trabalhos informais, alheios às normas de proteção social (Krein; Colombi, 2019).

Dentre essa nova modalidade de trabalho, aquelas ligadas a plataformas para a prestação de serviços e de teletrabalho (*home office*) implicaram em um significativo aumento da parcela das ocupações por conta própria (IBGE, 2024). O que pode explicar a sutil queda no número de jovens desocupados em relação ao mesmo período do ano anterior à pandemia de Covid-19 em 2020.

Essa fragilização das relações de trabalho ditadas pelo novo modelo de ocupação, o desgaste e o tempo de procura por trabalho, por parte da PEA, apresentaram um alargamento considerável, o que pode ter levado um contingente substancial de indivíduos à categoria de desalentados. Andrade e Caetano (2011) ao levantar as circunstâncias e o efeito do trabalhador adicional em famílias explicam que, as causas do desalento se vinculam muitas vezes ao pessimismo de conseguir empregos com salários adequados, além de que o tempo de procura desencoraja os indivíduos, os levando a deixar de buscar trabalho. Com isso, se pode observar que o mercado de trabalho jovem tende a apresentar maior sensibilidade em determinados ciclos e cenários econômicos (Wachter, 2020).

Uma das principais características do mercado de trabalho brasileiro, e que se estende a muitos outros países localizados no hemisfério sul e não pertencentes a regiões da economia central, é manifestar-se altamente segmentado. Essa segmentação pode ser entendida como uma acentuada heterogeneidade do próprio mercado de trabalho, corporificada por diferentes extratos e grupos sociais. A existência destes grupos destaca a presença de indivíduos particularmente vulneráveis – refere-se aos jovens –, no que tange à busca e a obtenção do seu primeiro emprego, que em meio ao desafio de sua primeira ocupação podem experimentar períodos instáveis e relativamente longos de desemprego, vislumbrando baixas perspectivas de salários e plano de carreira (Santos, 2020).

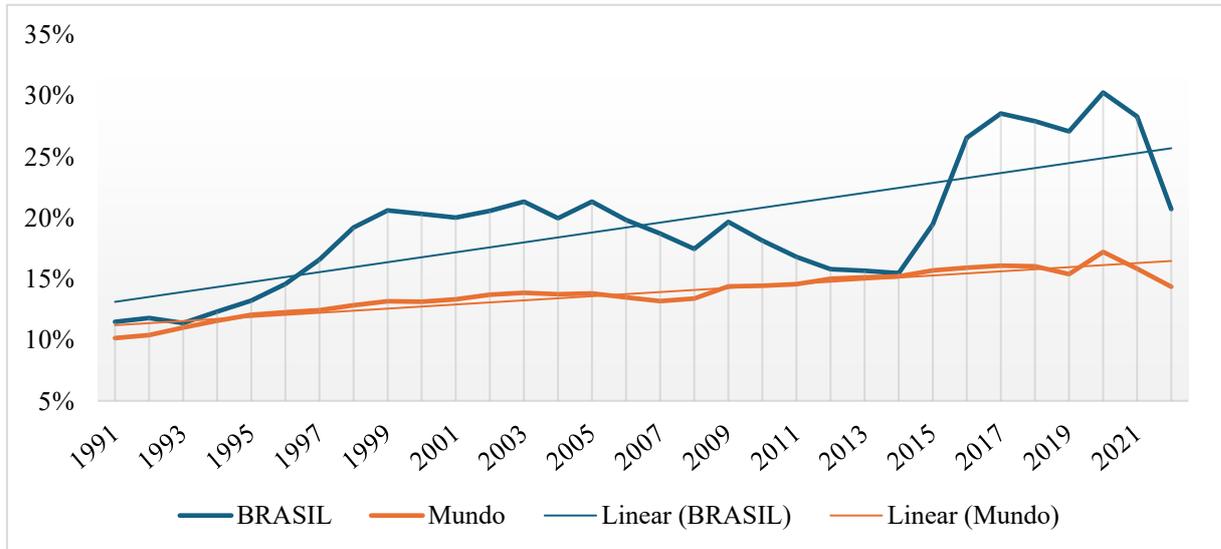
O acirramento competitivo global entre os agentes econômicos no presente século promoveu mudanças no sistema econômico mundial como um todo, a fim de se adequar aos novos instrumentos de extração de *mais-valia*. Que, por sua vez, promove redefinições radicais nas relações de trabalho (Rocha, 2008).

Essas mudanças nas relações de trabalho se relacionam com a transformação do modelo produtivo, a exemplo da Europa, que durante a segunda metade do século XX, tinha um mercado de trabalho predominantemente masculino, constituído de trabalhadores manuais assalariados de tempo integral (Blossfeld; Hans-Peter; Drobic; Sonja, 2001). O qual entra em colapso no instante em que o modelo fordista de produção se pôs em crise, colocando em declínio a era das profissões manuais e inaugurando a criação de empregos de escritório e a alavancagem da demanda por mão de obra qualificada (Lamonica, 2018). As alterações econômicas anunciadas nos processos produtivos e as mudanças no padrão de consumo, apontaram para alta no desemprego, em especial do desemprego estrutural, dado pela ausência de qualificação para ocupação dos postos oferecidos pelo mercado (Silva *et al.*, 2018). Esse movimento proporcionou, conforme observado por Levy (1987), o aumento de um modelo de trabalho caracterizado por ofícios mal remunerados e o surgimento de uma classe de trabalhadores que detinham mão de obra precária, flexível e com baixas perspectivas de remuneração. Após a década de 1980, as transições se tornaram processos cada vez mais desinstitucionalizados.

Ainda que o papel do Estado e do Mercado de Trabalho na definição dos percursos da vida continue sendo fundamental, observa-se uma progressiva expansão das transições entre as várias fases, devido, por um lado, à estagnação econômica e por outro, à precariedade do emprego oferecido (Lamonica, 2018).

A crise do emprego enfrentada pelas economias de centro na década de 1980 atingiu o Brasil incisivamente durante os anos de 1990, que impactou de forma mais acentuada o contingente de jovens recém-saídos da escola (Aquino, 2009). Esse *continuum* de modificações na base da estrutura produtiva são percebidas e intensificadas desde seu apogeu na década de 1980 até o período recente, conforme é demonstrado na Figura 2.

Figura 2 – Desemprego total de jovens (% do total da força de trabalho com idades entre 15 e 24 anos) (estimativa modelada da OIT).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em microdados da ILOSTAT, 2024.

A natureza estrutural dos fatos auxilia na compreensão do fenômeno de segmentação do mercado de trabalho, que por conseguinte dificulta o acesso dos jovens a empregos estáveis e bem remunerados, conforme corrobora Rocha (2008, p. 534) “[...], são os jovens os mais diretamente afetados pelo contexto adverso do mercado de trabalho, uma vez que, normalmente, já estão em situação de desvantagem devido às suas características específicas, como a falta de experiência e a busca de experimentação”. Além disso, a crescente mudança na estrutura do mercado de trabalho e a exigência por ofícios com altos níveis de qualificação impactam diretamente a inserção profissional daqueles em um contexto de competição global impulsionado por revoluções tecnológicas (Guimarães, 2006).

Ocorre uma intensificação deste cenário de reestruturação do mercado de trabalho nos anos subsequentes à pandemia de Covid-19, durante o período de 2020 a 2023, ao adotar medidas de isolamento e contenção da propagação do vírus (Wachter, 2020). Nos quais muitos dos postos de trabalho, que até então existiam, passaram a assumir outras formas ou em alguns casos, deixaram de existir.

Um relatório emitido em 2022 pela *International Labour Organization* (ILO), destacou a situação dos jovens no mercado de trabalho como preocupante, a força de trabalho dos jovens se recuperou acima da tendência; porém uma parte proporcionalmente significativa não estava em busca de nenhuma forma de treinamento e continuava enfrentando grandes obstáculos para retornar ao trabalho (ILO, 2022). Com isso, é recorrente observar que o problema de absorção dos jovens no mercado de trabalho é um obstáculo que abrange dimensões globais e evidencia novas faces em meio a conflitos sociais.

A evolução do desemprego dos jovens evidentemente leva ao aumento do descolamento da taxa de desemprego geral, o que significa que muitos indivíduos dentro dessa categoria e ainda inclusos na situação mencionada acima, passam a não mais buscar por trabalho (Hasenbalg; Silva, 2003). Em documento emitido pela Deloitte (2023) é destacado que muitos jovens da chamada Geração Z (nascidos entre 1995 e 2003) ainda vivem com seus pais ou responsável. O que pode indicar um comportamento instável em relação a sua vida profissional, quando comparado àqueles que são chefes de família e não moram com os pais, o que pode ou não ser inferido, em alguns casos, devido a situação financeira da família.

O fenômeno de alargamento do período em que uma parte significativa dos jovens permanece na casa dos pais, e encarados como dependentes no enquadramento familiar, tem feito estudiosos, pesquisadores familiares e ainda profissionais da saúde mencionarem a possibilidade de alongamento da juventude (Bennett; Blundell; Salvanes, 2020).

Corroborando Camarano (2006) a descrição de que, contudo, o limite etário elevado na literatura e nas pesquisas estatísticas domiciliares é 25 anos, ensaios e estudos contemporâneos e até mesmo o Estatuto Brasileiro da Juventude consideram o indivíduo jovem, aqueles localizados entre 15 e 29 anos de idade. Conforme descreve Aquino (2009, p. 27) “[...] a incerteza de entrada na vida profissional alia-se o conforto e a tolerância do meio familiar, a corrida para a obtenção do diploma e o prazer da sociabilidade juvenil, o que contribui para o retardamento na incorporação de papéis adultos”. Tanto no amor quanto no trabalho, o processo de formação de identidade começa na adolescência, mas se intensifica na fase da adultez emergente (Arnett, 2023).

Porém, ao encarar o processo de desestruturação do mercado de trabalho em países que em fase de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, e de países que ainda se encaixam na categoria de subdesenvolvidos. É contumaz analisar este segmento econômico pelo lado da “oferta” de mão de obra dos jovens, “[...] a juventude foi tradicionalmente tematizada como fase transitória para a vida adulta, o que exigiria esforço coletivo – principalmente da família e da escola – no sentido de “preparar o jovem” para ser um adulto socialmente ajustado e produtivo” (Aquino, 2009, p.25). Assim, a chegada da vida adulta emergente e a saída do lar familiar é uma oportunidade para os jovens se inserirem no sistema produtivo.

De certa forma, ao evidenciar o processo de transição escola/trabalho, algumas abordagens têm como uma de suas teses centrais a busca desses indivíduos por emprego de maneira a alcançar a sua independência financeira, além da saída da casa de seus familiares. Sendo uma estratégia de “afrouxar” as despesas domésticas de seus responsáveis e/ou também a obtenção de um *status*, compatível com seus anseios (Guimarães, 2006).

É possível salientar ainda que, o desemprego juvenil, dado as condições econômicas de determinados países e seus diferentes níveis de proteção social, a taxa de desemprego entre jovens será mais alta quando comparada a dos indivíduos não jovens. “Nos países subdesenvolvidos a taxa de desemprego entre os jovens supera de quatro a seis vezes a taxa de desemprego dos não jovens, já nos países desenvolvidos a grande diferença está na elevada taxa de desemprego juvenil de longa duração” (Souza, 2020, p. 32). A transição para a idade adulta tornou-se tão prolongada que constitui um período separado da vida, nos países desenvolvidos, durando quase tanto quanto a adolescência (Arnett, 2023).

O mercado de trabalho do jovem é percebido de forma distinta, dado que a realidade da construção socioeconômica de diferentes países, passa a ser considerada como uma condicionante na escolha do jovem que opta por trabalhar e/ou estudar e caso contrário. Conforme destaca Biavaschi *et al.* (2012), entender a necessidade do indivíduo jovem que busca trabalho, mediante a dicotomia escola/trabalho, se torna relevante para o desvendamento do fenômeno do desemprego em países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Em grande parte dos países, fatores institucionais, em especial países em processo de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, há presença de fatores teóricos e convencionados que indicam a manifestação do desemprego jovem. Entre estes, destacam-se a sua própria taxa natural de desemprego que tendem a ser muito maior em comparação à outras faixas etárias e a instabilidade e sensibilidade dos ciclos econômicos em determinado período (Layard; Nickell; Jackman, 2009). O que impacta diretamente os níveis de empregos dessa parcela, uma vez que, em cenários de crise e recessão econômica a taxa de desemprego é impulsionada exponencialmente (Freeman; Wise, 1982; Ferreira, 2016).

A identidade assumida em relação ao desemprego dos jovens em países de centro e periféricos é transcendida ao adicionar a subjetividade da escolha do jovem frente à sua condição socioeconômica. Indivíduos que se encontram numa posição de marginalidade tendem a permanecer desempregados por curtos períodos (Silva; Clementino, 2013). Colocando-os em situações de trabalho precário com pouca ou nenhuma proteção social. “A precariedade material das famílias e a inexistência (ou insuficiência) de aparatos de proteção social não permitem que o jovem permaneça por períodos mais alargados no desemprego” (Souza, 2020, p. 26). Em contraposição, tanto em países periféricos como centrais, os jovens que apresentam elevada renda familiar tendem a manifestar pouca emergência em participar do mercado de trabalho, pois tem a garantia de ocupação quando decidirem ingressar nele (Souza, 2020).

Ao comparar a evolução da taxa de desemprego de longa duração em países centrais e periféricos, estes últimos apresentam uma taxa menor, pois “de forma complementar, países em desenvolvimento, há evidências de que a taxa de informalidade também é significativamente mais alta para jovens do que para os trabalhadores de outras faixas etárias” (Corseuil; Franca; Poloponsky, p. 504, 2020). E ainda argumentando com Sousa (2020) soma-se a relação à falta de oportunidades de empregos dignos, ocasionados pela desestruturação do mercado de trabalho. Corseuil; Franca e Poloponsky (2020) concluem ainda que, dado o contexto enfático da informalidade no Mercado de Trabalho jovem, é verificável que essa categoria apresenta altas taxas de rotatividade que se relacionam com altas taxas de desemprego, impulsionadas pelo tenaz exercício laboral do jovem em postos de trabalhos informais.

Quando levado à explicação do desemprego juvenil pela métrica dos ciclos econômicos é destacado que, em consequência de viver em algum país periférico, que por natureza apresenta maiores taxas de desemprego, os jovens buscam sua rápida alocação no mercado de trabalho (Demetri, 2021). Tal decisão, faz com que seu acúmulo de capital intelectual seja reduzido, o que diminui as suas expectativas de proteção social frente a projetos de mudança da estrutura produtiva do setor em que está inserido (Krein, 2007).

Gertler (2020), assegura que, em períodos de instabilidade econômica, os contratantes introduzem às suas preferências maiores exigências em relação à força de trabalho. Que passa a contratar trabalhadores com mais experiência para ocupar até mesmo vagas que não exigem nenhuma proficiência (Cunha; Araújo; Lima, 2011). A fim de encolher e anular os custos com o treinamento de jovens, além da aversão com os custos de rotatividade deste. Diante do entendimento comum da posição do trabalhador jovem em face ao mercado de trabalho é de *práxis* que essa atitude, enquanto empregador, afeta de forma incisiva sua alocação profissional (Cacciamali; Tatei, 2017). Logo, o ofertante de trabalho levanta consciente e espontaneamente barreiras de entrada para o jovem no mercado de trabalho.

Assim, ao se comparar as distinções das relações de trabalho de jovens e adultos, é possível observar que, o trabalhador jovem apresenta menores chances de ocupar vagas de contrato permanente, sendo evidente sua alocação em contratos temporários e trabalhos informais (OIT, 2017). Dessarte, há o crescimento do número de jovens que optam por empregos em tempo parcial ou temporários. Visto que, os empregos estáveis, os quais outrora ocupados por gerações anteriores se tornaram escassos e difíceis de se corporificarem, justificando-se pelo novo modelo de organização laboral adotado (OIT, 2013).

Indo para a esfera doméstica, tendo em conta os aspectos levantados pelas abordagens anteriores, há que se notar a existência de problemas intrínsecos aos países periféricos,

explorados superficialmente quando tratado em países desenvolvidos (Martins, 2017). Estudos como os de Schneider e Rodarte (2006), Rosário *et al.* (2009) abordam a temática da rotatividade, do desemprego e da informalidade indicando que mesmo em trabalhos formais, a rotatividade é extremamente alta entre os jovens. Contribuindo dessa forma para a alta do desemprego nessa faixa etária.

O jovem enfrenta diversas dificuldades na busca pela construção de sua autonomia financeira, sendo no mercado de trabalho onde mais encontra dificuldades em virtude da precariedade e das condições a que estão expostos (Sousa, 2020). Essas dificuldades tornam-se evidentes quando se observa que muitos jovens migram para trabalhos informais e altamente flexíveis, intensificando o número de contratos temporários em uma tentativa de evitar o desemprego, especialmente em períodos de crise econômica (Wickert, 2006).

Em face da atual conjuntura econômica mundial, portanto, após a crise econômica que reverbera desde 2008 e a crise sanitária global iniciada em 2020, que durou 3 anos e que transformou de forma rápida e acentuadamente a estrutura do mercado de trabalho. Entender o comportamento do indivíduo jovem ao ingressar no mundo do trabalho pode contribuir para a compreensão de seu processo de permanência ou descolamento (Carvalho, 2021). Assim, diante das novas possibilidades e do novo comportamento espreitado pelo século XXI, o processo de decisão dos jovens para conseguir um emprego se torna ainda mais complexo (Souza, 2024).

2.3 EFEITO TRABALHADOR ADICIONAL PARA OS JOVENS DEPENDENTES

A entrada do jovem no mercado de trabalho consolida-se por incursões que demarcam a distribuição do seu tempo entre lazer, estudos e trabalho, sendo que, em alguns casos, ao se tornarem chefes de família, são impelidos a adiantarem compulsoriamente sua entrada (Jatobá, 2004; Oliveira, 2005; Andrade, 2023). Ao estabelecer os elementos que influenciam as decisões dos jovens ao entrarem no mercado de trabalho, é possível compreender o impacto adicional que têm na família enquanto dependentes e se isso se manifestará positivamente na contribuição para a renda do chefe do domicílio (Duarte, 2023). Convencionalmente, delimitar-se-á a fase da juventude até os 29 anos de idade (Arnett, 2023).

A ocorrência do efeito trabalhador adicional é descrita pela literatura como a capacidade dos membros de uma família oferecerem trabalho em períodos de desocupação por parte de seus chefes. Em geral, os estudos destacam os efeitos decorrentes da entrada da esposa no Mercado de Trabalho (Oliveira et al., 2014; Andrade Jacinto; Caetano, 2011). A exemplo disso é pontuado Fernandes e Felício (2002), pioneiros na mensuração desse indicador para esposas.

Quando Oliveira (2005), adaptando a metodologia deste aplicou a hipótese do efeito trabalhador adicional aos filhos das famílias.

Dois pressupostos são distinguidos por Oliveira *et al.* (2014), que levam os domiciliares a inserir algum de seus membros como forma de aumentar a renda familiar. Esses pressupostos são concebidos em lares chefiados por homens, onde há um forte indicativo de que há esposa e filhos, denominados famílias nucleares convencionais. Em casos em que o domicílio é chefiado por mulheres, a composição da família é diversa, com relações de parentesco variadas (Batista; Costa, 2019). Em famílias com estruturas tradicionais, é comum que o próximo membro a exercer atividade laboral remunerada seja inicialmente a esposa e posteriormente o filho mais velho. Em domicílios com estruturas distintas, como nos casos de mulheres chefes de família, essa função é delegada aos filhos (Antigo *et al.*, 2023).

Em momentos de crise ou recessão, quando há redução do consumo familiar ou desocupação por parte do chefe da família, as famílias tendem a oferecer unidades adicionais de mão de obra sequencial ou simultaneamente, com a finalidade de compensar essa perda ou redução de rendimentos do chefe (Brito, *et al.*, 2018). Da mesma forma que aumentos do número de dependentes, filhos, incorre muitas vezes da situação orçamentária e da renda obtida pelo chefe do domicílio, equacionando instintivamente um cálculo de Custo de Oportunidade. Nesse sentido Campêlo e Silva (2005), presumem a isto como forma de medir a preferência dos pais por terem filhos do sexo masculino ou feminino, os quais aplicaram modelos quantílicos, em dados da PNAD de 1999 de modo a capturar seu efeito sobre a renda domiciliar destas famílias.

A partir desse fenômeno, verifica-se que o aumento do número de desocupados leva os demais membros do domicílio a serem inseridos na PEA, ao quais involuntariamente somam-se no aumento desemprego total. A curto prazo esse número pode apresentar uma falsa sensação de queda, pois os indivíduos em busca de emprego podem ser empurrados para assumir empregos informais ou subocupações (Rifkin, 2004).

Em consequência disso, o salário — que é a variável chave para a entrada ou retomada ao mercado de trabalho — sofrerá flutuações negativas devido tanto ao excesso de oferta de mão de obra em relação à demanda quanto ao cenário de recessão econômica. Nessas circunstâncias, o processo decisório de trabalhar ou não pode se tornar mais difícil, uma vez que salários baixos motivam a saída dos indivíduos que buscam emprego (Silva; Vaz, 2020). O que resulta em aumentos do número de desalentados, conceito este que se refere àqueles que deixam de procurar trabalho (Gonzaga; Reis, 2011).

As variações nos salários dependerão dos efeitos gerados por esse fenômeno no mercado de trabalho, que incluem a promoção do desalento ou do trabalho adicional (Ehrenberg; Smith, 2000). Contraditoriamente, o impacto da redução da renda não deveria ser significativamente percebido pelo choque de desemprego do chefe do domicílio, pois isso não afetaria a renda permanente a curto prazo. No entanto, em economias, especialmente em desenvolvimento, como o Brasil, onde muitos domicílios enfrentam restrições de crédito, qualquer oscilação na renda temporária da família pode ter impactos significativos em seu orçamento (Fernandes; Felício, 2005; Barbosa Filho, 2017).

Em suma, muitos estudos que analisam a perpetuação desses efeitos enfatizam sua ocorrência quando a esposa entra no mercado de trabalho diante do desemprego do marido (Oliveira *et al.*, 2014; Gonzaga; Reis, 2011; Brito, *et al.*, 2018). Oliveira (2005) testou essa hipótese com base na metodologia de Fernandes e Felício (2005) em relação aos filhos com idade entre 10 e 18 anos, revés de não ter apresentado significância estatística.

No entanto, as características dos diferentes formatos familiares ao redor do mundo, seja em países periféricos ou centrais, podem manifestar diversas formas de adaptação diante de períodos de crises econômicas (Antigo, *et al.*, 2014). Nesse sentido, destacam-se os efeitos observados dentro dos domicílios durante o período de isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19. De acordo com dados da OIT (2022), houve um considerável aumento no número de jovens desalentados como resultado do aumento da taxa de NEM-NEM, que se refere àqueles que não trabalham e nem estudam.

Em alguns casos, isso também aumenta a probabilidade de os jovens continuarem seus estudos, considerando outras variáveis. Menezes Filho *et al.* (2014) corroboram essa ideia ao estimar que um aumento na renda domiciliar dos pais resulta em maior investimento na educação de seus filhos. Os autores justificam ainda que a probabilidade de os filhos ofertarem sua mão de obra é negativamente relacionada com a renda de seus responsáveis. No entanto, mesmo que esses jovens estejam na PEA e estudando, e ainda morem com seus responsáveis, o dinheiro que ganham com seu trabalho não impacta necessariamente o orçamento familiar. Isso ocorre porque os gastos que fazem são destinados principalmente a si mesmos, não beneficiando necessariamente toda a família.

Organicamente, trabalhos anteriores como os Cabanas; Komatsu e Menezes Filho (2015) que tratam da identificação de variáveis que influenciam a decisão entre trabalhar e estudar, se limitaram a jovens de 15 a 24 anos, entre os anos de 1992 e 2012. Também se destaca Silveira e Siqueira (2021) que identificaram padrões de segregação ocupacional de renda por gênero e raça no Brasil, mas com um recorte específico de pessoas com 26 e 35 anos, entre

1995 e 2005. Galvão e Queiroz (2017) também contribuem para a construção de um retrato do mercado de trabalho juvenil, por meio de uma análise comparativa entre jovens de 15 a 29 anos do Brasil e do Ceará nos anos de 2004 a 2014, utilizando microdados da PNAD anual para o período.

Ao considerar aqui os casos em que há desocupação de jovens entre 18 a 29 anos considerados dependentes, logo, aqueles não chefes de domicílio, tornam-se relevantes para investigar o efeito desalentador antes, durante e logo após o período da crise sanitária global que ocorreu entre 2020 e 2023. Corroboram Gonzaga e Reis (2011), Costa, Barbosa e Hecksher (2021), situações como essa fazem com que um número significativo de pessoas dos grupos PEA e PIA deixe de procurar emprego, porque acreditam que os custos da busca são superiores aos benefícios esperados em termos de renda.

Assim, ao tratar da problemática levantada acima, traçar um panorama abordando um período crítico de pandemia (2019-2023) com uma parcela da população jovem. Neste caso de jovens e adultos emergentes de 18 a 29 anos de idade, que ainda residem com seus pais ou responsáveis, permite compreender implicações no interior da estrutura do mercado de trabalho brasileiro e suas transformações. A tratativa integrada das possíveis variáveis socioeconômicas que constituem a decisão entre trabalhar e/ ou estudar, utilizando uma base teórica sólida combinada a dados empíricos como microdados fornecidos por pesquisas domiciliares pode proporcionar uma compreensão mais profunda deste fenômeno.

3 METODOLOGIA E BASE DE DADOS

Em vias de justificativa quanto aos métodos aqui utilizados, esta dissertação repousa na utilização do método indutivo, que ao lançar a análise por meio de observações de dados específicos, pode-se alcançar um modelo de conclusão de uso geral (Severino, 2007). O objeto de estudo das pesquisas se refere a jovens – em especial àqueles entre 18 e 29 anos de idade – fazendo parte ou não da população ocupada no Brasil, no período de 2019 e 2023. Apresenta-se a seguir os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa, que permitem, por sua vez, atingir o cumprimento dos objetivos indicados nesta pesquisa.

3.1 MÉTODO DE ANÁLISE DESCRITIVA

Para alinhar com os objetivos desta pesquisa, uma das categorias metodológicas a ser explorada é a estatística descritiva, com foco em descrever o comportamento das variáveis principais e como elas influenciam o grupo de jovens adultos de 18 a 29 anos na decisão entre trabalho e estudo, incluindo suas combinações, e a renda média. As variáveis principais são a decisão entre trabalho e estudo e a renda média.

As médias das variáveis dependentes (estudo/ trabalho e renda) serão cruzadas com as características socioeconômicas dos jovens com idade entre 18 e 29 anos. A análise estatística descritiva oferece ferramentas úteis que permitem visualizar de forma clara e objetiva as informações que os dados contêm, são elas: gráficos, tabelas, medidas de síntese, médias e porcentagens (Hoffmann, 2016).

Com isso, serão comparadas as médias de renda para identificar padrões e tendências, utilizando tabelas para facilitar a interpretação dos resultados. A discussão a partir da estatística descritiva permitirá interpretar os padrões observados e identificará os fatores influentes, como condições econômicas e apoio familiar. O Quadro 1 apresenta um resumo das principais variáveis escolhidas para a análise.

Quadro 1 – Variáveis para análise de Condições de Trabalho e Estudo.

Médias Dependentes	Médias das características socioeconômicas
Estudo / Trabalho (Estuda e Trabalha Só Estuda Só Trabalha Nem Estuda e Nem Trabalha)	Sexo
	Cor ou Raça
	Região
	Tipo de Residência
	Nível de Instrução
	Rendimento Domiciliar do Trabalho <i>per capita</i>
	Relação de Parentesco

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Essa metodologia ancora-se em estudos anteriores, como de Nunes e Almeida (2016) que permitiram perceber a relação entre variáveis consideradas chaves em um processo de escolha e as que de alguma forma exercem influência quando combinadas com elas. A análise será realizada com softwares estatísticos como Excel e *Stata for windows*, usando tabelas como ferramenta de visualização de dados.

3.2 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO MODELO ECONOMÉTRICO

Neste tópico, propõe-se apresentar a interface dos modelos econométricos que serão estimados. O tratamento dessas equações está fundamentado na teoria desenvolvida por Mincer (1974) e Long (1957), contribuindo para elucidar o impacto das diferentes características socioeconômicas na perpetuação ou interrupção da educação entre jovens de 18 a 29 anos que não são chefes de domicílios.

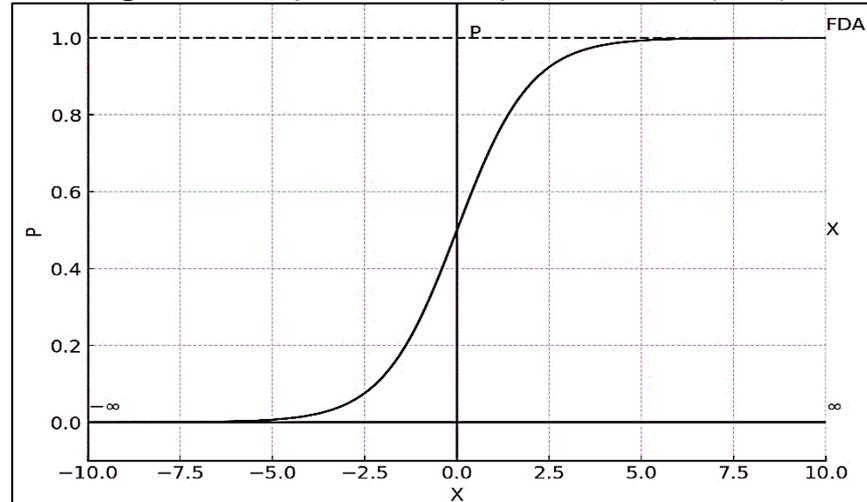
3.2.1 Modelo *Logit Multinomial*

Dentre os modelos de estimação convencional usados em ensaios econômicos, em que a resposta esperada, equacione valores dicotômicos de 0 e 1, sendo estes os chamados modelo *Probit* ou modelo *Logit*, os quais apresentam resultados que inferem a probabilidade de ocorrência de um evento. Caso a estimativa dos parâmetros a serem calculados usando um modelo de probabilidade linear, é certa a ocorrência de uma série de problemas, como: não normalidade de u_i , heterocedasticidade de u_i , estimar \hat{y}_i fora do intervalo de 0~1, e a equação de valores em geral mais baixos para R^2 . Duas propriedades fundamentais devem ser cumpridas, sendo elas: deve variar em relação a probabilidade relativa de y_i e não ficar fora do intervalo de 0~1; a probabilidade de y_i e x_i não deve ser linear (Gujarati, 2011). A heterocedasticidade e a não normalidade dos resíduos são inerentes a esses modelos, mas a estimação por máxima verossimilhança as contorna. Além disso, o R^2 tradicional é substituído por medidas como o pseudo- R^2 , mais adequadas para variáveis discretas. O Modelo de Probabilidade Linear (MPL) foi descartado por gerar previsões incoerentes (fora do intervalo [0,1]) e assumir efeitos marginais constantes, o que pode ser incompatível com a substituição observada entre as categorias.

Sistematicamente, o uso da Função de Distribuição Acumulada (FDA) é realizado em modelos de regressão que apresentem proposições dicotômicas – assumindo dois valores. Essa função tem um formato de S e informa a probabilidade de uma variável aleatória $x \leq x_0$

específica. Cada variável aleatória apresenta uma FDA correspondente, sendo usada para visualizar sua distribuição em um modelo logístico (Gujarati, 2011)

Figura 3 – Função de Distribuição Acumulada (FDA).



Elaborado pelo autor, 2024. in Gujarati, 2011.

O modelo *Logit Multinomial* é uma extensão do modelo *Logit* binário, sua funcionalidade é a de prever a probabilidade de ocorrência de eventos que podem ultrapassar mais de duas categorias, tendo a capacidade de captar e oferecer resultados, em circunstâncias em que a variável de resposta é qualitativa e apresenta múltiplas categorias. Além disso conforme explica Gujarati (2011), o modelo incorpora às categorias da variável dependente a exclusividade e a ausência de multicolinearidade.

Em primeiro plano procedeu-se as diferentes combinações da variável em análise, a saber, a escolha entre “Trabalho-Estudo” de jovens com idade entre 18 e 29 do Brasil no primeiro trimestre de 2019 e o último trimestre de 2023, tendo como variáveis explicativas para essa decisão as características socioeconômicas apresentadas por eles.

Logo, em um primeiro momento sabe-se que a variável dependente se caracterizará como uma variável categórica denominada “Trabalho-Estudo”. Assim, dado o modelo *logit multinomial*, as possíveis combinações que os jovens poderiam se localizar, são: Só Estuda ($y = 1$), Estuda e Trabalha ($y = 2$), Trabalha e Não Estuda ($y = 3$) e Nem Estuda Nem Trabalha ($y = 4$).

Sendo representada pela seguinte expressão:

$$P_j(y = j | x = i) = \beta' \quad (1)$$

Sumarizando; y é o vetor da variável da variável dependente a ser categorizada, como 1, 2, 3, 4. Cada uma destas categorias é a probabilidade de se assumir um resultado

$(P_{j1}, P_{j2}, P_{j3}, P_{j4})$ e representa a probabilidade de o i -ésimo respondente estar em uma categoria específica.

$j = 1, 2, 3, 4$ representando a probabilidade de o evento j ocorrer ou a probabilidade de o jovem pertencer à categoria j ;

$i = 1, 2, 3, \dots, n$ é o número de observações da amostra;

β é o vetor de parâmetros de x_i em cada categoria;

X é a matriz de características dos jovens.

As variáveis independentes – Matriz X – estão discriminadas conforme mostra o Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Variáveis selecionadas para o modelo *Logit multinomial*.

Variável	Tipo	Descrição
Trabalho-Estudo	Variável Dependente	Variável categórica com as seguintes categorias: - Só Estuda ($y = 1$) - Estuda e Trabalha ($y = 2$) - Trabalha e Não Estuda ($y = 3$) - Nem Estuda Nem Trabalha ($y = 4$)
Idade	Variável Independente	Variável contínua
Sexo	Variável Independente	Variável binária (Feminino = 0, Masculino = 1)
Cor ou Raça	Variáveis Independentes	Variável <i>dummy</i> com a categoria base "Branca"
		- Parda (0 = Não, 1 = Sim)
		- Preta (0 = Não, 1 = Sim)
		- Amarela (0 = Não, 1 = Sim)
Região Geográfica	Variáveis Independentes	Variável <i>dummy</i> com a categoria base "Sudeste"
		- Norte (0 = Não, 1 = Sim)
		- Nordeste (0 = Não, 1 = Sim)
		- Centro-Oeste (0 = Não, 1 = Sim)
Tipo de Residência	Variável Independente	- Sul (0 = Não, 1 = Sim)
		Variável binária (Rural = 0, Urbana = 1)
Anos de Estudo	Variável Independente	Número de anos de estudo completados
Relação de Parentesco	Variáveis Independentes	Variável <i>dummy</i> com a categoria base "Filho(a) do responsável e do cônjuge"
		- Filho(a) somente do responsável (0 = Não, 1 = Sim)
		- Enteadado(a) (0 = Não, 1 = Sim)
Renda Média	Variável Independente	- Neto(a) (0 = Não, 1 = Sim)
		Renda média domiciliar do trabalho <i>per capita</i>

Elaborado pelo autor, 2024.

Ressalva que esse modelo não requer uma ordenação específica entre as j categorias (Powers e Xie, 2000). As variáveis explicativas determinam a probabilidade de escolha, apresentado os diferentes impactos sobre cada variável dependente e discriminando a influência de cada variável independente em diferentes categorias da variável dependente (Pinheiro, 2022). Nesta direção, corrobora na escolha destas variáveis estudos como de Figueiredo e Almeida (2017); Cardoso e Hermeto (2021) e Freitas (2024), os quais adotaram o modelo *logit*

multinomial dividindo a variável dependente Trabalha e Estuda em categorias com suas respectivas combinações e as relacionando com variáveis socioeconômicas de sexo, idade, raça, anos de escolaridade, Condição na família com relação à pessoa de referência no domicílio (referência) e local de residência, entre outras.

Tendo em conta o nosso conjunto de combinações em relação à decisão do jovem em estudar e | ou | só trabalhar e vice-versa, y estará associado a uma probabilidade P_j , indicada por P_1, P_2, P_3, P_4 , sendo a categoria base P_4 .

Com isso o cálculo da probabilidade (Greene; Gujarati, 2003; 2011) de que o jovem só estude, quando $y = 1$ é dado por

$$\frac{P_1}{P_1+P_4} = F(\beta'_1 X) \quad (2)$$

Assim em (2), tem a probabilidade de P_0 , dada a razão de $P_1 + P_y$ sendo uma função de um conjunto de parâmetros multiplicado pela Matriz X . Concomitantemente, a probabilidade de o jovem estudar e trabalhar, ou seja, $y = 2$ se expressa em:

$$\frac{P_2}{P_2+P_4} = F(\beta'_2 X) \quad (3)$$

Em que a razão entre $P_2 + P_y$ é uma função de um conjunto de parâmetros multiplicados pela Matriz X de características.

Para o cálculo das probabilidades das categorias restantes, ou seja, P_3, P_4 repete-se a lógica proposicional às equações (2) e (3), assim quando $y = 3$, ou ainda a probabilidade de o jovem trabalhar e não estudar é dada por:

$$\frac{P_3}{P_3+P_4} = F(\beta'_3 X) \quad (4)$$

Por fim, a probabilidade de o jovem Nem Estudar e Nem Trabalhar, quando $y = 4$ se expressa através da equação (5):

$$\frac{P_4}{P_4+P_4} = F(\beta'_4 X) \quad (5)$$

Atribuindo valores genéricos para as equações de (2) a (5) e representando-as como $\frac{P_j}{P_j+P_y}$, ao dividir o numerador e o denominador por P_y , condiciona a seguinte expressão:

$$\frac{P_j}{P_y} = \frac{F(\beta'_j X)}{1-F(\beta'_i X)} = G(\beta'_j X) \quad (6)$$

Modelando a equação (6) por meio de propriedades matriciais, é incorporada à estimativa dos parâmetros uma equação de natureza exponencial.

$$G(\beta' X) = \frac{F}{1-F} = \frac{\frac{e^{\beta' X}}{1 + \sum_{j=1}^{n-1} e^{\beta' X}}}{\frac{1}{1 + \sum_{j=1}^{n-1} e^{\beta' X}}} = e^{\beta' X} \quad (7)$$

A equação anterior (7) proporciona a solução para estimativo dos parâmetros. Em face do seu formato exponencial, o método de estimação a ser usado é o método (MV) Máximo Verossimilhança, sua função obedece:

$$L = \prod_{i=1}^n P_{i1}^1 P_{i2}^2 P_{i3}^3 P_{i4}^4 \quad (8)$$

Em que se calcula o produto da probabilidade para cada indivíduo i , estar dentro de uma categoria $j= 1, 2, 3, 4$.

Logaritizando a equação (8) incorpora-se:

$$\text{Log } L = \sum_{i=1}^n \sum_{j=1}^4 y_{ij} \log P_{ij} \quad (9)$$

Aplicado a derivada na equação (9) em relação a $\text{Ln} \beta_x$, temos:

$$\frac{\partial \text{Ln } L}{\partial \text{Ln} \beta_k} = \sum_{i=1}^n (y_{ik} - P_{ik}) x_i = 0 \quad (10)$$

Em que k representa o número de parâmetros a serem estimados no modelo.

Devido à natureza não linear em β_k da equação (10) não é possível isolar β , com isso o uso do método iterativo se torna fundamental para solucionar o problema e encontrar as estimativas dos β 's, esse efeito dessa mudança na variável x é observada na probabilidade de ocorrência (Pontili, 2007), dado por:

$$\frac{\partial P_k}{\partial x_i} = P_k [\beta_k - \sum_{j=1}^m P_j \beta_j] \quad (11)$$

A análise do resultado dessa equação é feita a partir da razão de probabilidade, chamada também de *odds ratio*, pois o valor ofertado pelos coeficientes não permite análise do efeito marginal. A razão de probabilidade pode ser interpretada como uma medida de associação de causa e efeito, em cenários que as variáveis utilizadas destacadas são condicionadas a categorias, assim quanto maior o *odds ratio* maior também será o efeito em seu resultado (Pinheiro, 2022). Os métodos elucidados neste tópico serão utilizados com a finalidade de encontrar as probabilidades de ocorrência de umas das categorias da variável dependente “Trabalho Estudo”, induzido por mudanças nas variáveis independentes.

3.2 DADOS

Os dados para a realização desta pesquisa são provenientes da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNADC), realizada trimestralmente e coletada por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A referida base contém dados imprescindíveis para a confecção de estudos, relatórios e pesquisas que tratem da realidade socioeconômica brasileira, oferecendo informações individuais dos domicílios brasileiros. Seus relatórios contêm aspectos que tangem características sobre os rendimentos provenientes do trabalho ou de outras formas de atividade, sejam elas principais ou não.

Ressalta-se que a PNAD contínua foi adotada a partir de 2012, sendo utilizada até hoje. Conforme aponta o IBGE (2024), considerando as diferenças metodológicas entre as pesquisas, logo, entre esta e a PNAD tradicional, realizada de 1967 a 2015, não há como realizar uma comparação direta entre seus resultados. Dado que uma das principais mudanças está em seu plano amostral.

O plano amostral da PNAD Contínua é conglomerado em dois estágios de seleções, estratificados em Unidades Primárias de Amostragem (UPA's – formadas ao menos por um setor censitário). O tamanho da amostra de seus domicílios em cada UPA fixa-se em 14 domicílios particulares permanentes, selecionados por amostragem aleatória simples por meio do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE). A amostra foi limitada neste tamanho devido ser constatado que, um aumento nele não implicaria em uma redução considerável da amostra de UPA's, considerando a homogeneidade dos domicílios em uma mesma UPA (Freitas *et al.*, 2007). O IBGE (2008) ainda indica que a proporção de domicílios visitados pela PNAD contínua é superior a tradicional, o que promove uma maior precisão estatística e cobertura geográfica. As amostras de UPA's e domicílios são divididas entre os três meses de um trimestre, sendo que a entrevista do domicílio ocorre em um mês e sai da amostra nos próximos dois meses seguidos, repete-se cinco vezes. Além disso, no que tange aos questionários há diferenças metodológicas, uma vez que as perguntas realizadas através da PNAD contínua são mais bem detalhadas e de fácil compreensão pelos entrevistados, quando comparadas a PNAD tradicional.

A amostra computada nesta pesquisa se baseou na PNAD contínua referente aos trimestres de 2019 a 2023. Sendo realizadas as seguintes depurações: considerou-se apenas os jovens não chefe de domicílios no Brasil, com idade entre 18 e 29 anos. Para o modelo econométrico *logit multinominal* foram inseridos todos os jovens da amostra. Assim, as informações coletadas foram:

Quadro 3 – Seleção de Variáveis.

Código da Variável (PNADC)	Descrição	Tipo de Variável	Vetor de Resposta
UF	Unidade Federativa onde o jovem reside	Nominal	Centro Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste e Sul
V2005	Condição no domicílio (chefe ou não chefe)	Nominal	Pessoa Responsável pelo domicílio, Dependentes
V2009	Idade do jovem	Contínua	$18 \leq V2009 \leq 29$
VD3004	Nível de instrução	Ordinal	Fundamental, Médio, Superior
V2007	Sexo	Binária	1 (masculino), 0 (feminino)
V1022	Local de residência (urbano ou rural)	Binária	1 (urbano), 0 (rural)
VD4009	Posição na ocupação principal	Nominal	Empregado, Desempregado, Inativo
VD4010	Setores da economia onde está empregado	Nominal	Agricultura, Indústria geral, Construção, Comércio, Transporte...
VD4014	Faixa de horas trabalhadas por semana	Ordinal	Menos de 20 horas, 20-40 horas, Mais de 40 horas
VD4015	Tipo de remuneração	Binária	1 (espécie ou produtos), 0 (outro tipo)
VD4030	Motivo de não procura de trabalho	Nominal	Estudando, Cuidando de familiares, Não quer trabalhar...
VD4005	Condição de desalento	Binária	1 (desalentado), 0 (dentro da força de trabalho)
VD4004	Subocupação	Binária	1 (subocupado), 0 (caso contrário)
VD4002 (TRABEST)	Combinação de trabalho e estudo	Nominal	1 (estuda e trabalha), 2 (estuda e não trabalha), 3 (trabalha e não estuda), 4 (não se enquadra)

Elaborado pelo autor, com base no dicionário de microdados PNADc (IBGE), 2024.

Para a ponderação do banco de dados, foi usada a variável PESO FINAL. A qual permite identificar o fator de expansão (peso) calibrado a partir das estimativas populacionais (Pinheiro, 2022).

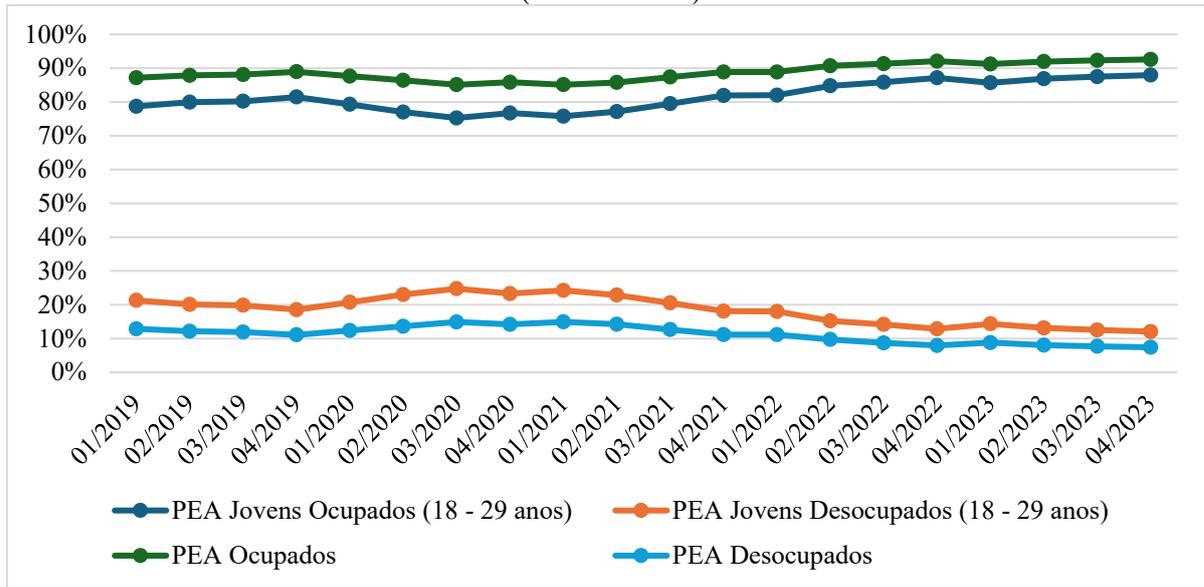
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico será apresentada uma análise descritiva dos dados socioeconômicos coletados, com objetivo de identificar e observar algumas características dos Jovens de 18 a 29 anos de idade durante os intervalos do primeiro trimestre de 2019 ao quarto trimestre de 2023. Essa abordagem preliminar permitirá notar alguns pontos importantes e que, por conseguinte, facilitará a leitura da redação. Logo, a seção formada por três subtópicos a saber: i) iniciando assim com a análise da estatística descritiva das características da população jovem, ii) seguido pela análise preliminar dos dados, utilizando o método de médias cruzadas ou também chamado de tabulação cruzada, e por fim iii) a análise econométrica e elucidação do formato do modelo econométrico aqui proposto.

4.1 ANÁLISE DA ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA POPULAÇÃO

De modo, a traçar um breve retrato das características socioeconômicas dos jovens entre 18 e 29 anos, no Brasil, durante os períodos de 2019 a 2023, optou por utilizar os dados desagregados da PNAD contínua. Na Figura 4, observa-se a diferença entre a Taxa de Emprego e Desemprego Juvenil e a Taxa Geral do país, resultado este indo ao encontro das conclusões de pesquisadores como Silva, et al., (2018), Guimarães (2006) e Souza (2020), que salientam a discriminação praticada contra jovens no Mercado de Trabalho. Ao comparar o primeiro trimestre de 2019 com o último da série, é apontado um aumento na taxa de jovens ocupados. Em um primeiro momento, seu valor era de 78,71% da PEA jovem, já no fim da série ou ainda no quarto trimestre de 2023, o valor assumido foi de 87,94%. Devido à pandemia, diminuiu e atingiu o mínimo de 75,26%, em 2020.

Figura 4 – Evolução Trimestral da PEA de Jovens de 18 a 29 anos *versus* PEA Total do Brasil (2019 – 2023).

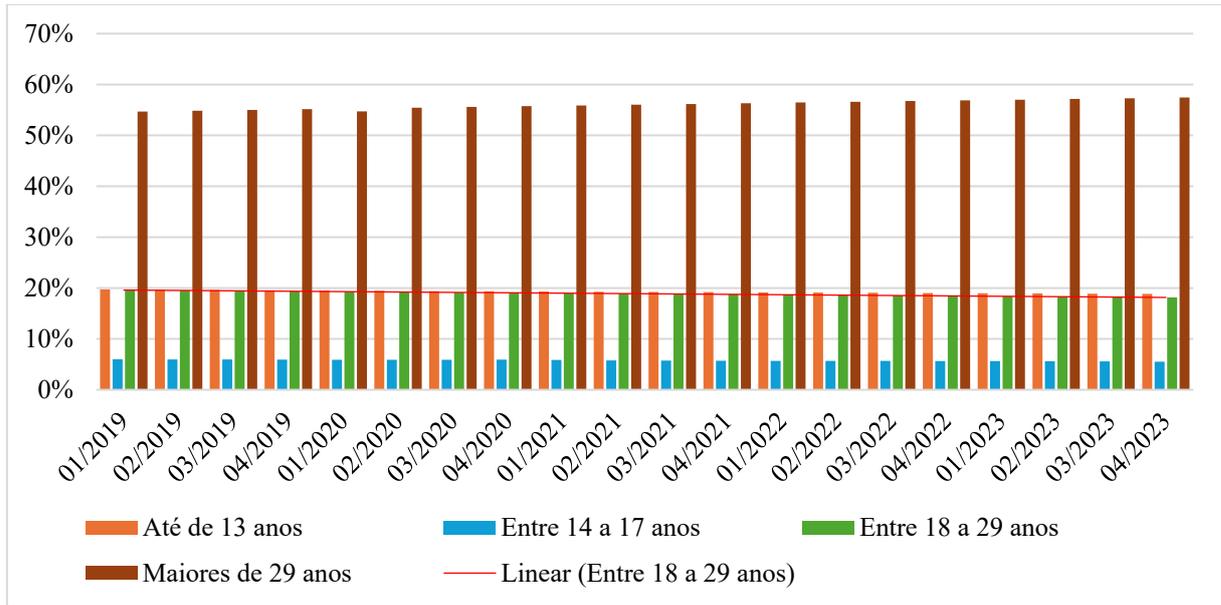


Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Ao olhar pelo lado da desocupação, essa população teve seu ponto mais alto, igualmente, entre os trimestres de 2020, em especial no terceiro trimestre com 24,74%, o que foi compensado pela queda do seu inverso. Já no ano 2023, essa taxa caiu para 7,41%, sendo o menor valor apresentado. Conforme Paulo e Alves (2019) argumentam, o período marcado por uma redução na participação dos jovens é reflexo da própria dinâmica natural da população, que tende a reconfigurar a dinâmica do mercado de trabalho de modo a reduzir a sua participação.

Os dados que dizem respeito à composição etária da População Total brasileira foram subdivididos em quatro grupos de idade, conforme demonstra a Figura 5. Dessa forma, estão no primeiro grupo aqueles com até 13 anos de idade, seguido daqueles entre 14 e 17 anos de idade, e um terceiro, o qual se enfatiza nesta pesquisa, com idade entre 18 e 29 anos. E, por fim, um grupo constituído pelos indivíduos com mais de 29 anos de idade. Diante das observações da Figura 5, é notável uma leve redução no contingente da população de indivíduos com menos de 13 anos de idade, o que pode indicar uma possível redução na Taxa de Natalidade no Brasil, o que se repete para aqueles com idades entre 14 e 17 anos.

Figura 5 – Evolução Trimestral da População Brasileira por faixa etária (2019 – 2023).

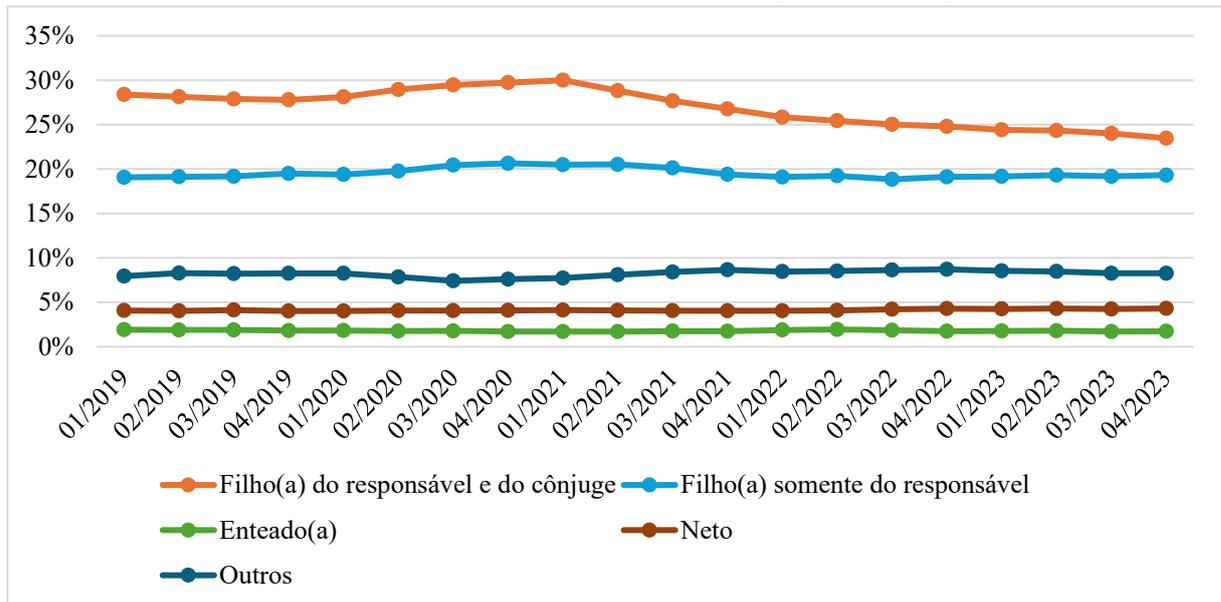


Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Ao considerar a análise dos indivíduos entre 18 e 29 anos de idade, é visualizável, uma redução em seus números ao longo do período, passando de 19,63% em 2019 para 18,17% em 2023, o que pode indicar um envelhecimento da População em Idade Ativa (PIA). Conforme aprecia Cavenaghi (2012), a pirâmide populacional brasileira, antes em maior número jovem, assume um novo formato, sugerindo não apenas alterações demográficas, mas também uma entrada mais tardia no mercado laboral.

A Figura 6, revela os padrões dinâmicos na composição familiar da população em análise. Assim, destaca-se que, a categoria “Filhos do responsável e cônjuge” é a mais representativa ao longo do período, com seus percentuais em torno de 20% a 30%. No advento da pandemia de Covid-19 ocorre o aumento observado destes jovens, os quais intervêm a com taxa de 30% no primeiro trimestre de 2021. O que pode ser um dos resultados da crise econômica iniciada pela pandemia, que fez com que muitos jovens retornassem para a casa de seus pais, devido à objeções do mercado de trabalho, tais como a perda de emprego e a redução de sua renda. Corroborando com a reivindicação de Camarano e Kanso (2018), os lares biparentais se manifestaram como principal estrutura de apoio para os jovens, mesmo em contextos de crise econômica.

Figura 6 – Distribuição Trimestral de Jovens de 18 a 29 anos de idade por Relação de Parentesco com o Chefe do Domicílio (2019 – 2023).



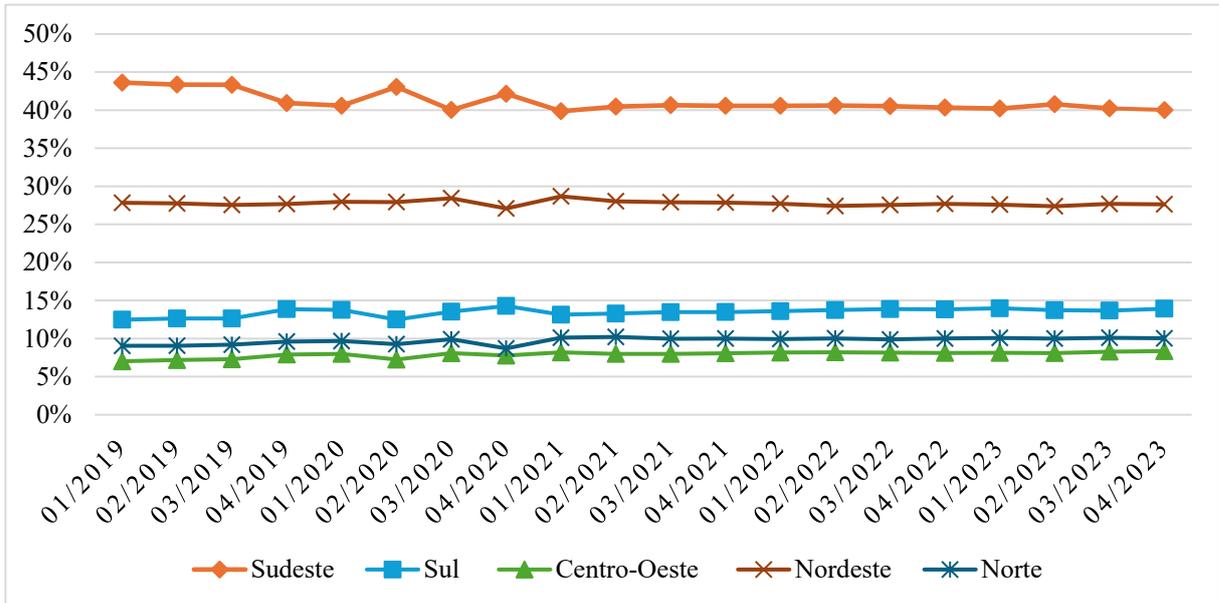
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Em contraste, a categoria “Filho(a) somente do responsável” apresentou valores uniformes, em torno dos 20%. Essa tendência pode estar associada a processos próprios de sua composição familiar, a qual permite identificar que a ausência de um dos pais no domicílio permaneceu constante ao longo da série.

Por fim, as categorias “Enteadado(a)”, “Outros” e “Neto” mantiveram-se abaixo de 10% em todo o período, indicando uma participação marginal desses arranjos na composição domiciliar. As pequenas flutuações observadas podem estar vinculadas a instabilidades pontuais em dinâmicas familiares não convencionais, como separações ou rearranjos afetivos, que impactam temporariamente a configuração dos domicílios.

Dada a composição da dinâmica familiar e a relação de dependência desses jovens de 18 a 29 anos com o responsável pela unidade familiar, torna-se interessante desvendar como eles se distribuem nas diferentes regiões geográficas do Brasil. Essa informação pode ser visualizada na Figura 7.

Figura 7 – Distribuição Trimestral da População Jovem de 18 a 29 anos de Idade por Grandes Regiões Geográficas (2019 -2023).



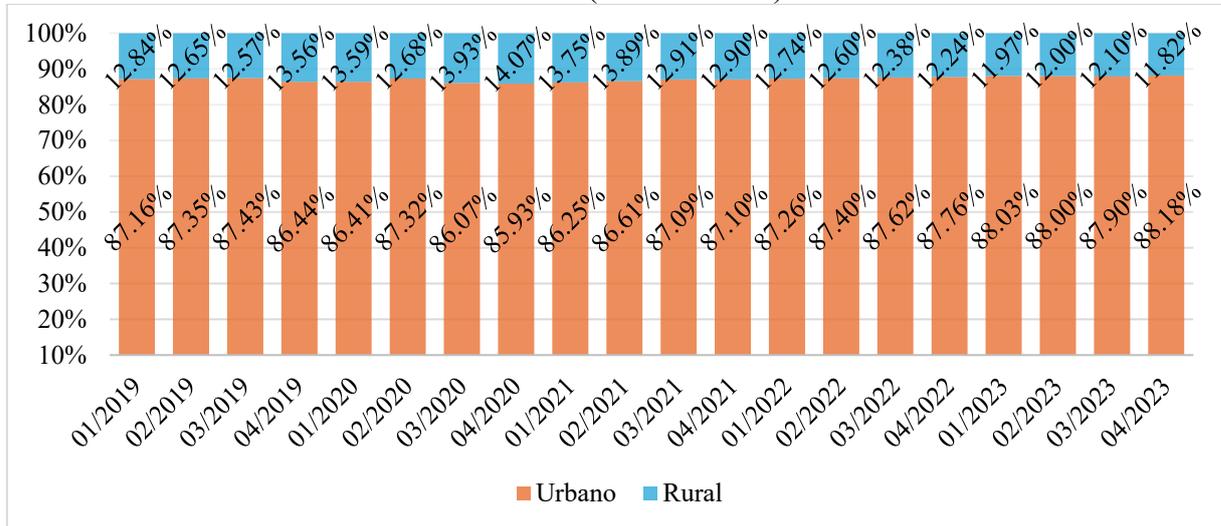
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

A Figura 7, mostra que ao longo do período, os estados do Sudeste experimentaram variações na proporção de jovens entre 18 e 29 anos. No primeiro trimestre de 2019, a taxa inicial era de 43,62%, apresentando uma diminuição gradual, intercalada por pequenos momentos de recuperação. A partir do segundo trimestre de 2020, ocorre uma queda contínua, que culmina em uma taxa de 40,04% no último trimestre da série. É possível, ainda salientar que a proporção de jovens na região Nordeste foi significativa, com 27,83% em 2019 e 28,43% no primeiro trimestre de 2023. As regiões, Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sul, apresentaram valores reduzidos que se mantiveram constantes com pequenas oscilações entre os dois períodos. Diante da informação é possível assinalar que os jovens no Brasil em sua maioria concentram-se nas regiões Sudeste e Nordeste, seja pela formação total de seu contingente, ou ainda pelo movimento migratório destes para grandes centros cosmopolitas (Corrachano, 2008).

A proporção de jovens que residem no meio urbano, como esperado, manteve-se estável, como mostra a Figura 8. No primeiro trimestre do intervalo analisado, apresentou uma taxa de 87,16%, registrando ao final da série, em 2023, um leve aumento de 1,02 pontos percentuais. O aumento na concentração de jovens em grandes centros urbanos, como demonstra Assis Paula e Pires (2023), justifica-se devido à sua necessidade de expandir seus espaços de interação e buscar a desejada reafirmação social. Cabe notar um movimento atípico destes jovens que se concentravam em centros urbanos, os quais apresentaram uma leve redução durante o terceiro e quarto trimestres de 2020, indo de 87,32% para 86,06%. Esse movimento deve-se em parte

aos impactos atribuídos pela pandemia de Covid-19, fazendo com que muitos jovens retornassem para casa dos seus pais, dentre alguns localizados em áreas rurais.

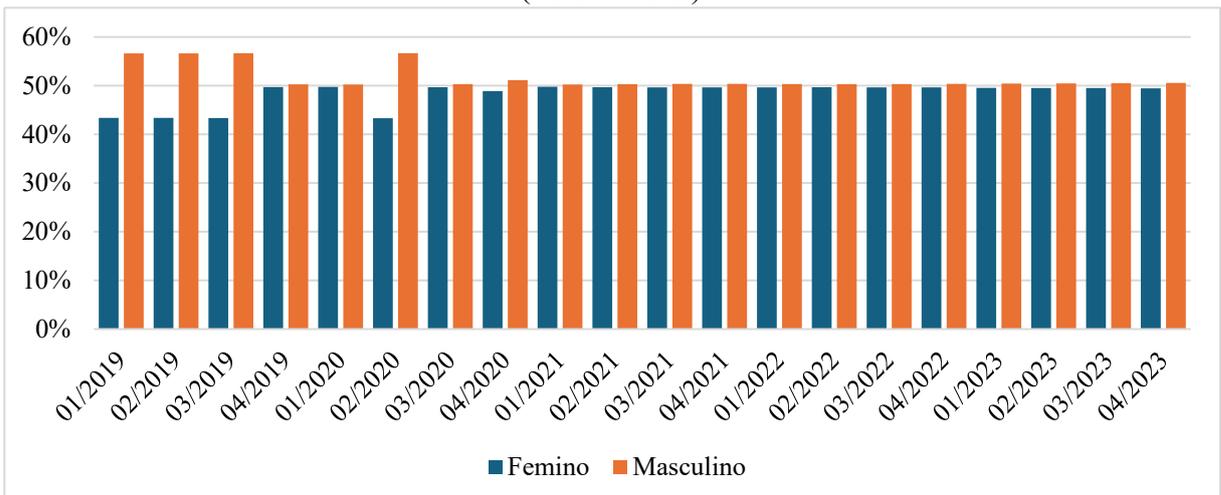
Figura 8 – Distribuição Trimestral de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Local de Residência (2019 – 2023).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

A Figura 9 ilustra a composição dos jovens de 18 a 29 anos no Brasil por gênero. Destaque o aumento da participação feminina no grupo, indo de 43,38% no início do período e alcançando ao final a taxa de 49,44%, ou seja, um aumento de 6,06%.

Figura 9 – Distribuição Trimestral por Sexo de Jovens de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).

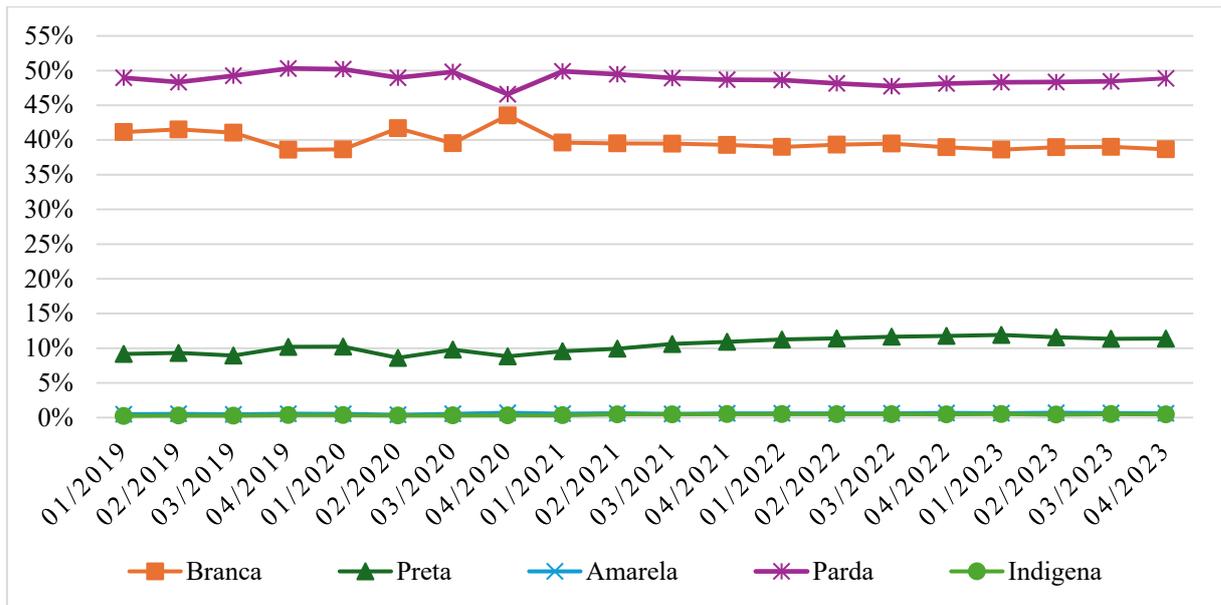


Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Essas mudanças entre as proporções de jovens do sexo feminino e dos jovens do sexo masculino, podem indicar mudanças nos padrões das residências (Baptista; Campos; Rigotti, 2017), dados os diferentes impactos incorridos da crise sanitária de Covid-19.

A Figura 10 revela informações sobre a distribuição dos jovens por Cor ou Raça entre os anos de 2019 e 2023. Em relação aos que se declaravam brancos, os dados apresentaram uma ligeira queda, passando de 41,14% no início da série e, posteriormente fluando de 38,59% a 43,55% entre os períodos, se estabilizando a partir de 2021 com valores próximos à faixa de 39%.

Figura 10 – Distribuição Trimestral por Cor ou Raça dos Jovens de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Os jovens autodeclarados pretos mantiveram uma taxa relativamente estável, com leves aumentos, indo de 9,17% no primeiro trimestre de 2019 para 11,39%, no último trimestre de 2023. Nos anos de pandemia esse número mostrou flutuações entre 10,23% no início de 2020 e 11,77% ao final de 2022, e posteriormente mantendo-se na faixa dos 11%.

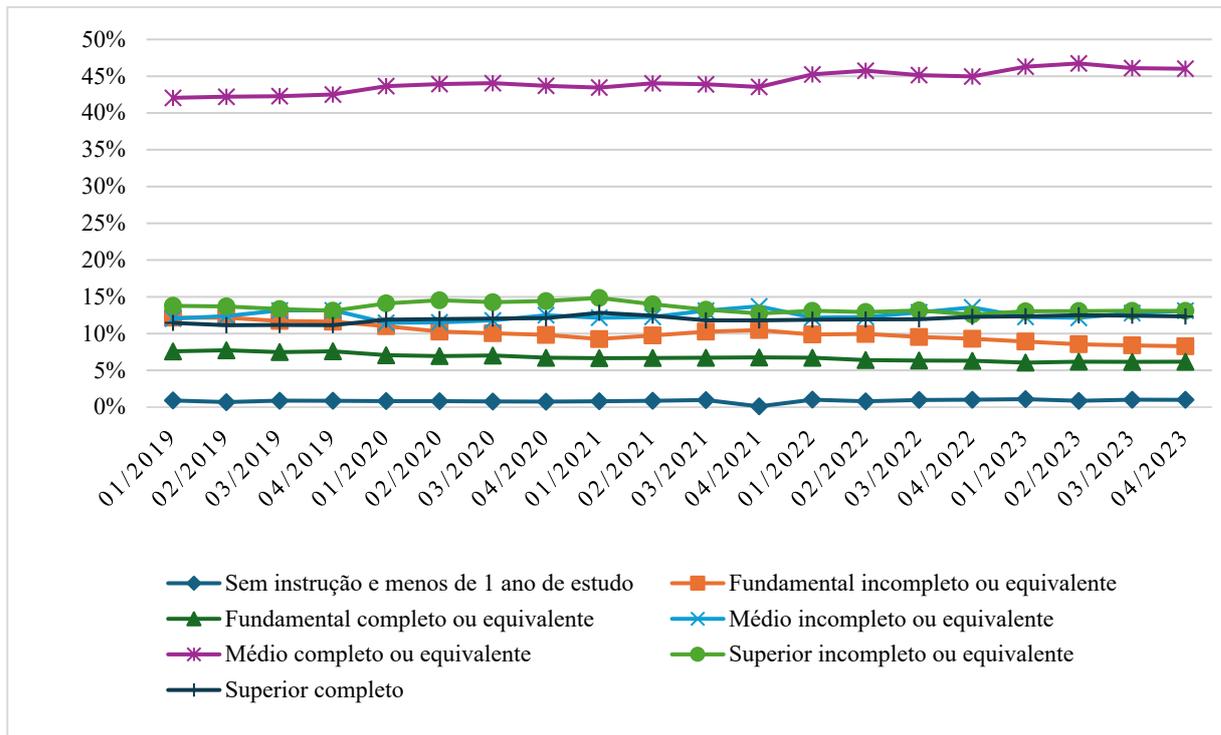
Os autodeclarados pardos se mostraram consistentes, já que maior parte dos jovens se declaravam como pertencentes à categoria. Anterior à pandemia, ou seja, em 2019, os percentuais variavam entre 48,96% e 50,31%. Durante a pandemia ocorre uma queda considerável, chegando a 46,59% ao final de 2020, nos anos subsequentes, essa taxa flutuou levemente em torno de 48% a 49%. Posterior à pandemia os percentuais indicaram uma fraca tendência de estabilidade e seus valores permearam a taxa de 48,88%. Já os percentuais que dizem respeito aos grupos étnicos amarelos e indígenas eram baixos e estáveis, seus percentuais variaram pouco durante toda a série, permanecendo abaixo de 1% para ambas.

A composição racial da população brasileira, conforme argumenta Henriques (2001), desde sua formação é dotada de uma série de fatores complexos, os quais podem ser

decompostos de forma simplificada em três recortes para fins de análise, consecutivamente: região, idade e gênero. O autor ainda destaca a predominância dos contingentes populacionais do país que se autodeclararam brancos e pardos.

Ao que se refere ao comportamento do nível educacional dos jovens enquadrados na faixa etária em análise, portanto, entre 18 e 29 anos. Durante o intervalo de tempo aqui encerrado, se pode observar algumas tendências e padrões de evolução por intermédio da Figura 11. Assim, é verificável a propensão destes em apenas finalizar o Ensino Médio, conforme os dados. No início da série a taxa daqueles que detinham tal nível de instrução era de 42,06%, evoluindo positivamente para 46,02% no último trimestre de 2023. Ao encarar a possível formação posterior ao Ensino Médio, ou ainda àqueles que concluíram o Ensino Superior durante o período destacado, se visualiza um aumento considerável, indo de 11,46% no primeiro trimestre de 2019 para 12,34% no quarto trimestre de 2023.

Figura 11 – Distribuição Trimestral por Nível de Instrução de Jovens de 18 a 29 anos de Brasil (2019 – 2023).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

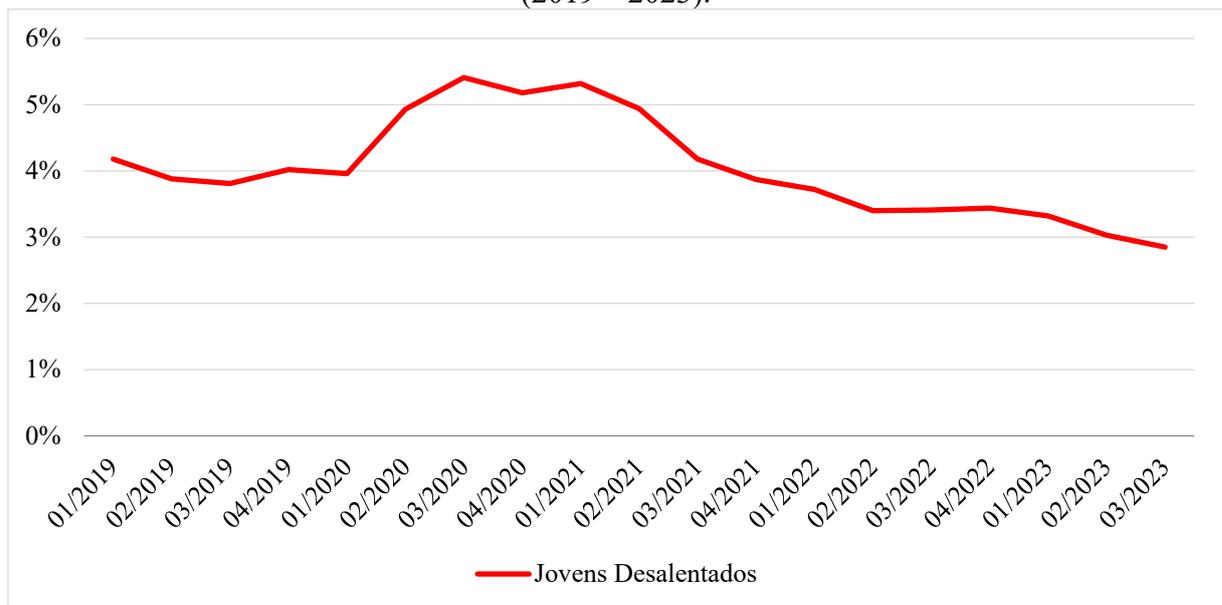
Ao analisar o aumento da distância entre esses dois níveis de instrução, pode-se destacar as transformações incorridas na forma de socialização dos jovens com o restante da sociedade. Conforme argumenta Guimarães (2006), existe uma série de fatores e condições que obstruem e direcionam as decisões destes indivíduos para uma trajetória linear e unidirecional de

transição do ambiente escolar para o ambiente de trabalho. Este cenário, ainda pode ser corroborado pela pressão de seus familiares para ingressar imediatamente no mercado de trabalho após concluir o Ensino Médio (Abramo; Venturi; Corrochano, 2020).

Os demais níveis educacionais mostraram uma redução em seus números, ou ainda uma certa estabilidade. Destaque que essa redução ao longo do período, ou seja, da proporção de jovens que detinham estes níveis de instrução, podem indicar uma possível melhoria no acesso e na conclusão dessa parcela na educação básica, embora parte destes possam ser indicativos dos que nem chegam a concluir essa etapa. Diante do exposto, em relação às características socioeconômicas dos jovens com idade entre 18 e 29 anos, importa também verificar algumas características direcionadas à sua força de trabalho.

A Figura 12 informa o comportamento da taxa de desalentados dos indivíduos durante o intervalo de tempo. Ao longo da série, os números referentes a esta taxa mostram flutuações significativas iniciando a série com um valor de 4,18%, e variando entre 2,78% e 5,41%, este sendo o maior valor apresentado, localizado no terceiro trimestre de 2020. Após esta alta é observada uma queda gradual, atingindo ao fim de 2023, seu menor valor. Corseuil e Franca (2022) argumentam que, este foi alguns dos fenômenos resultados da crise sanitária de Covid-19, desaquecendo a economia e o mercado de trabalho, levando ao desaparecimento de milhares de postos de ocupação.

Figura 12 – Proporção Trimestral de Jovens Desalentados de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

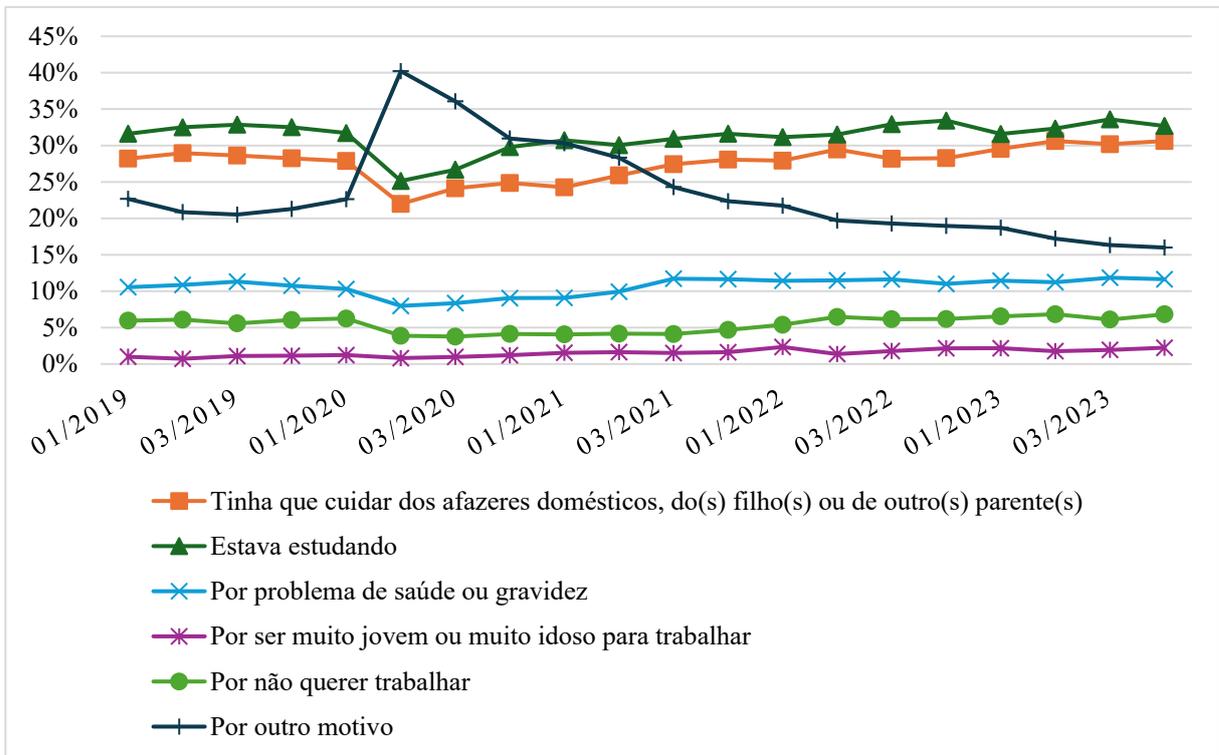
A fim de conferir a análise anterior, a Figura 13 apontará alguns dos motivos que os fizeram não procurar emprego durante o período. Dentre as categorias elencadas, as que mais

se destacaram nesse sentido foram os que afirmaram terem responsabilidades domésticas e cuidados familiares, além daqueles que responderam que estavam estudando.

Analisando a primeira categoria, logo, aqueles que tinham que “cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos ou parentes”, é perceptível uma leve variação ao longo do tempo, permanecendo em torno de 28% em 2019, no segundo trimestre de 2020 a uma redução deste número, indo para 21,98%. Porém, nos anos subsequentes é observado um crescimento dos jovens que se localizavam aqui, chegando a alcançar em 2023, 30,62%. Indicando um aumento na proporção de jovens que precisaram assumir responsabilidades domésticas em seu domicílio.

Os resultados abarcados aqui podem revelar um problema de discriminação de gênero, de acordo com Silva, *et al.* (2018) tal fenômeno decorre de pressões sociais impostas à mulher desde sua infância, a qual deve voltar-se aos cuidados domésticos e, que em uma situação de escolha deve optar por abandonar o trabalho, a fim de prover a manutenção das atividades de cuidados familiares.

Figura 13 – Distribuição Trimestral dos Motivos de não ter procurado Emprego dos Jovens de 18 a 29 anos de Idade no Brasil (2019 – 2023).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

O “estudo” se mostrou como a principal razão pela qual estes jovens não buscaram emprego, seus valores variaram entre 31,62% e 33,6% entre os anos de 2019 e 2023. No segundo trimestre de 2020 ocorre uma queda, o que pode ser compensado pelo aumento da justificativa da não busca de emprego por outros motivos, ou ainda à interrupção das atividades

escolares causada pela pandemia de Covid-19. Porém, essa taxa se recupera a partir do terceiro trimestre de 2021, ficando em torno de 30% a partir do mesmo ano, indicando a evolução na retomada dos estudos por estes jovens.

A categoria “problemas de saúde ou gravidez” teve pequenas variações ao longo do tempo, indo de 10,55% em 2019 para 11,64% no último trimestre de 2023. O motivo por se achar muito jovem ou muito idoso foi o menos comum, com valores a partir de 2022 dentro do intervalo dos 2%. Os jovens que responderam não buscar emprego porque simplesmente não queriam apresentou algumas flutuações, ficando em torno de 5% e 6% durante toda a série, com um pequeno ponto de diferença no terceiro trimestre de 2020, o qual apresentou uma queda isolada de 3,77%, posteriormente voltando à margem.

A classe “outros motivos” apresentou um aumento exponencial durante a pandemia chegando a 40,21% no segundo trimestre de 2020, e posterior caindo na mesma velocidade para 15,99% no quarto trimestre de 2023, isso pode ter sido associado às expectativas dos jovens em relação ao ambiente econômico em meio as transformações estruturais e institucionais recorrentes no país (Teixeira, 2021).

Ao analisar os jovens que se encontravam empregados nos diferentes espectros de ocupação entres os setores formal e informal, conforme descrito na **Tabela 1 – Taxa Trimestral de Emprego de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Categoria no Brasil (%) (2019 – 2023)**, anexo – A, é possível notar que aqueles que trabalhavam no setor privado detinham maior participação em ocupações com carteira assinada. Apesar de apresentar contrações em seus números nas fases mais agudas da pandemia de Covid-19, logo evidenciou uma leve recuperação. Ainda no mesmo setor, porém em relação aos que não possuíam carteira assinada constata-se uma tendencia de alta.

Os efeitos da pandemia de Covid-19 foram substanciais no Mercado de Trabalho brasileiro, Marques (2020) especifica esses efeitos no que tangem principalmente a corrosão das relações de comércio mundial, destacando que as medidas sociais de contenção do vírus impulsionaram a queda dos níveis de produção em todo o mundo. Os autores ressaltam ainda a intensidade destes efeitos no comércio e varejo do Brasil, contribuindo para o desemprego e redução dos rendimentos, sendo a população jovem uma das classes mais afetadas por essa transformação (Mattei; Heinen, 2022).

A partir dos dados apresentados é possível perceber uma tendência do aumento da informalidade entre os jovens de 18 a 29 anos, especialmente entre os empregados no setor privado sem carteira assinada, o que pode sugerir a emergência destes jovens para atividades

autônomas como uma resposta à perda de seus postos de trabalhos formais, se adaptando à nova realidade econômica (Lima; Abreu, 2020).

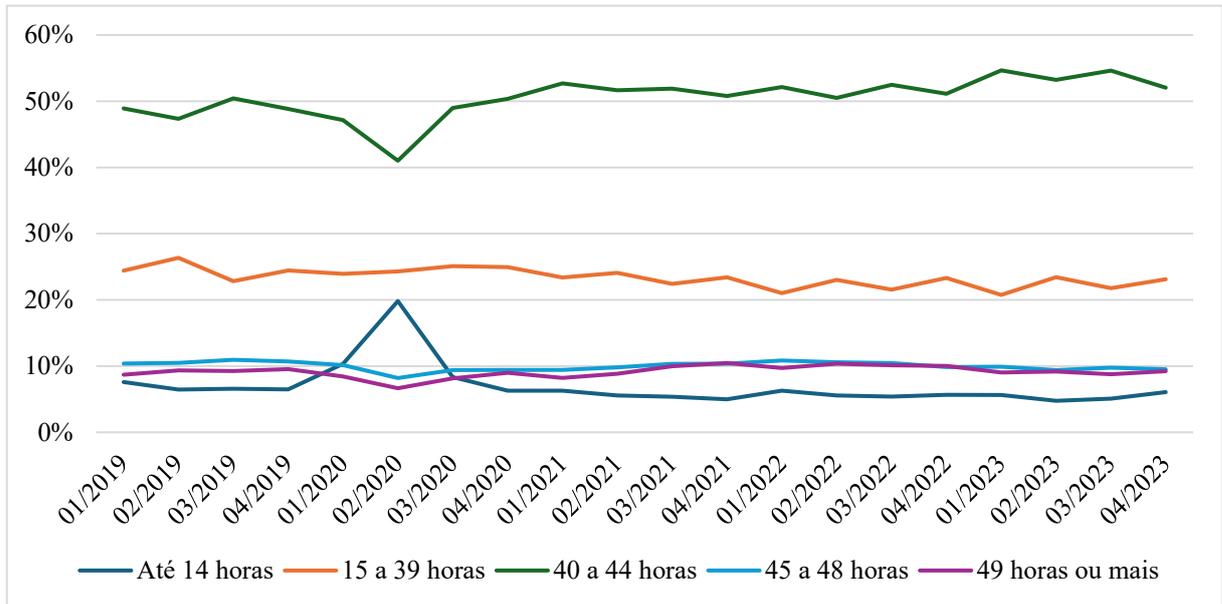
Em análise do conjunto e a forma como esses jovens se distribuíam nos diferentes setores econômicos. As oscilações e variações são possíveis de visualizar na **Tabela 2** – Taxa Trimestral de Emprego de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Setores no Brasil (%) (2019 – 2023), anexo B, a qual revela os diferentes impactos sofridos por estes setores durante a pandemia. Dado o contexto os setores que se mostraram como sendo os que mais empregaram no intervalo de tempo incorrido, foram os setores de Comércio, Indústria Geral e Informação e Comunicação.

O setor de Comércio apresentou variações expressivas no período, essa peculiaridade pode ser explicada pela alta concentração de informalidade, além da precariedade de rendimentos e deficiência de cobertura social adequada. Este setor é considerado um ofertante em potencial de postos de trabalho para jovens, já que muitos deles não exigem ou exigem pouca qualificação (Dieese, 2020).

Já o aumento da proporção de jovens no setor de Informação e Comunicação pode ser justificado pela maior adoção de tecnologias da informação e demanda por parte dos consumidores por serviços do ramo, durante e após a pandemia, demandando assim por mais mão de obra com afinidade à tecnologia.

A Figura 14 demonstra a quantidade de horas de trabalho semanais realizadas pelos jovens de 18 a 29 anos que faziam parte da PO, ao longo da série. É notável que a maior parcela destes ocupavam sua carga horária com atividades laborais, com entre 40 a 44 horas semanais. O período de menor concentração de trabalhadores com essa carga horária foi durante o segundo trimestre de 2020. Já aqueles que trabalhavam cerca de 15 e 39 horas apresentaram uma variação entre 26,35% no segundo trimestre de 2019 a 20,75% no primeiro trimestre de 2023, terminado em 23,11% no quarto trimestre de 2023. Aqueles que se localizavam no intervalo de menos de 14 horas ou mais de 49 horas apresentaram valores pouco expressivos situando-se abaixo de 10%.

Figura 14 – Evolução Trimestral da Carga Horária Semana de Trabalho de Jovens de 18 a 29 anos no Brasil (2019-2023)

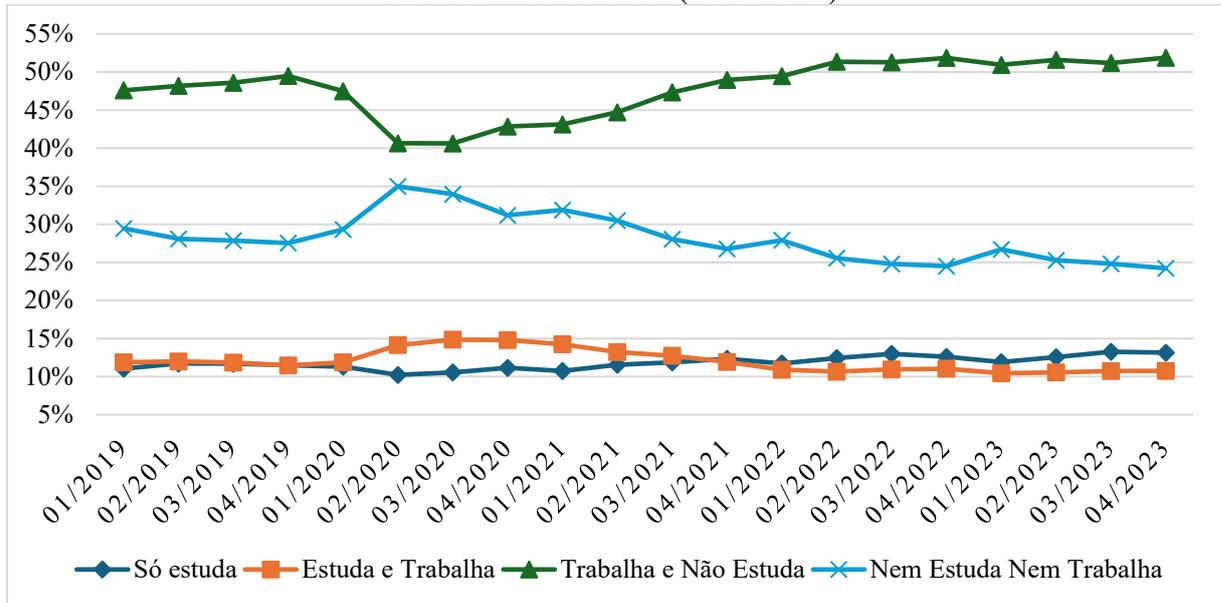


Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

A quantidade de horas trabalhadas por estes jovens tem importantes implicações, uma vez que longas jornadas de trabalho podem estar relacionadas à vulnerabilidade do indivíduo, o qual dedica seu tempo apenas para o trabalho. Aqueles que se localizam entre as menores faixas de trabalho indicam que dedicam seu tempo em outras atividades, como estudos e ainda revelam sua despreocupação quanto aos provimentos de seu domicílio.

Desde logo, ao traçar algumas das principais características que cerceiam e auxiliam na compreensão da identidade juvenil, no que tange ao mercado de trabalho, a Figura 15 apresenta a evolução das escolhas entre trabalho e estudo dos jovens de 18 a 29 anos, incidindo principalmente nos anos de 2019, anterior a pandemia e imediatamente após, ou seja, 2023. De modo geral, o intervalo destacado entre 2020 e 2021 foi considerado o período de maior intensidade no nível de proliferação do vírus SARS-CoV-2 (Covid-19), o que fez com que as instituições de ensino adotassem novas práticas educacionais, permitindo que os jovens dessem continuidade em seus estudos sem precisar se deslocar. Ao final da série, é observado um valor de 13,14%, ou seja, essa categoria apresentou uma evolução positiva, quando comparado ao seu primeiro intervalo. Entretanto, a reduzida estabilidade desse número ainda pode indicar algumas dificuldades econômicas que não permitiram um aumento significativo.

Figura 15 – Evolução Trimestral da Decisão entre Estudar e Trabalhar do Jovens de 18 a 29 anos no Brasil (2019-2023).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

A evolução dos jovens enquadrados entre aqueles que estudam e trabalham pode revelar a necessidade de manter uma fonte de renda ao mesmo tempo que estudavam, objetivando superar possíveis adversidades. Corroborando Torres (2024), jovens de classe média e média baixa tendem a combinar estudo e trabalho para auxiliar no equilíbrio do orçamento familiar.

Durante a pandemia de Covid-19, os jovens que se encontravam apenas trabalhando no período apresentaram um aumento contínuo, passando de 47,60% no primeiro trimestre de 2019, para 51,89% no último trimestre móvel da série. Destaque para o intervalo compreendido entre o primeiro e terceiro trimestre de 2020, o qual apresentou uma queda significativa em face do início da pandemia. Com isso, uma série de medidas de controle como o distanciamento social, quarentenas e *lockdown* foram adotadas, resultando no fechamento temporário de muitas empresas e do comércio, principalmente à varejo. O que levou a redução de milhares de postos de trabalho em setores que empregavam em sua maioria jovens, um dos produtos da desaceleração econômica do período (ILO, 2022).

Porém, dado o primeiro contato com as resoluções políticas de contenção pandêmica e passado o intervalo de ápice da Covid-19, muitos jovens voltaram a buscar emprego, e sua maioria priorizando o emprego sobre a educação em prol da redução da restrição orçamentária experimentada em seu domicílio quando atravessada a pandemia, cenário este problematizado por Freeman e Wise (1982) na teoria sobre a oferta de trabalho juvenil.

Aos jovens enquadrados na categoria chamada NEM-NEM, seus números revelam que durante o período analisado, de modo geral, apresentaram uma queda quando comparado os

primeiros trimestres da série em 2019 com os trimestres de 2023, apresentando uma razão de 5,24 pontos percentuais de diferença, entre os períodos inicial e final. Coincidentemente, a anomalia evidenciada em sua evolução se dá a partir do segundo trimestre de 2020, momento este consolidado a crise de Covid-19 como pandemia, iniciando a prática do receituário de mitigação e impedimento do avanço do vírus. O qual refletiu-se em interrupção das atividades econômicas e educacionais, o que resultou em um contingente maior de jovens sem oportunidade de emprego e acesso à educação. Só a partir de meados de 2021, com o retorno gradual destas atividades é notado uma tendência de queda nessa porcentagem.

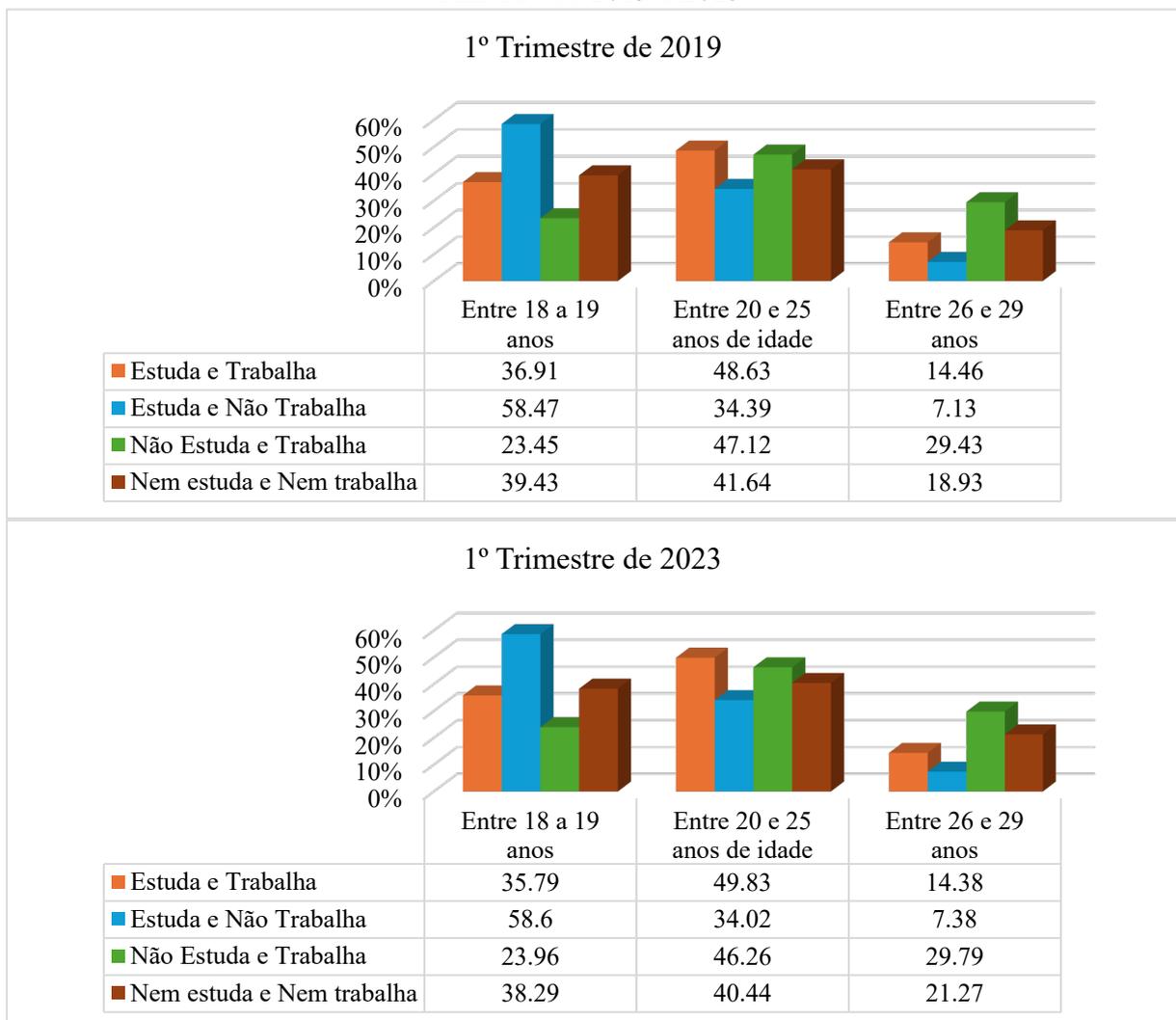
Sumariamente, estudos enfatizam o papel das instituições no nível de desemprego de jovens. No contexto elucidado por meio desta análise, admitir-se-á que dentre os fatores que recaíram principalmente na ‘emolduração’ do perfil dos jovens de 18 a 29 anos não chefe de domicílios, em um contexto de pandemia, se relacionam principalmente com o orçamento familiar e o grau de flexibilização do mercado de trabalho (Tomić, 2018). Dessa forma, a desocupação juvenil apresenta um forte vínculo com as instituições, onde encontram-se inseridos, se por um lado há jovens que almejam a inserção no mercado de trabalho por questões financeiras e optam em apenas trabalhar, do outro lado as aspirações de alguns dos indivíduos dessa população optam pela desocupação por motivos desde atender expectativas familiares e continuar seu capital intelectual através dos estudos, até àqueles que se consideram qualificados demais para ocupar determinados postos de trabalho (Choudhry et al., 2012).

Diante do exposto a próxima seção irá remontar algumas características da população em análise, porém utilizando o método de tabulação cruzada de médias, revelando o comportamento das variáveis independentes e com a respectiva variável dependente categórica – ‘Estudar e/ ou Trabalhar’ e suas diferentes combinações. Com efeito, para capturar diferenças entre as variáveis de maneira idêntica, foram selecionados os primeiros trimestres dos anos de 2019 e 2023. Isto, em decorrência da não existência de fato de uma pesquisa anual fixa, já que os relatórios anuais produzidos pela Pnad Contínua são consolidados com base em pesquisas trimestrais.

4.1.2 Análise preliminar dos dados

A Figura 16 apresenta os resultados da relação entre a variável Trabalha-Estuda e Idade, a qual dividida em três faixas que compreende o intervalo etário em destaque aqui, ou seja, àqueles entre 18 e 29 anos de idade. Diante do recorte é possível observar que os jovens com idade entre 20 e 25 anos apresentam maior participação dentro das categorias, tirando a categoria Estuda e Não Trabalha, que apresentou nos dois períodos valores dentro da faixa de 34%. Diferentemente das demais que superaram a marca dos 40 pontos percentuais, dessa forma os que se localizavam dentro da primeira categoria, Estuda e Trabalha, indicava uma participação de 48,63%, em 2019, e aumentando para 49,83%, em 2023, a categoria Não estuda, porém trabalha, sua porcentagem caiu de 47,12% para 46,26%, bem como a categoria Nem Estuda e Nem Trabalha, reduziu de 41,64% para 40,44%.

Figura 16 - Distribuição percentual dos Jovens por intervalo de idade – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.



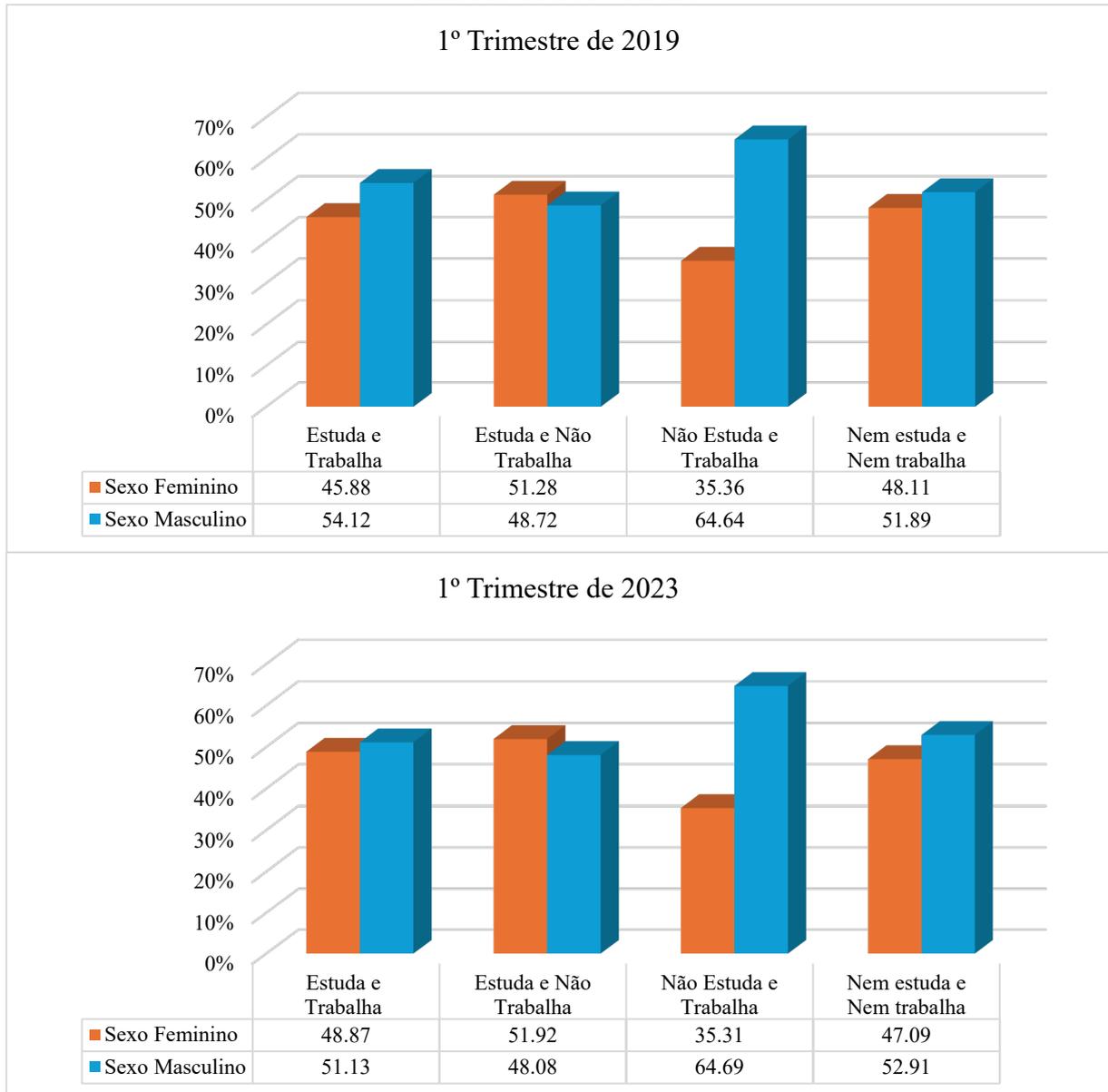
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Camarano et al., (2006) explica que, essa dinâmica complexa entre trabalho e estudo para jovens localizados, principalmente na faixa dos 20 a 25 anos de idade, em parte pode ser explicada pela sua composição. Na qual a concentração daqueles que não estão alocados no mercado de trabalho ou estudando é formado majoritariamente por jovens mulheres, mães e cônjuges, e um outro menor composto por jovens do sexo masculino, na condição de filhos. Não tão somente, é formada, também por jovens que adiaram sua entrada no mercado de trabalho, ao passo que aumentavam seu nível de instrução, almejando debutar em um emprego de melhor qualidade e com maiores rendimentos (Matheus, 2011). Fenômeno este corroborado por intermédio daqueles situados na faixa seguinte, 26 a 29 anos, que aponta para uma possível tendência de consolidação no mercado de trabalho, os quais aproximadamente 30% se dedicavam exclusivamente ao trabalho em ambos os períodos estes jovens. Porém, concomitantemente seus valores em NEM-NEM indicaram um breve aumento de 18,93% para 21,27%, o que pode refletir dificuldades de inserção no Mercado de Trabalho e um aumento no desalento destes (Cerqueira; Moura, 2015).

Destaca-se ainda a categoria Estuda e Não Trabalha em jovens de 18 a 19 anos de idade, com uma relação entre variáveis mantendo-se dentro da faixa dos 58% em ambos os trimestres enfatizados. Neste caso esse movimento é orgânico, uma vez que, essa é condição exclusiva em maior parte dos casos para jovens com idade até 19 anos seja o sexo qual for. Já a condição enquanto trabalhador é ascendida para àqueles com idades maiores de 20 anos, em especial para homens, e a situação Nem Estuda e Nem Trabalha para as mulheres (Gonzalez, 2009).

Em análise referente à Figura 17, observa-se a relação entre a variável Trabalha-Estuda e sexo dos jovens de 18 a 29 anos no Brasil. Nota-se que, nos primeiros trimestres de 2019 e 2023, os homens apresentavam maior participação nas categorias que refletiam a sua participação no mercado de trabalho. Esses dados verificam-se a partir do comportamento de seus números, dessa forma têm-se que os jovens do sexo masculino se agrupavam, consecutivamente na primeira categoria.

Figura 17 - Distribuição percentual dos Jovens de 18 a 29 anos por sexo – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Já o comportamento das mulheres jovens, indicou uma maior incidência nas categorias que enfatizam o aspecto educacional sendo colocado como uma tendência geral para elas (IBGE, 2018b). Apresentaram na categoria Estuda e Trabalha as taxas de 45,88% em 2019 e 48,87% em 2023; a segunda categoria é um indicador que comprova sua maior participação em aprimoramento educacional, se mantendo na faixa dos 51% na categoria Estuda e Não Trabalha em ambos os períodos; na categoria Não Estuda e Trabalha apresentaram, 35,36%, em 2019, e 35,31%, em 2023, o que pode indicar que apesar de não estarem inseridas no mercado de trabalho mantinham-se estudando. E, por fim, na última categoria, logo, Nem Estuda e Nem

Trabalha apresentaram uma proporção menor do que as apresentadas pelos jovens do sexo masculino, com 48,11% no 1º trimestre de 2019 e 47,09% no mesmo trimestre de 2023.

A diferença na distribuição de jovens do sexo feminino e do sexo masculino nas categorias elencadas perante a possibilidade de trabalho e estudo repousa majoritariamente em questões estruturais contemporâneas, herdadas da sociedade moderna. Essa justificativa se dá em meio a noção do lugar do homem e do lugar da mulher dentro do âmbito familiar, uma vez que o papel da mulher é designado como aquele voltado aos cuidados do lar e aos afazeres domésticos. Elder e Kring (2016b) afirmam que, entre casais jovens a opção de ter filhos fortalece a concepção de que os homens jovens devem buscar trabalho; porém essa ação tem um efeito oposto em mulheres jovens, vivificando que menos de uma em cada duas jovens mães trabalham, enquanto para os jovens pais a relação é superior a quatro em cada cinco jovens.

A Tabela 3 apresenta a distribuição percentual dos jovens com idade entre 18 e 29 anos para cada grupo étnico no Brasil durante o 1º trimestre de 2019. A partir das médias calculadas das variáveis Trabalha-Estuda e Raça, posteriormente alocadas em uma *cross-tabulation*, é possível observar que a porcentagem de jovens NEM-NEM, em ambos os grupos étnicos destacados, apresentou uma evolução positiva em sua distribuição e em relação às demais categorias. Sendo os jovens indígenas os mais afetados, indo de 25,40% em 2019, para 36,51% em 2023, seguidos dos jovens autodeclarados amarelos com um aumento de 10,10 pontos percentuais, e dos pardos com uma elevação de 2,70 p.p. positivos. Porém, como esperado, àqueles declarados brancos obtiveram o menor valor, com 1,19 pontos percentuais, mantendo-se abaixo da média nacional. Esse cenário reflete-se por meio do aumento do nível de segregação, observado em indicadores socioeconômicos, principalmente entre pessoas brancas, pretas ou pardas (Silveira; Leão, 2021). Corroborando, IBGE (2022b), que além da situação laboral outros indicadores sociais, como condições de moradia, patrimônio, educação e violência apresentam valores significativamente maiores quando comparados à população de cor ou raça branca.

Quanto à categoria Estuda e Trabalha, quase todos os grupos étnicos ou raciais expressaram queda, exceto os jovens brancos, os quais tiveram uma evolução positiva de 17,09%, em 2019, para 17,20% em 2023. Destaque os jovens indígenas que tiveram a redução mais acentuada, saindo de 11,93%, em 2019, para 5,86%, em 2023, o que pode indicar maiores dificuldades na conciliação entre trabalho e estudos. Igualmente, para categoria a Estuda e Não Trabalha, os grupos apresentaram uma redução em seus valores, em especial os jovens declarados amarelos, que evidenciaram uma redução de, 23,11% para 15,80%. Entretanto, os jovens indígenas indicaram um pequeno aumento de seus números, de 17,32% para 17,80%. A

categoria Não Estuda e Trabalho apresentou certa estabilidade nos valores de suas médias em torno dos grupos étnicos ou raciais em análise.

Tabela 3 - Distribuição percentual dos Jovens por raça – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.

2019					
Trabalha - Estuda	Raça				
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Estuda e Trabalha %	17,09	13,73	19,90	13,19	11,93
Estuda e Não Trabalha %	17,57	14,41	23,11	15,57	17,32
Não Estuda e Trabalha %	43,65	42,69	38,84	42,78	45,36
Nem estuda e Nem trabalha %	21,69	29,17	18,15	28,46	25,40
2023					
Trabalha - Estuda	Raça				
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Estuda e Trabalha %	17,20	12,91	15,44	11,63	5,86
Estuda e Não Trabalha %	17,34	13,33	15,80	15,00	17,80
Não Estuda e Trabalha %	42,58	43,72	40,51	42,21	39,83
Nem estuda e Nem trabalha %	22,88	30,04	28,25	31,16	36,51

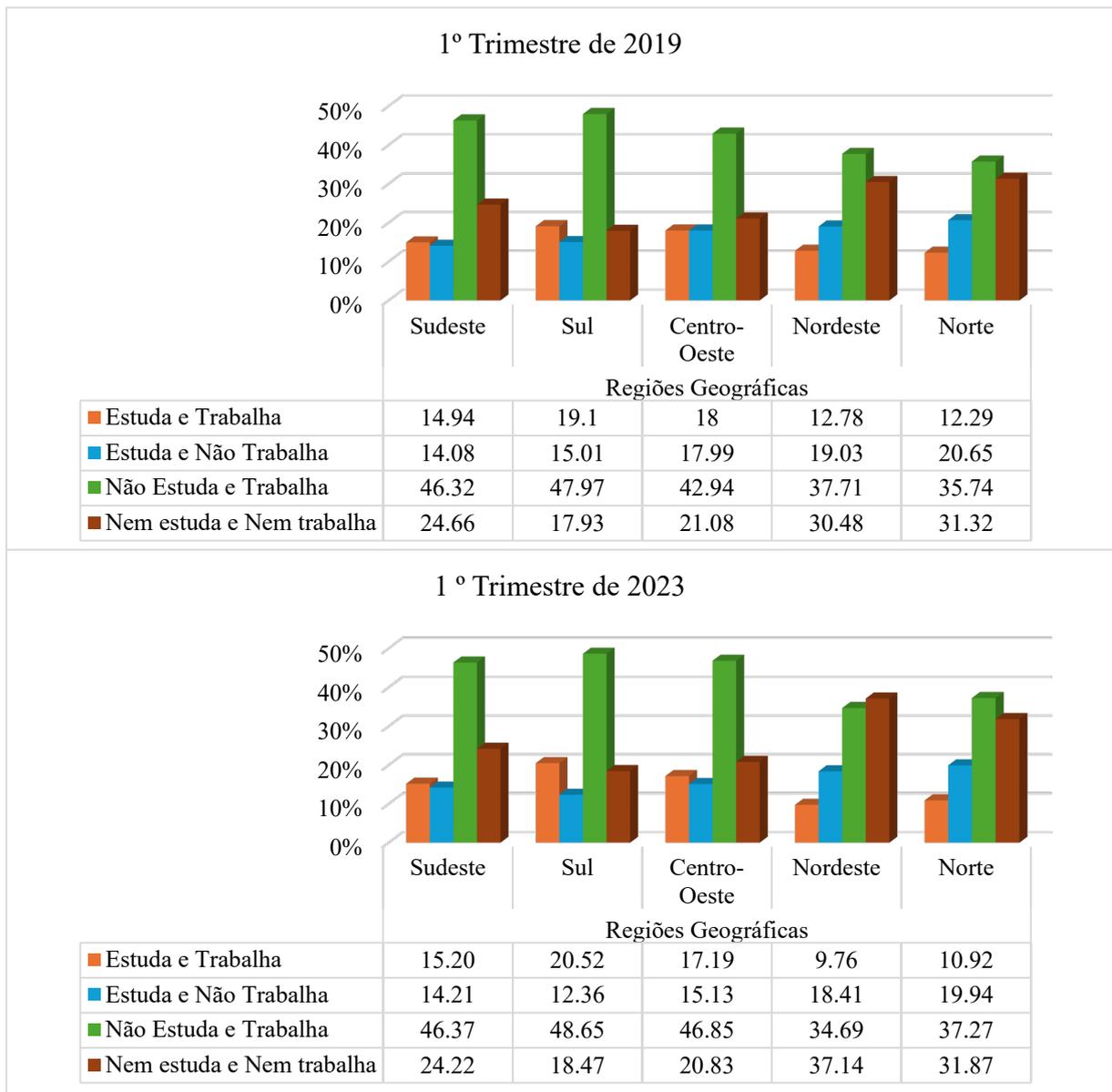
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Em suma, o Brasil é marcado por profundas desigualdades regionais que afetam, de forma diferenciada sua população jovem, em especial quando se trata do acesso à educação e ao mercado de trabalho (Faro; Ferrarini, 2021). Diante disso, e ao observar a Figura 18, pode-se notar que durante os dois períodos analisados, foram revelados padrões que reforçam as desigualdades estruturais entre as regiões brasileiras. Esta dinâmica distinta, pode ser notada ao perceber que, a taxa de jovens que conciliavam trabalho e estudo, enquanto o Sul e o Sudeste viram avanços na conciliação entre estudo e trabalho, com destaque para o Sul que saltou de 19,1% para 20,52%, o Nordeste enfrentou um cenário oposto: a taxa despencou de 12,78% para 9,76% no mesmo período – a queda mais drástica entre todas as regiões.

Para a categoria Estuda e Não trabalha, ambas as regiões apresentam um cenário de queda, ou ainda, os jovens estão reduzindo seu tempo dedicado aos estudos. Assim, observa-se que no Sul os jovens que se concentravam em apenas estudar caíram de 15,01%, para 12,36%,

entre 2019 e 2023. Nas regiões Norte e Nordeste, apesar de não apresentarem grandes mudanças em seus valores em torno da média, também seguiram a tendência de evolução negativa em seus números. Sendo o Centro-Oeste a região que apontou para a maior redução de 17,99%, em 2019 para 15,13% em 2023.

Figura 18 - Distribuição percentual dos Jovens por Regiões Geográficas – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

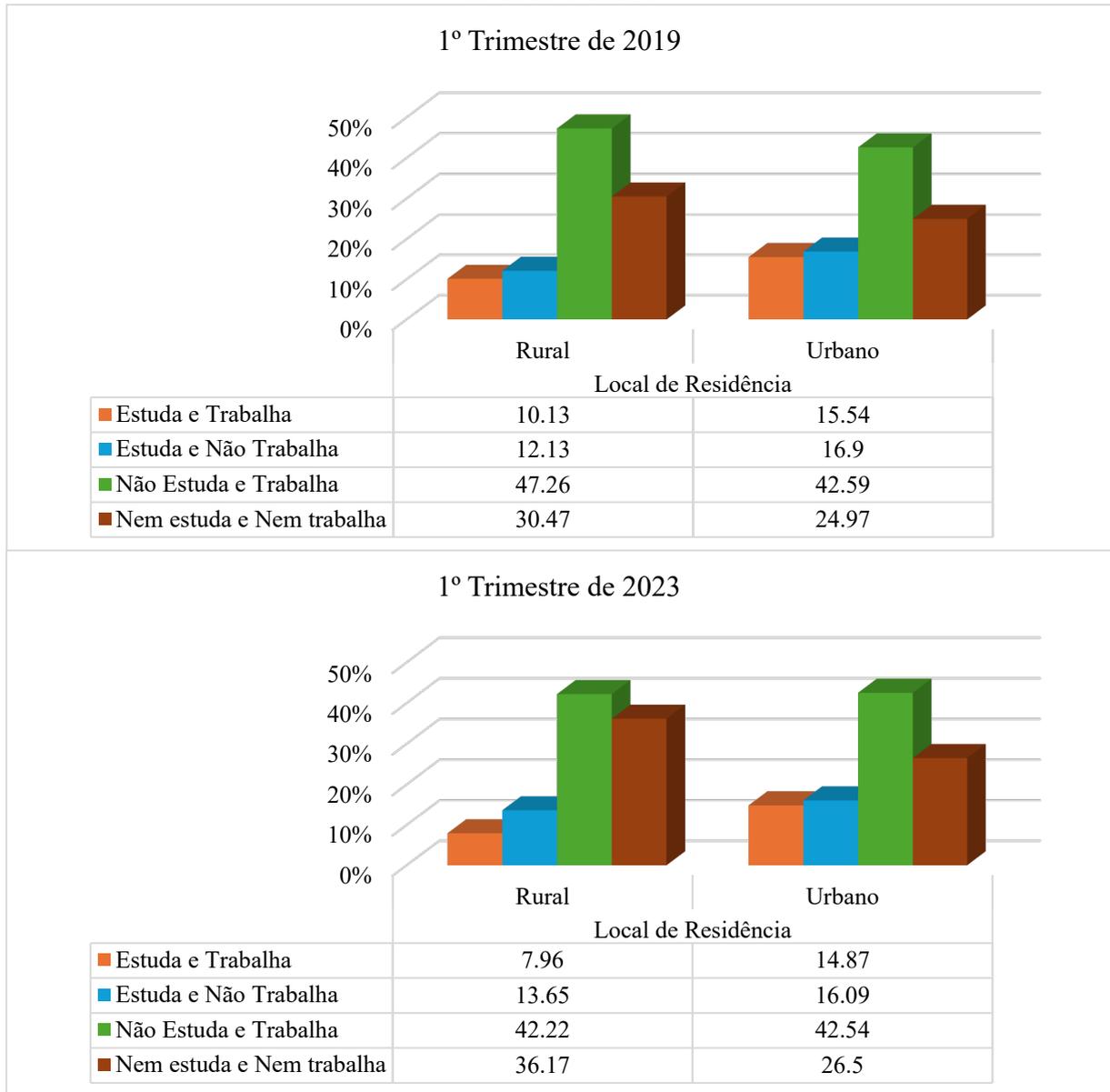
Na categoria Não estuda e Trabalha, o Centro-Oeste apresenta notoriedade na evolução de seus valores, os quais saltaram de 42,94%, para 46,85% em 2023, tal cenário pode ser reflexo da base produtiva da região – o agronegócio –, que absorve grande parte do contingente regional de jovens. No Nordeste, a queda de 37,71%, em 2019, para 34,69%, em 2023, é reflexo do desemprego estrutural enfrentado por grande parte de seus jovens, excluídos até mesmo do

mercado informal. Enquanto para as regiões Sul e Sudestes, seus números resgatam estabilidade, com suas médias para a categoria em torno dos 46%, porém o movimento pode indicar um cenário de estagnação econômica durante este intervalo.

Na categoria Nem Estuda e Nem Trabalha, enquanto os estados das regiões Sul e Sudeste indicaram um movimento imperceptível, o Nordeste tornou-se a região com maior proporção de jovens inativos, ou seja, que não estudavam e não trabalhavam, com seu índice disparando entre os períodos, indo de 30,48%, em 2019, para 37,14% em 2023, ou seja, uma razão positiva de 6,66 p.p.. Conforme Pereira e Queiroz (2023); Gatti e Menezes (2021), a ascensão desta categoria na região Nordeste revela sua vulnerabilidade no que tange ao acesso ao mercado de trabalho e à escolaridade, os quais são impulsionados pela crise econômica em decorrência da pandemia de Covid-19 e a ausência de políticas públicas direcionadas a essa parcela jovem da população.

Com base na Figura 19 pode-se observar algumas mudanças na distribuição de jovens brasileiros de 18 a 29 anos em áreas rurais e centros urbanos. Ao analisar a composição daqueles localizados em áreas rurais, percebe-se que em sua maior parte condicionam-se exclusivamente à categoria de trabalho, ou seja, não estuda, mas trabalha. Apesar de ter apresentado uma redução em seus valores seu indicador permanece elevado quando comparado com as demais categorias, assim no primeiro trimestre de 2019 concentrou 47,26% do contingente de jovens localizados no campo, e no período seguinte 42,22%. A opção de priorizar o trabalho frente a decisão de trabalhar ou estudar, é em muitos dos casos produto da própria lógica de organização familiar; assim é, um fator de réplica e perpetuação do modo da unidade doméstica em que o jovem está inserido (Almeida, 2005; Vieira, 2017). Destaque, a proporção de jovens que vivem no campo que não estudavam e não trabalhavam, bem como seu aumento entre os períodos, indo de 30,47% para 36,17% no primeiro trimestre de 2023.

Figura 19 - Distribuição percentual dos Jovens por Situação Censitária – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

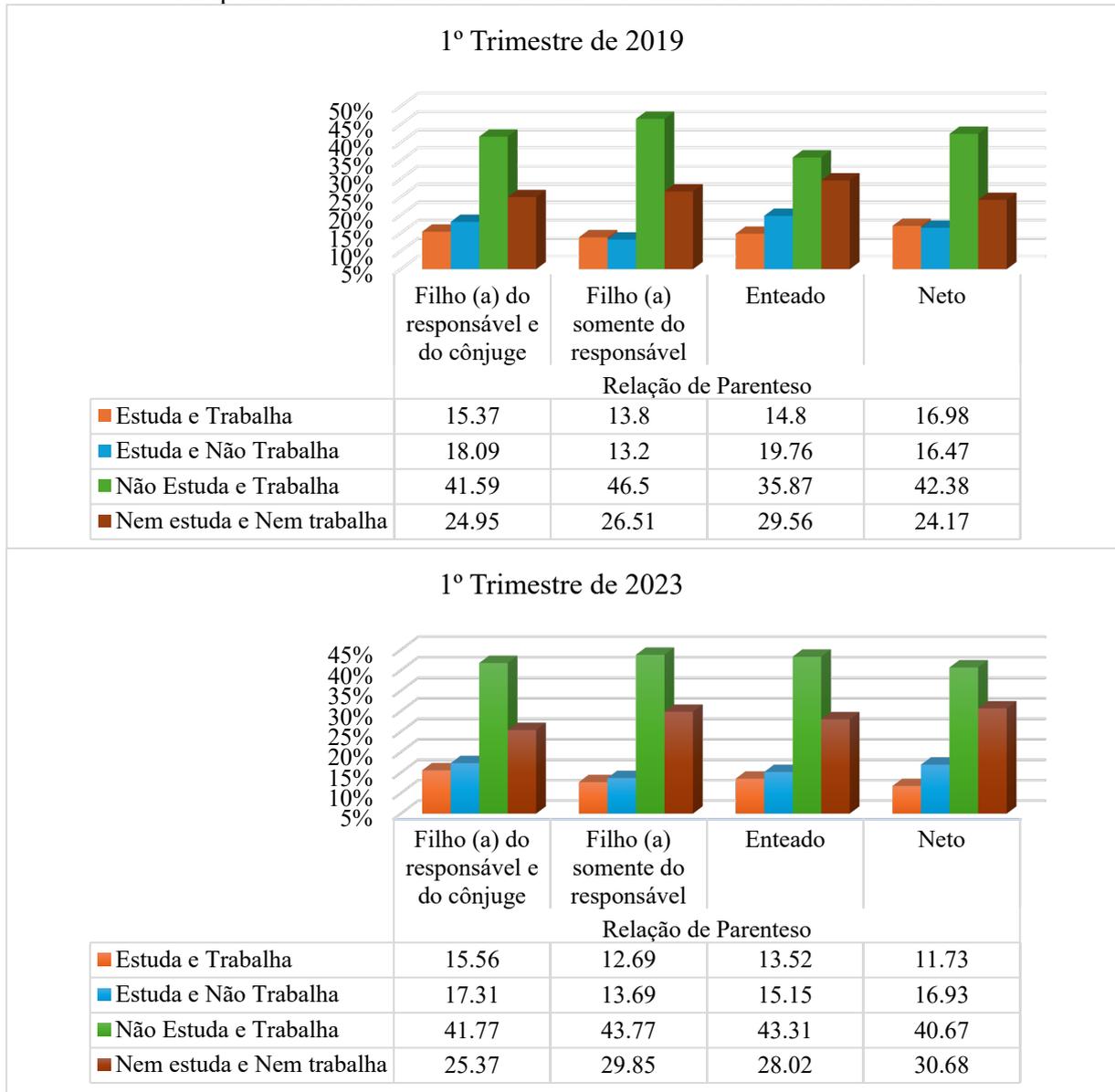
Em relação aos jovens que habitavam em regiões urbanas, é perceptível a recorrência do fenômeno anterior, para aqueles que moravam em meio rural, demonstrando a participação de 42% de seus jovens em ambos os períodos na categoria de apenas trabalhavam. O quadro dos jovens fora da escola e do mercado de trabalho também equivale, apresentando um aumento de 1,53%. Esse cenário pode se revelar como um reflexo tanto das características socioeconômicas das famílias, como do próprio retrato institucional do país durante o período compreendido (Martins, 2021). É possível salientar ainda que, quando comparados os jovens do meio urbano com os do meio rural, apresentam 6% a mais de chance de estarem desempregados por mais de um ano, que o impulsiona à categoria de desalentados (Edgell;

Beck, 2020; Dias *et al.*, 2023). Contudo, os mais afetados são aqueles provenientes da massa trabalhadora urbana de classe média baixa e trabalhadores populares sem remuneração fixa.

Em síntese, a elevação no grupo dos chamados NEM-NEM situados em ambas as situações censitárias, urbano e rural neste período pode ser atribuída aos impactos da Covid-19 e seus desdobramentos, atuando de forma mais severa em jovens de áreas rurais e na classe trabalhadora mais empobrecida (Aina *et al.*, 2021; Ghiraldell, 2021).

Conforme a Figura 20, observa-se a relação entre a posição do jovem no domicílio e as possibilidades da decisão entre trabalho e estudo, ao analisar a categoria Não estuda e Trabalha, os jovens enquadrados em Enteados apresentaram um aumento em suas médias entre os períodos, indo de, 35,87% em 2019 para 43,31% em 2023. Esse aumento pode sugerir certa pressão econômica para que ingressem no mercado de trabalho, em detrimento com a continuidade dos estudos. Essa realidade pode estar associada a contexto familiares mais vulneráveis, em que a contribuição do jovem se torna importante na composição da renda em seu domicílio (Annegues, Souza, 2020). Para os filhos somente do responsável, verifica-se uma ligeira redução na proporção das médias dos jovens nessa categoria, de 46,5% em 2019, para 43,77% em 2023, ou seja, uma variação negativa de 2,73 pontos percentuais. Isto indica uma possível reorientação das prioridades, em que parte dos jovens retomou seus estudos, ou ainda buscou maiores qualificações e aprimoramento intelectual. Porém, mesmo com essa redução, suas médias permaneceram elevadas, o que pode se traduzir em desafios estruturais – como a crise econômica pós-pandemia – que limitaram oportunidades em famílias monoparentais (Arnett, 2023).

Figura 20 - Distribuição percentual dos Jovens e sua Relação de Parentesco com o Responsável do Domicílio – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

A categoria “Estuda e Trabalha” entre os netos teve uma queda expressiva no período analisado, passando de 16,98%, em 2019 para 11,73%, em 2023 – uma redução de 5,25 pontos percentuais. Essa movimentação reflete disparidades socioeconômicas em contextos familiares intergeracionais, avós responsáveis pelos netos, a falta de infraestrutura para o acesso a ensino remoto, somada a necessidade de contribuição financeira do jovem, pode ter intensificado o abandono escolar precoce (Arnett, 2023).

A categoria “Nem estuda e Nem trabalha”, – frequentemente associada à geração NEM-NEM – apresentou aumentos substanciais em grupos específicos. Os quais sendo o jovens que residiam com seus avós, ou seja, os netos, em que seu percentual saltou de 24,17% em 2019,

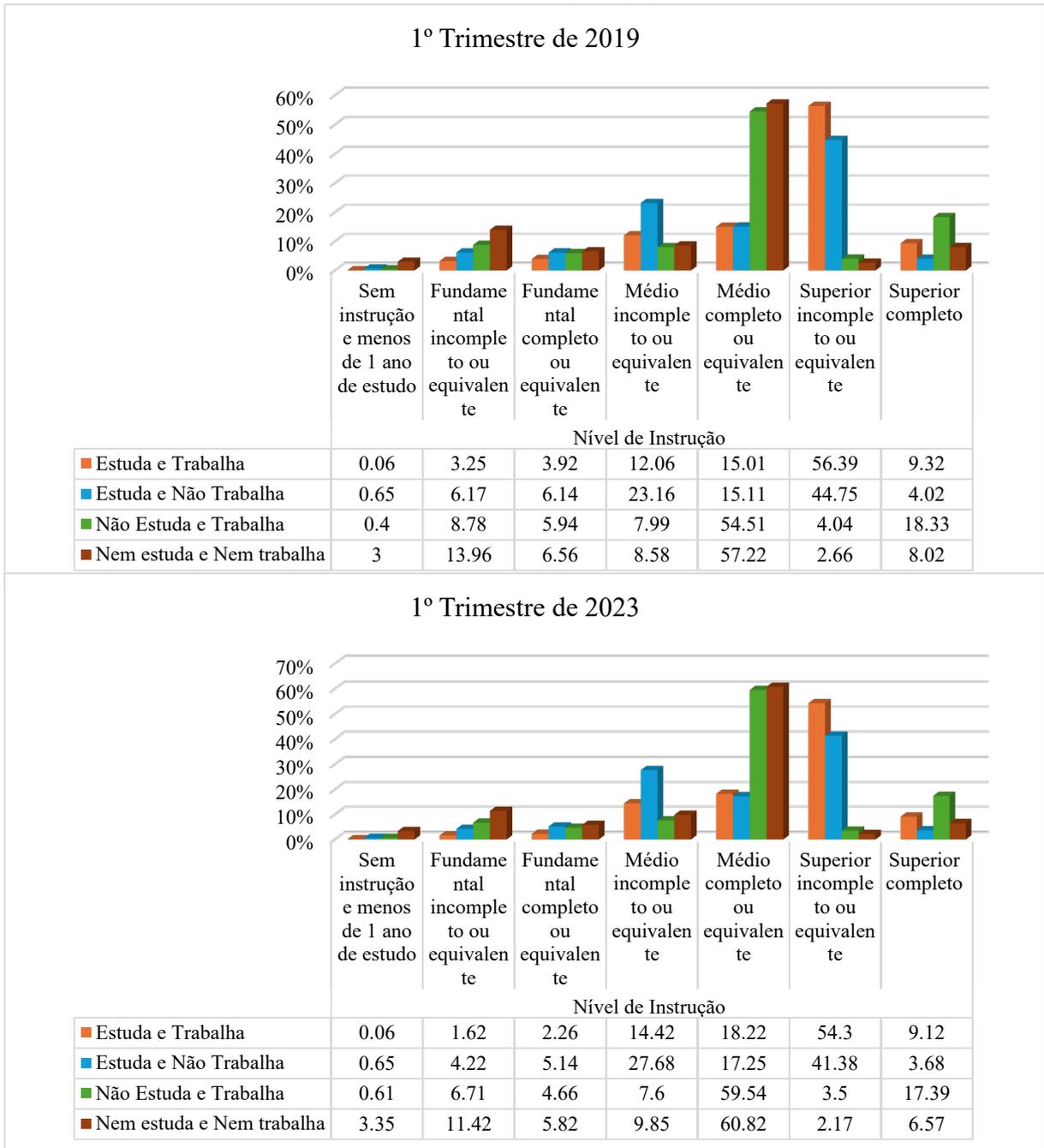
para 30,68% em 2023, uma razão positiva de 6,51 pontos percentuais. A combinação de baixa renda domiciliar e a sobrecarga de responsabilidades sobre idosos pode estar contribuindo para o desalento e a exclusão dessa parcela da juventude (Marcondes, 2017).

Entre os filhos somente do responsável, o aumento foi de 26,51%, de 2019 para 29,85%, em 2023, o que reforça o entendimento descrito anteriormente, de que famílias monoparentais enfrentam desafios adicionais para inserir seus jovens em atividades produtivas e educacionais. A ausência de um possível segundo provedor pode limitar o acesso a recursos financeiros, dificultando tanto a permanência nos estudos quanto a busca por emprego formal (Arnett, 2023). Em lares com jovens filhos do responsável e do cônjuge, suas variações foram menores, o que pode se traduzir em maior estabilidade em domicílios com ambos os pais biológicos.

Ao analisar a Figura 21, que trata da relação entre a decisão de Estudar e/ ou Trabalhar e o Nível de Escolaridade dos jovens de 18 a 29 anos de idade no Brasil, durante o primeiro trimestre de 2019 e 2023. É possível observar um movimento que pode refletir a relação entre educação e mercado de trabalho nesta faixa etária. Ao considerar a primeira categoria da decisão entre Estudar e/ ou Trabalhar, ou seja, “Trabalha e Estuda” os resultados da combinação com a escolaridade indicam que, jovens com níveis de instrução mais elevados apresentam maiores valores. No primeiro trimestre de 2019, mais da metade dos jovens localizados nessa categoria, cursavam ensino superior, com 56,39% entre aqueles com “Superior Incompleto e Equivalente”, enquanto 9,12% possuíam o “Ensino Superior Completo”. Isso pode evidenciar que, os jovens estão buscando se aperfeiçoar através da educação formal ao passo que conciliam com o trabalho (Annegues; Souza, 2020; Arnett, 2023).

De modo geral, a educação formal opera como um elemento central na estratégia de inserção profissional dos jovens, ainda que sua conclusão não seja imediata. A predominância de estudantes de ensino superior incompleto na categoria "Trabalha e Estuda", pode refletir um contexto socioeconômico em que a entrada precoce no mercado de trabalho é necessária para financiar os estudos ou garantir estabilidade financeira.

Figura 21 - Distribuição percentual dos Jovens em relação ao Nível de Instrução – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Ainda na categoria “Trabalhar e Estudar” houve um aumento na proporção de jovens com ensino “Médio Completo ou Equivalente” indo de 15,01% em 2019 para 18,22% em 2023. Este fenômeno pode indicar que mais jovens estão concluindo o ensino médio, que, por sua vez, relacionado com a contribuição para melhores oportunidades no Mercado de Trabalho, ainda que ao mesmo tempo dão continuidade aos seus estudos (Ayala; García; Ponte, 2016).

Entre os jovens que “Estudam e Não Trabalham”, ainda aqueles que optam por dedicar-se exclusivamente em seus estudos, grande parte se encontrava com níveis mais altos de

educação. Em 2019, 44,75% se localizavam no ensino “Superior Incompleto” e 15,11% já detinham o “Médio Completo”. No período seguinte essas variáveis apresentaram uma breve contração em seus percentuais, respectivamente, para 41,38% e 17,25%. Dessa forma, aponta-se pela preferência destes jovens em dar continuidade em seus estudos antes de ingressarem no mercado de trabalho. Annegues & Souza (2020) e Marioni (2021) argumentam que as possíveis causas de postergação dos jovens para ingressarem no mercado de trabalho recaem sempre sob excesso de escolaridade exigida no Brasil. O que de forma inconsciente pode acarretar a frustração destes ao assumirem um posto de trabalho, o qual pode não cumprir com as expectativas do indivíduo.

Ao analisar a categoria dos que “Estudam e Não trabalham” percebe-se um aumento dos jovens que possuíam o ensino “Médio Incompleto”, passando de 23,16%, em 2019 para 27,68% em 2023. O que por sua vez indica um possível reflexo das dificuldades e barreiras socioeconômicas enfrentadas por parte destes jovens para concluir o ensino médio e avançar para séries mais altas (Corseuil; Santos; Foguel, 2001; Venturi; Torini, 2014).

Entre os jovens que estavam empregados, mas não estudavam, grande parte possuía ensino “Médio Completo ou Equivalente”. Em 2019, 54,51% destes jovens tinham ensino médio completo, percentual este que subiu para 59,54% em 2023. O resultado mostra que apesar de parte dos jovens deixarem a educação formal de lado, atingiram um nível educacional aceitável, facilitando sua entrada no mercado de trabalho (Moura; Benachio, 2021). Alternativamente, reflete o que muitos deles acreditam, que o ensino médio é o suficiente para garantir estabilidade financeira. O que implica na queda do número de jovens com menores níveis de educação, ficando evidente através do percentual de jovens com ensino fundamental completo ou incompleto caiu entre os períodos, passando de 8,78% e 5,94% em 2019 para 6,71% e 4,66% respectivamente em 2023. Conforme argumentado por Cássio (2023), o que corporifica a exigência de mão de obra qualificada com pelo menos o ensino médio finalizado.

Em análise dos jovens que “Nem Estudam e Nem Trabalham”, ou ainda os chamados NEM-NEM apresentaram uma realidade preocupante. Em que maioria dos jovens enquadrados na categoria tinham Ensino Médio Completo, com percentual aumentando de 57,22%, em 2019 para 60,82% em 2023. O que pode indicar que, apesar de muitos jovens terem alcançado o Ensino Médio isso não garantiu sua perpetuação ou transição para o Ensino Superior, ou ainda terem encontrado um posto de trabalho (Morini, 2021).

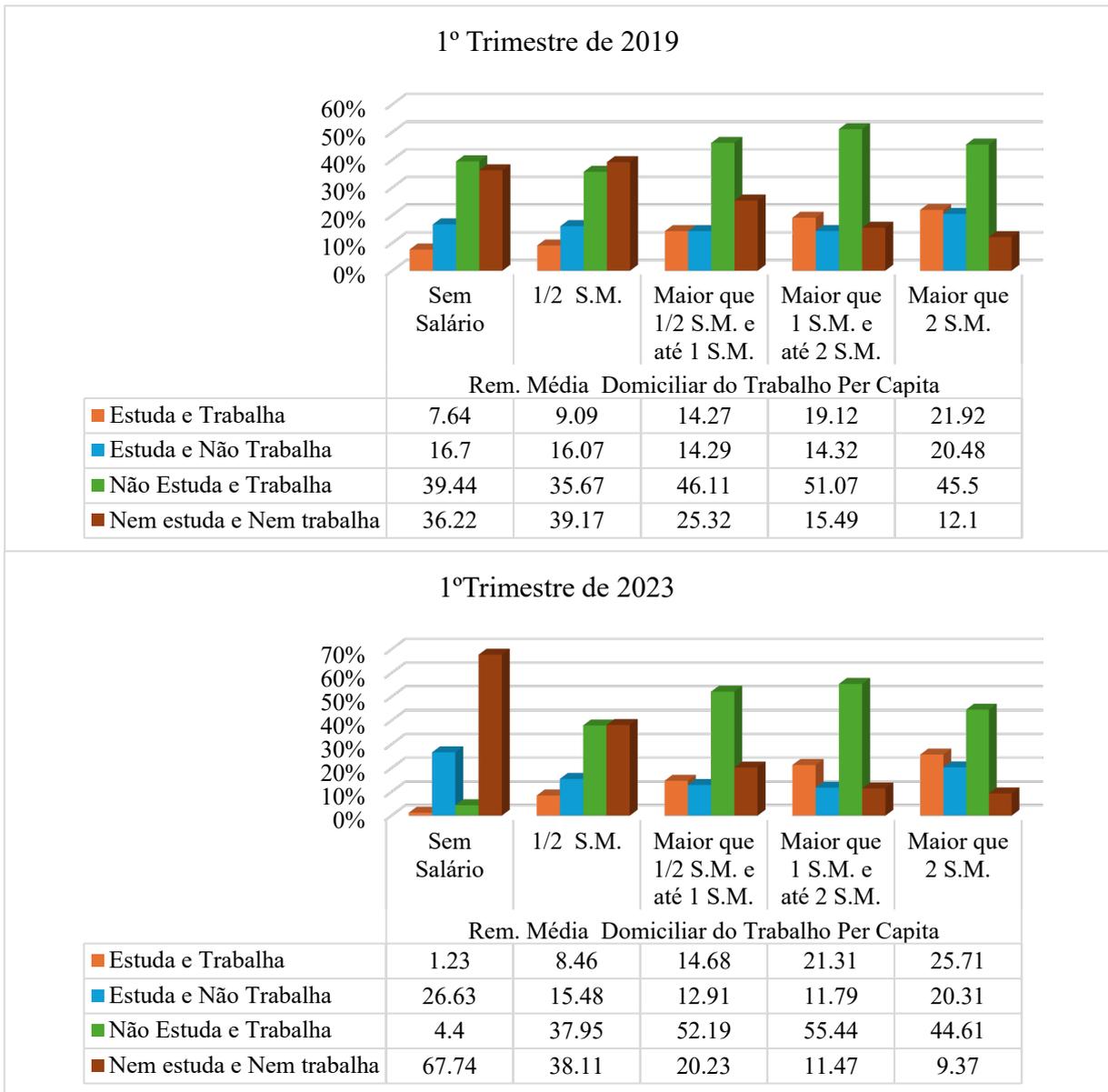
Ressalta-se ainda o aumento o dos jovens nessa categoria que se declararam “Sem instrução o com menos de um ano de estudo”. Entre 2019 e 2023, sua porcentagem subiu de 3% para 3,35%. Além de que, o número de jovens com ensino “Fundamental incompleto”

também para, passado de 13,96% para 11,42%. Indicativo para uma maior fragilidade educacional entre os jovens dessa categoria, além de se tornar um fator de agravamento e exclusão do Mercado de Trabalho.

No Brasil, a discrepância dos recortes de renda é gigantesca entre domicílios dentro de uma mesma região. Desse modo, ao se tratar de uma parcela da população que diz respeito aos jovens, em destaque aqueles que não são chefes de domicílios, pode-se chegar a resolução de que muitos destes, pertencentes à famílias com baixos rendimentos não terão uma entrada adequada no Mercado de Trabalho (Silva; Costa, 2019).

Em meio a essa problemática e mediante a Figura 22 em análise, é de *práxis* o entendimento da passagem, neste intervalo de tempo, de uma das maiores crises enfrentadas pela sociedade desde a modernidade – a pandemia de Covid-19 –, e a crise econômica instaurada por ela. No que diz respeito ao Mercado de Trabalho brasileiro, seus impactos foram incisivos nos níveis de emprego e renda (Mattei; Heinen, 2022). E, é neste contexto, de choques estruturais e institucionais que os maiores afetados foram aqueles pertencentes as parcelas mais pobres e marginalizadas da população. O poder e o privilégio são os principais determinantes de quem está em risco de trabalho precário e baixos rendimentos, estando assim desproporcionalmente vulneráveis (ILO, 2020a).

Figura 22 - Distribuição percentual dos Jovens em relação à Renda Média Domiciliar do Trabalho *per capita* – Brasil – 1º trimestre de 2019 e 2023.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

Ao analisar os dados fornecidos a partir da Figura 22¹, neste momento, restringindo-se ao primeiro trimestre de 2019, portanto, pré-pandemia é observável que o grupo dos jovens localizados na categoria NEM-NEM sua média se concentrava em torno de 36,22%, em famílias com rendimento médio domiciliar *per capita* nulo, ou ainda eram provenientes de domicílios cujos rendimentos não eram obtidos por meio do trabalho principal. Ainda sob essa

¹ Para fins desta análise, considerou-se como indivíduos que recebem "renda zero" aqueles que desenvolviam atividade laborativa como auxiliar junto a sua família, na construção para o próprio uso ou na produção para o próprio consumo. Essa delimitação visa isolar a dinâmica da participação no mercado de trabalho, destacando casos em que a ausência de remuneração laboral pode refletir inserção precária.

ótica, dos rendimentos advindos do trabalho, se destaca aqueles que não estudavam e trabalhavam, apresentando uma alta concentração nestas famílias. Em posição ao próximo período em análise, o primeiro trimestre de 2023, se observa um agravamento no número de jovens NEM-NEM alocados em famílias sem renda do trabalho, os quais apontaram a uma taxa de 67,74%. É nítida também, a redução em seus valores quando se observa seu contingente em faixas de renda mais elevadas. Schwartzman e Cossío (2015) corroboram na tentativa de compreender este fenômeno, indicando que jovens NEM-NEM localizados em famílias com baixos rendimentos do trabalho, atribui-se a fatores que se respaldam em ciclos intergeracionais de pobreza, que em momentos de grandes quebras estruturais podem ser intensificados.

Importa notar que, o comportamento dos dados da categoria oposta para o primeiro trimestre de 2019, ou seja, os jovens que Estudavam e Trabalhavam, os quais apresentaram taxas relativamente baixas, justamente em intervalos de renda até um salário-mínimo. Contudo, seus valores passam a mostrar maior participação destes jovens, em famílias que detinham rendimentos médios domiciliares *per capita* maiores que o salário-mínimo vigente no período. As suas médias se concentraram em 19,12%, para faixa de rendimentos maiores que um e até dois salários-mínimos, e 21,92% para àqueles com renda média domiciliar *per capita* superior a dois salários. Isso se deve principalmente ao próprio padrão de vida, ou ainda o *status* social de sua família, que, em muitas das vezes, algumas destas, por sua vez, possuem estabelecimentos comerciais, inserindo seus filhos no negócio para o perpetuarem, ou ainda devido as relações interpessoais de seus pais conseguem inseri-los em algum posto de trabalho consolidado (Gomes, 2021). Neste mesmo movimento, observa-se que, para o período de 2019, os jovens que somente estudavam, suas médias apresentaram evoluções positivas ao longo dos intervalos de renda, ou seja, os jovens com maiores rendas *per capita* dedicaram-se exclusivamente aos estudos.

O comportamento dessas categorias, ou ainda para os jovens que estudavam e trabalhavam e aqueles que só estudavam, para o ano de 2023, apresentou uma redução no número de jovens que detinham renda domiciliar *per capita* do trabalho nula, indo de 7,64% em 2019 para 1,23% no ano 2023.

Em suma, os filhos de famílias de classes mais baixas ao não conseguirem vislumbrar a promoção ou mudança de *status* dos seus pais, por meio do trabalho, acabam por abandonar a sua entrada no Mercado de Trabalho. Igualmente, em seus estudos ao perceberem dificuldades em retornos baseados em sua escolaridade. Com isso, enfatiza-se que, durante este período, a posição social que as famílias destes jovens ocupavam, somado às consequências da pandemia, amplificaram os efeitos negativos da pobreza para aqueles – filhos – de famílias com

baixíssimos retornos de renda do trabalho (Cavanagh; Clough; Thomas, 2021). Conforme Caragata (2024) define, nem todas as experiências de pobreza são iguais, e muito pode ser aprendido ao interrogar essas diferenças sutis, para compreender tanto os caminhos positivos quanto os negativos que afetam os resultados para os jovens.

4.2 ANÁLISE DO MODELO LOGIT PARA DECISÃO ENTRE ESTUDAR E TRABALHAR PARA OS JOVENS DE 18 A 29 ANOS DE IDADE NO BRASIL

O modelo *Logit* se dá por meio de sucessivas interações, tal sequenciamento é obtido através do Método de Máxima Verossimilhança. Diante da problemática aqui arguida, foram submetidas quatro interações de modo a evidenciar o comportamento da decisão entre trabalhar e estudar, bem como suas combinações para os jovens de 18 a 29 anos, não chefes de domicílios no Brasil para os primeiros trimestres de 2019 e 2023². Além disso, para a variável dependente selecionou-se uma categoria, a qual fora tratada como base. Importa notar que, para algumas variáveis explicativas igualmente categóricas, também se adotou essa estratégia.

Assim, a categoria referência (*base outcome*) selecionada da variável dependente estuda e trabalha foi Nem estuda e Nem Trabalha. Devido à natureza dos dados, ou seja, por se tratar de informações domiciliares, as categorias bases definidas para as variáveis independentes foram as que apresentaram maiores valores. As quais foram: para a variável cor ou raça, a cor “branca”, para regiões geográficas a região “sudeste” e por fim para o grau de parentesco com chefe do domicílio os jovens “filhos do responsável e do cônjuge”.

Ao analisar os coeficientes do modelo da Tabela 4, considera-se o sinal de cada variável explicativa em relação a variável categórica dependente, de forma a averiguar sua relação com a variável explicada para cada estimativa. Neste caso, ao ser condicionado o modelo ao ano de 2019 é perceptível que, a variável idade interagiu de forma negativa com as respectivas categorias, “Só estuda” e “Estuda e Trabalha” em comparação a categórica referência, “Nem estuda e Nem trabalha”. Dessa forma, o modelo nos informa que, à medida que a idade destes jovens aumentam, a probabilidade de se encontrar nestas categorias diminui, consequentemente explicando a interação positiva com a categoria “Só trabalha”.

Em relação aos efeitos para o sexo biológico do jovem, homem ou mulher, o resultado de sua regressão informa que, os homens jovens têm maior probabilidade de “Só trabalhar” e

² **Nota metodológica:** A seleção dos primeiros trimestres de 2019 e 2023 objetiva comparar dois períodos estáveis: 2019 (pré-pandemia) e 2023 (consolidação pós-crise) permitindo analisar mudanças de médio prazo. Além de que, ao agrupar todos os trimestres entre os intervalos selecionados diluiria algumas particularidades, como o aumento abrupto de jovens "NEM-NEM" em 2020, o que exige uma análise separada.

“Estuda e Trabalhar” em comparação aos NEM-NEM. Sumariamente, esta informação pode indicar que jovens do sexo masculino apresentam menores chances relativas de estar na categoria de referência, e inversamente aponta que as mulheres jovens poderiam estar mais evidenciadas entre os NEM-NEM. Sendo que, este fenômeno constatou-se igualmente em estudos como o de Peregrino e Prata (2021); e Brenner e Carrano (2023), os quais evidenciaram a intensificação dos efeitos da precarização do trabalho e na evasão escolar por parte das mulheres jovens. O que é acometido, no caso daquelas que residem com seus responsáveis, a partir necessidade imposta pelos seus membros de assumirem a responsabilidade com os afazeres domésticos e de cuidados (Silva; Vaz, 2020).

Ao que tange ao local de residência – Situação Censitária –, seus marcadores apontaram para uma condição favorável em “Trabalhar e Estudar” para os jovens residentes em áreas urbanas, quando comparados à condição NEM-NEM. Por outro lado, para a categoria “Só trabalha”, seu resultado indicou que jovens urbanos apresentam maiores chances de pertencer ao grupo dos NEM-NEM. Tal fenômeno foi percebido por Ciríaco; Oliveira e Anjos (2017); Ciríaco *et al.* (2022), os quais obtiveram resultados semelhantes em suas pesquisas, apontando que, jovens em meios urbanos têm uma maior probabilidade de assumirem a condição de NEM-NEM. A alta aglomeração em centros urbanos incorre a processos de desestruturação social, impactando diretamente no acesso às oportunidades e nas decisões de trabalho e estudo. Aqui contribui-se ainda, e a partir do modelo, que a combinação entre estudo e trabalho para jovens urbanos, é uma condição para não se assumirem o estado de NEM-NEM. A variável “Anos de estudos” para o modelo acima, se manifesta como uma força centrífuga para os jovens em relação à categoria “Nem estuda e Nem trabalha”, ou seja, seus resultados indicaram que, conforme os anos de estudos destes aumentaram, suas chances aumentaram igualmente de se encontrarem nas três categorias explicadas de comparação, se destacando a categoria “Só estuda”. A renda domiciliar acrescenta de forma moderada a probabilidade dos jovens de 18 a 29 anos de idade estar nas três categorias de comparação, “Só estuda”, “Estuda e Trabalha” e “Só trabalha”, o que pode informar que maiores rendimentos do trabalho induziram os jovens tanto a estudar quanto a trabalhar.

Ao considerar as diferentes combinações de entre trabalho e estudo, comparando com a possibilidade de “Não estudar e Não trabalhar”, quando confrontadas com a cor ou raça do jovem, o coeficiente estimado do modelo informa que, para os jovens no ano de 2019 se autodeclarar preto era desfavorável para se manterem estudando e trabalhando, enquanto para os pardos se mostrava positivo tanto para “Estudar e Trabalhar” quanto para “Só trabalhar” em comparação aos jovens brancos.

Tabela 4 – Efeitos dos fatores socioeconômicos sobre as Categorias de Estudo e Trabalho: Estimativas do Modelo *Logit* Multinomial para o ano de 2019.

Variáveis	Variáveis Categóricas (Nem estuda e Nem trabalha - Categoria de referência)		
	Só estuda	Estuda e Trabalha	Só trabalha
Idade	-0,0802***	-0,2333***	0,1245***
Sexo (Homem = 1)	0,4209***	0,0581	0,6680***
Situação Censitária (Urbano = 1)	0,0299	0,3154***	-0,3367***
Anos de estudo	0,3403***	0,2065***	0,0729***
Renda domiciliar <i>per capita</i>	0,0004***	0,0004***	0,0003***
Cor ou raça (Etnia branca foi omitida)			
Preta	-0,0106	-0,2280***	-0,0373
Amarela	0,2620	0,4872*	-0,0356
Parda	-0,0117	0,1973***	0,0653***
Indígena	0,4164	0,3474	0,3585
Regiões Geográficas (Região Sudeste foi omitida)			
Sul	0,5805***	0,2902	0,3758***
Centro-Oeste	0,3317***	0,4235	0,0718
Nordeste	0,0545	0,5848	-0,2866***
Norte	-0,0164	0,6221	-0,3602***
Relação de Parentesco com o chefe do domicílio (Filhos (as) do responsável e do conjugue foi omitido)			
Filho(a) somente do responsável	0,1358***	-0,1629***	0,1934***
Enteado(a)	0,0286	-0,0591	-0,1363*
Neto (a)	0,4964***	0,0664	0,3838***
Número de observações			49,449
Prob > Chi ²			0,0000
Pseudo R ²			0,0987
Teste Razão de Verossimilhança			-23110779

Nota: * $p < 0.1$; ** $p < 0.05$; *** $p < 0.01$

Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019).

Os coeficientes do modelo em relação a variável região para ano de 2019 mostrou que, os jovens da região Sul têm maiores chances de “Só estudar” e “Só trabalhar”, sugerindo que jovens sulistas apresentavam menores probabilidades de permanecer NEM-NEM, e em comparação aos jovens do Sudeste. Já para o Norte e Nordeste seus coeficientes se mostraram negativos para a categoria “Só trabalha”, seus marcadores negativos indicaram que houve uma maior possibilidade de serem NEM-NEM nestas regiões em comparação aos jovens da região Sudeste.

No modelo é possível ainda verificar a interação dos coeficientes para a variável “Relação de parentesco com o chefe do domicílio”, tendo como categoria referência endógena, os jovens que se declaravam filhos do casal. A partir disso, inferiu-se que, os jovens que eram filhos apenas do responsável apresentaram uma maior probabilidade de “Só estudar” ou “Só trabalhar”, em comparação a permaneceram NEM-NEM. Porém, estes ainda tiveram dificuldades de combinar atividades de estudo e trabalho, justificado pelo fator negativo de seu

coeficiente. Já para àqueles que conviviam com seus avós, se atribuiu menores chances de permanecerem como NEM-NEM, envolvendo positivamente com atividades produtivas, seja estudar ou trabalhar. Atribui-se a relação positiva dos jovens que convivem com seus avós a fatores relacionados para além de aspectos econômicos, como a contribuição na renda do domicílio, à dimensões socioafetivas, apontados por Dias; Aguiar e Hora (2009; 2010), como sendo resultado de valores éticos repassados por eles como: respeito aos mais velhos; paciência, compreensão e contorno das dificuldades.

Na Tabela 5, logo abaixo, se verifica o comportamento destas mesmas variáveis, porém em um período posterior, sendo este o ano de 2023. Com isso, se pretende captar quais as mudanças incorridas entre meio as estes intervalos, dado a passagem da pandemia de Covid-19.

Nesse sentido, ao analisar o coeficiente da idade, se percebe que ocorre uma redução na probabilidade de jovens adultos, ou seja, aqueles mais próximos à idade limite, 29 anos, de só estudarem, em comparação a nem estuda e nem trabalha. É interessante também notar que, o coeficiente da categoria “Só trabalha” reduziu, o que pode indicar uma menor probabilidade destes jovens só trabalharem quando comparados ao período anterior, e igualmente à categoria NEM-NEM. Os valores do coeficiente relacionados à categoria “Estuda e Trabalha” se manteve estável, indicando um movimento de perpetuação na diminuição da probabilidade de os jovens estudarem e trabalharem em comparação a nem estudar e nem trabalhar. A evolução do número de jovens mais velhos – dependentes – que optam por apenas trabalhar se relaciona ao fato de que, muitas vezes alcançou o nível necessário de escolaridade que o julgava razoável para se inserir ao Mercado de Trabalho (Cardoso, 2013; Balan, 2014; Costa *et al.*, 2019).

Em relação a distribuição por “Sexo” seu coeficiente para a categoria “Só estuda” teve uma redução em sua probabilidade ao comparar com o cenário anterior, assim, as chances de os homens estarem apenas estudando diminuiu em comparação à categoria NEM-NEM, porém ainda possuem maiores chances de permanecerem só estudando. A categoria “Estuda e Trabalha” assumiu um comportamento não significativo para o modelo, o que pode indicar que para o período de 2023, mais precisamente no primeiro trimestre, ser homem não era uma característica relevante para a distribuição de probabilidade da categoria indicada, em relação ao comportamento NEM-NEM. Para a última categoria – Só trabalha –, os jovens do sexo masculino continuaram a apresentar maior probabilidade de estarem apenas trabalhando em comparação aos NEM-NEM.

Tabela 5 – Efeitos dos fatores socioeconômicos sobre as Categorias de Estudo e Trabalho: Estimativas do Modelo *Logit* Multinomial para o ano de 2023.

Variáveis	Variáveis Categóricas (Nem estuda e Nem trabalha - Categoria de referência)		
	Só estuda	Estuda e Trabalha	Só trabalha
Idade	-0,1229***	-0,2357***	0,0862***
Sexo (Homem = 1)	0,1762***	-0,0618	0,5484***
Situação Censitária (Urbano = 1)	0,1269***	0,1226**	-0,2662***
Anos de estudo	0,3694***	0,1820***	0,0821***
Renda domiciliar <i>per capita</i>	0,0007**	0,0006***	0,0005***
Cor ou raça (Branca foi omitida)			
Preta	0,0934	-0,2428***	0,1327**
Amarela	-0,2744	-0,3406	-0,1491
Parda	-0,0164	-0,2087***	0,1213***
Indígena	-0,5568**	-0,1183	0,7225
Regiões Geográficas (Região Sudeste foi omitida)			
Sul	0,5209***	-0,0421	0,2702***
Centro-Oeste	0,1851**	0,1327*	0,086
Nordeste	-0,3273***	0,3135***	-0,4056***
Norte	-0,0653	0,5511***	-0,2171***
Relação de Parentesco com o chefe do domicílio (Filhos (as) do responsável e do conjuge foi omitido)			
Filho(a) somente do responsável	0,0542	-0,0856*	0,0975**
Enteado(a)	-0,0930	-0,2432**	0,0379
Neto (a)	0,1045	0,1048	0,2333
Número de observações			42,566
Prob > Chi ²			0,0000
Pseudo R ²			0,113
Teste Razão de Verossimilhança			-22346912

Nota: * $p < 0.1$; ** $p < 0.05$; *** $p < 0.01$

Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2023).

Para a variável local de residência, “Situação Censitária” os jovens urbanos têm maior probabilidade de se dedicarem apenas aos estudos em comparação aos NEM-NEM, e diante dos jovens em meio rural. O marcador para a categoria “Estuda e Trabalha” continuou a mostrar uma tendência positiva para os jovens metropolitanos em comparação à categoria nem estuda e nem trabalha. Indo à contramão, ou ainda, para a categoria “Só trabalha”, estes jovens têm menores probabilidades de assumirem tal comportamento em conferência aos NEM-NEM.

Destaque, a variável “Anos de estudos”, a qual apresentou um impacto positivo para todas as três combinações da variável explicada em comparação a categoria base – “Nem estuda e Nem trabalha”. Essa relação positiva se justifica, nestes casos pelo vislumbre dos jovens e dos demais membros do domicílio com a possibilidade de aumentos nos retornos de rendimentos ao inserir-se no Mercado de Trabalho, ou ainda, à possibilidade de promoção e

mudança de cargo ou profissão (Menezes-Filho; Oliveira, 2017; Martins, 2017). Para além, estudos como de Rios-Neto *et al.* (2018); Silva (2023) relatam um aumento considerável no número de matrículas nos ensinos médio e fundamental, demarca-se a evolução igualmente positiva de jovens no ensino superior entre 2016 e 2022 (Silva, 2023).

Em síntese, quanto mais anos de estudos, maior a participação do jovem tanto no ensino quanto na força de trabalho (Ciríaco *et al.*, 2022), da mesma forma contribuem Vieira *et al.*, (2016); Tillman e Comin (2016) em que equacionaram: jovens com maiores níveis de escolaridade têm uma tendência positiva de conciliação entre trabalho e estudos.

Organicamente, a renda domiciliar também indica para um padrão positivo em todas as categorias em comparação aos NEM-NEM, o que comprova a relação entre o rendimento das famílias e a possibilidade de seus jovens não assumirem o comportamento NEM-NEM. Dessa forma, quanto maior é a renda, ou melhor *status* a família detêm, menores são as chances de seus filhos não estudarem e não trabalharem (Campelo, 2005; Dias *et al.*, 2023).

Ao analisar os valores e os marcadores para os coeficientes “Cor ou Raça”, tem-se que, a probabilidade de jovens pretos só estarem trabalhando mudou de negativa para positivo, podendo sugerir uma melhora na alocação destes jovens no Mercado de Trabalho, em comparação a nem estuda e nem trabalha e aos jovens brancos para o ano de 2023. Entretanto, a categoria “Estuda e Trabalhou” perpetuou em um cenário negativo em relação aos NEM-NEM.

Para os jovens autodeclarados pardos, seu coeficiente apresentou um sinal negativo para a categoria “Estuda e Trabalha” em relação à categoria “Nem estuda e Nem trabalha”, o que pode indicar uma menor probabilidade da possibilidade de combinar trabalho e estudos em comparação aos brancos. Por outro lado, o marcador para categoria “Só trabalha” mostrou uma relação positiva, indicando que há maiores chances destes jovens apenas trabalharem em comparação aos NEM-NEM e aos jovens brancos.

Ainda em torno da problemática, e se tratando da cor da pele como variável explicativa Gomes (2021) em seu modelo verificou resultados similares para os jovens não brancos, e apontou que estes têm maiores probabilidades de repetirem o ciclo doméstico intergeracional de seu domicílio. Sem negligenciar os jovens indígenas, o coeficiente para a categoria “Só estuda” apresentou uma redução da probabilidade de permanecerem apenas estudando em comparação aos NEM-NEM.

Os coeficientes para a variável região mostraram-se positivos na região Sul para a categoria “Só estuda” e “Só trabalha” em comparação aos NEM-NEM e à região Sudeste. Na

região Centro-Oeste, consolidou-se probabilidades positivas para “Só estuda” e “Estuda e Trabalha” em relação a categoria “Nem estuda e Nem trabalha” e à região sudeste.

O movimento do coeficiente para a região Nordeste se apresentou negativo para as variáveis “Só estuda” e “Só trabalha” em comparação à categoria “Nem estuda e Nem trabalha” e a região base, Sudeste, indicando maiores probabilidades de os jovens nordestinos serem NEM-NEM. Corrobora Pereira e Queiroz (2023), em que ao estimar as causas e mensurar a evolução dos jovens NEM-NEM, chegaram a resultados similares para a condição não trabalha, os quais apontaram para um evolução positiva no intervalo de 1995 a 2023. Inversamente, sua categoria “Estuda e Trabalha” teve um resultado positivo em comparação a categoria referência e a região Sudeste, o que indica que suas chances de estudarem e trabalharem foram maiores que, de se encontrar NEM-NEM para o período.

Souza e Tabosa (2018) auferem o comportamento positivo desta categoria, como resultado de um conjunto de medidas que favoreciam a obtenção de renda, ao mesmo passo que, aumentava a escolaridade de seus jovens. Na região Norte seus coeficientes se mostraram positivos para “Estuda e Trabalha”, ou seja, a probabilidade de os jovens do norte estarem estudando e trabalhando são maiores quando em comparação aos jovens do sudeste e à categoria NEM-NEM, e negativo para “Só trabalha” o que indica menores chances de assumirem este comportamento em comparação à região Sudeste e à categoria NEM-NEM.

A variável “Relação de Parentesco” indicou resultados adversos em comparação ao primeiro período de análise, sendo que em sua variável secundária, encerra-se àqueles jovens filhos somente do responsável, que perdeu sua significância para a categoria “Só estuda”. *A posteriori*, para os jovens que conciliavam estudo e trabalho, permaneceu negativo, porém com um grau menos de intenso de significância estatística, ou ainda em comparação aos localizados como filhos do responsável e conjuge e à categoria base – Nem estuda e Nem Trabalha – a probabilidade de estudar e trabalhar é negativa. Já para a categoria “Só trabalha” sua relação manteve-se mesmo que em menor proporção, positiva. Para os jovens, os quais “Enteados”, a possibilidade de “Estudar e Trabalhar” tornou-se negativa frente as chances de nem estudar e nem trabalhar, ou ainda, detêm maior probabilidade de estarem na categoria referência.

A localização da condição do jovem dentro do domicílio se torna importante, pois a depender do arranjo da família pode implicar em diferentes cenários para eles. Estudos como de Ciríaco *et al.*, (2022) indicaram que, a ausência da mãe pode implicar em maiores chances de os jovens estarem na situação Nem-Nem, argumentando ainda que elas representam uma figura de incentivo e segurança emocional para os filhos.

Ainda neste movimento, observou-se a mudanças em coeficientes e valores entre os dois períodos para esta variável em particular, o que pode discriminar as possíveis transformações no perfil destes domicílios em decorrência do impacto da Pandemia de Covid-19. Como é caso da perda de significância nas categorias para os jovens que residiam com seus avós, pessoas idosas, sendo este um dos públicos mais afetados fatalmente pela doença (Leite, *et al.*, 2024).

Em síntese, os resultados sublinharam a interdependência entre fatores socioeconômicos, geográficos e demográficos na configuração das trajetórias juvenis. Com isso, se faz necessário políticas públicas que priorizem a redução de desigualdades educacionais, o fortalecimento de redes de apoio familiar, além de intervenções regionais específicas mitigadoras da condição NEM-NEM, para as populações historicamente marginalizadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou contribuir para o arcabouço científico de pesquisas que tiveram por interesse desvendar as interações do ambiente econômico, em destaque no Mercado de Trabalho, para jovens de 18 a 29 anos de idade que residiam com seus responsáveis, em um período de crise sanitária global (2019 – 2023). Além de demonstrar como forças sociais e econômicas se manifestavam na realidade dos domicílios que compreenderam o universo aqui analisada, e de que forma atuavam como determinantes na formação do contingente daqueles que nem estudavam e nem trabalhavam, os chamados NEM-NEM. Dada esta formulação, indicou-se a diferenciação desta pesquisa.

A abordagem científica frente ao cenário do Mercado de Trabalho do jovem brasileiro é focalizada em aspectos mais gerais, não delimitando intervalos de idade que os distinguem nas diferentes fases da juventude, bem como a sua posição dentro de seu lar. Assim, ao considerar uma estrutura sociopolítica e econômica para esta parcela da população, evita-se cair em um problema denominado por Hox (2002) de falácia ecológica. Em face disso, a base de dados da Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio (PNDc) torna-se precioso ferramental na construção de indicadores e medidas de captação da realidade socioeconômica dos jovens brasileiros, aqui em evidência.

Assim, este trabalho encerra-se com o apontamento das seguintes conclusões: evidenciou-se os anos 2019 e 2023, respectivamente os anos que compreenderam os limites do período de pandemia de Covid-19, podendo assim capturar os efeitos socioeconômicos das variáveis aqui consolidadas na categoria de jovens que não estudavam e não trabalhavam. Observou-se, alterações evidentes no perfil de jovens que “só estudavam” e residiam apenas com o responsável. Ademais, um efeito o qual mencionado em estudos que tratam da diferenciação por raça, manteve-se presente aqui também seus efeitos de disparidades por cor, o qual apresentou impactos negativos na combinação entre trabalho e estudo, ou seja, maiores probabilidades de jovens pretos e pardos se encontrarem entre NEM-NEM.

Ao evidenciar o âmbito das regiões do Brasil, é nítida a persistência das desigualdades entre elas. Os jovens do Norte e Nordeste apresentam menores chances de só estarem trabalhando. Isso pode refletir as desigualdades estruturais e históricas que se consolidaram desde sua formação, indicando a necessidade de análise sob critérios mais robustos e particulares para estas regiões.

Com isso, pode-se afunilar a hipótese arguida ao longo deste trabalho: a permanência ou retorno dos jovens nos domicílios de seus pais ou responsáveis emerge não apenas como

resposta ao período de crise econômica evidenciada aqui, mas como um elemento estrutural que pode interagir com a transição demográfica, urbanização seletiva, normas de gênero e ainda à composição domiciliar em que se encontra. O que por sua vez impactará diretamente a sua decisão em assumir ou não a postura de NEM-NEM

Todavia, é de praxe pesquisas como estas apresentem limitações, tais como vieses nos dados e ausência de dados contextuais particulares para cada diferente realidade vivenciada por jovens dependentes de seus responsáveis com idade entre 18 e 29 anos. Com isso sugere-se a possíveis estudos futuros abordagens complementares, como a delimitação regional, análises longitudinais, de tendência em diferentes períodos e análises qualitativas.

A análise dos dados no período delimitado, com ênfase no ano de 2023, revela um cenário marcado por recuperação pós-crise e transformações estruturais no Mercado de Trabalho, além de grandes mudanças no perfil socioeconômico da juventude brasileira. A análise evidencia que as vulnerabilidades vinculadas ao ambiente doméstico persistem ao longo do ciclo juvenil – iniciando-se na adolescência e estendendo-se além dos 25 anos –, configurando-se como um desafio estrutural. Nesse sentido, a desagregação das relações entre fatores laborais e socioeconômicos torna-se imperativa para a construção de intervenções públicas precisas, aptas a desconstruir padrões históricos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE JACINTO, Paulo; CAETANO, Sidney Martins. Os efeitos trabalhador adicional e desalento: uma análise para as regiões metropolitanas do Nordeste. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 42, n. 2, p. 351-364, 2011. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/revista/ren/article/download/153/132>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- ANDRADE, Joana. **As consequências dos estereótipos prescritivos de idade para os trabalhadores mais jovens nas organizações: O papel do equilíbrio trabalho-vida**. 2023. Dissertação de Mestrado. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/29460>. Acesso em: 28 out. 2024.
- ALMEIDA, Ana Nunes. O que as famílias fazem à escola... pistas para um debate. **Análise Social**, p. 579-593, 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41012166>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- AINA, Carmen et al. Even more discouraged? The NEET generation at the age of COVID-19. **Applied Economics**, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00036846.2024.2337790>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- ANNEGUES, Ana Cláudia; SOUZA, Wallace Patrick Santos de Farias. Retorno salarial do Overeducation: viés de seleção ou penalização ao excesso de escolaridade?. **Revista Brasileira de Economia**, v. 74, p. 119-138, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/wcyBJywjNxtCxQ4BB8bTtMF/?stop=previous&format=html&lang=pt>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- ANTIGO, M.; RAMOS SIMÕES, A. C.; GUINESI MATTOS BORGES, C.; DE FARIA BALBINO, T. Vulnerabilidade do responsável pelo domicílio no mercado de trabalho: uma análise por sexo e por cor para o Brasil entre 2016 e 2023. **Revista de Economia do Centro-Oeste**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 29-54, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/reoeste/article/view/79430>. Acesso em: 30 out. 2024.
- AQUINO, Luseni. A juventude como foco das políticas públicas. **Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: IPEA**, p. 26-40, 2009. Disponível: [Juventude e políticas sociais no brasil - IPEA by Juventude Rural / MDA - Issuu](#). Acesso em: 02 abr. 2024.
- ANTIGO, M.; RAMOS SIMÕES, A. C.; GUINESI MATTOS BORGES, C.; DE FARIA BALBINO, T. Vulnerabilidade do responsável pelo domicílio no mercado de trabalho: uma análise por sexo e por cor para o Brasil entre 2016 e 2023. **Revista de Economia do Centro-Oeste**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 29-54, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/reoeste/article/view/79430>. Acesso em: 30 out. 2024.
- ARAÚJO, Eliane Cristina et al. A condição do jovem no mercado de trabalho brasileiro: uma análise comparativa entre o emprego e o primeiro emprego (1999-2009). **Economia & Tecnologia**, 2010. Disponível em: https://anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3ap481_506.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.
- ARAÚJO, Ewerton Melo; PAES, Nelson Leitão. Desoneração da cesta básica ou expansão do programa bolsa família? Uma simulação por equilíbrio geral computável. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 23, p. e192317, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/6shctWYHYvCmy8hpQJvnBDv/>. Acesso em: 02 abr. 2024.
- ARNETT, Jeffrey Jensen. **Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties**. Oxford University Press, 2023.

ARNETT, Jeffrey Jensen. Conceptions of the transition to adulthood among emerging adults in American ethnic groups. **New directions for child and adolescent development**, v. 2003, n. 100, p. 63-76, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/cd.75>. Acesso em: 28 dez. 2024.

ASSIS PAULA, Flávia Maria; PIRES, Lucineide Mendes. Os jovens e a cidade: das práticas espaciais às redes de sociabilidade e a constituição de territorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 35, p. 87-106, 2013.

AUGUSTO, Cristiane Brandão; DOS SANTOS, Rogerio Dultra. **Pandemias e pandemônio no Brasil**. Tirant lo Blanch, 2020. *E-book*.

AYALA, Isabel; GARCÍA, Gustavo; PONTE, Juan. Realidades, percepciones y expectativas en torno a la emancipación juvenil de egresados universitarios. Caso: egresados de la Universidad Católica Andrés Bello en el año 2013. **Revista sobre Relaciones Industriales y Laborales**, n. 52, 2017.

BATISTA, A. L.; COSTA, L. V. . Choques de renda e domicílios chefiados por mulheres e: Uma análise para as regiões metropolitanas brasileiras no período de 2011 a 2015. In: 47° ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 2019, São Paulo. 47° ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 2019.

BACCIOTTI, Rafael; MARÇAL, Emerson Fernandes. Taxa de Desemprego no Brasil em quatro décadas: retroplação da PNAD contínua de 1976 a 2016. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 50, p. 513-534, 2020.

BEIRÃO, Éder De Souza; GONÇALVES, Maria Elizete; NETO, Darcy Ramos Da Silva. Desemprego No Brasil: Uma Análise Empírica De Previsão Baseada Na Metodologia Box-Jenkins. **Revista Economia e Políticas Públicas**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 131–160, 2021. DOI: 10.46551/epp2021917. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/economiaepoliticaspUBLICAS/article/view/4745>. Acesso em: 26 out. 2024.

BECKER, Gary S. **A treatise on the family: Enlarged edition**. Harvard university press, 1993. Disponível em: <https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=byrnEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR9&dq=gary+becker&ots=Yd6zFrh9JW&sig=tNzXTkw-iO55uQppIZrXHiTKcDQ>. Acesso em: 09 mai. 2024.

BLOSSFELD, Hans-Peter; DROBNIC, Sonja (Ed.). **Careers of couples in contemporary society: From male breadwinner to dual-earner families: From male breadwinner to dual-earner families**. OUP Oxford, 2001. *E- book*. Disponível: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=TUW1PO57a5IC&oi=fnd&pg=PR11&dq=Drobnic,+S.,+%26+Blossfeld,+H.-P.+&ots=uLiiMkAGC9&sig=tjy_WDwXflpeYNGwnlsKuhOx26g. Acesso em: 18 abr. 2024.

BOSSARDI, Carina Nunes. **Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30376419.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Between Work and School: life course of poor young people. **Educação & Realidade**, v. 48, p. e120417, 2023.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/wrjyvyBmV7zsWtmLgDrz8SN/?lang=en>. Acesso em: 26 fev. 2024.

BRITO, Danyella Juliana Martins *et al.* **Dinâmica da oferta de trabalho familiar no Brasil em um contexto de mudanças demográficas**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30841>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CABANAS, Pedro; KOMATSU, Bruno; MENEZES FILHO, Naercio. O crescimento da renda dos adultos e as escolhas dos jovens entre estudo e trabalho. **São Paulo: Insper: Centro de Políticas Públicas**, 2015. Disponível: <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/O-Crescimento-da-Renda-dos-Adultos-e-as-Escolhas-dos-Jovens-entre-Estudo-e-Trabalho.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2024.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?. **Mercado de trabalho**, v. 53, p. 38, 2012. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim_mercado_de_trabalho/121204_bmt53.pdf#page=37. Acesso em 12 jan. 2024.

CACCIAMALI, Maria Cristina; TATEI, Fabio. Impacto do desemprego e da informalidade sobre a empregabilidade e a renda futura do jovem. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**. São Paulo, n. 16, jan-jun. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7939?mode=full>. Acesso em: 1 ago. 2023.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão. Transição para a vida adulta: mudanças por período e coorte. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**, p. 95-136, 2006. Disponível: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3296/1/Livro_Transicao_WEB1.pdf#page=96. Acesso em: 27 abr. 2024.

CAMPÊLO, Ana Katarina; SILVA, Everton Nunes da. **Filhos e renda familiar: uma aplicação do efeito quantílico de tratamento**. 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/27073051/49-84-1-PB.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CARDOSO, Guilherme; HERMETO, Ana. Detalhando o perfil de atividade dos jovens brasileiros que não estudam nem trabalham: o papel da busca por trabalho e dos afazeres domésticos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 38, p. e0164, 2021.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 1439-1454, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/P9xX7fLyt8MSgL4VmcGK4ft/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 1439-1454, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/P9xX7fLyt8MSgL4VmcGK4ft/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

CARVALHO, A. L. G. de . ENDIVIDAMENTO, MERCADO DE CRÉDITO E COVID-19: INFLUÊNCIAS DA POLÍTICA NACIONAL NA MICROECONOMIA FAMILIAR. **Epitaya E-books**, [S. l.], v. 1, n. 52, p. 45-62, 2023. DOI: 10.47879/ed.ep.2023915p45. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/865>. Acesso em: 22 out. 2024.

CÁSSIO, Fernando. O ‘Novo’ Ensino Médio é muito pior que o anterior. **Carta capital**, v. 13, n. 02, 2023.

CATTANI, Antonio David et al. Dicionário internacional da outra economia. **Coimbra: Almedina**, v. 345, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/download/112857475/Nota_acerca_da_edicao_portuguesa.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

CAVANAGH, Caitlin; CLOUGH, Isabelle; THOMAS, April Gile. Concerns about the COVID-19 pandemic among justice-involved and low-income youth. **Juvenile and Family Court Journal**, v. 72, n. 4, p. 5-30, 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jfcj.12209>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Comisión Económica Para América Latina Y El Caribe, & Organización Internacional del Trabajo. *Hacia la creación de mejor empleo en la pospandemia*, Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe, Nº 28 (LC/TS.2023/70), Santiago, 2023. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/80b8ed48-ce7f-4b38-a54a-21aba58a55b2/content>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CERQUEIRA, Daniel; MOURA, Rodrigo Leandro. O efeito das oportunidades no mercado de trabalho sobre as taxas de homicídios no Brasil. **Anais do Encontro Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia. Florianópolis (SC)**, p. 942-697, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Daniel-Cerqueira-2/publication/313876113_O_EFEITO_DAS_OPORTUNIDADES_NO_MERCADO_DE_TRABALHO SOBRE AS TAXAS DE HOMICIDIOS NO BRASIL/links/58ac78e04585155ae77ab0ee/O-EFEITO-DAS-OPORTUNIDADES-NO-MERCADO-DE-TRABALHO-SOBRE-AS-TAXAS-DE-HOMICIDIOS-NO-BRASIL.pdf.

CHOUDHRY, Misbah Tanveer; MARELLI, Enrico; SIGNORELLI, Marcello. Youth unemployment rate and impact of financial crises. **International journal of manpower**, v. 33, n. 1, p. 76-95, 2012. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/01437721211212538/full/html?fullSc=1&mbSc=1&fullSc=1>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CORSEUIL, Carlos Henrique Leite; FRANCA, Maíra Penna; POLOPONSKY, Katcha. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 501-520, 2021.

CORSEUIL, Carlos Henrique Leite; FRANCA, Maíra. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempo de crise. 2022. In: In: IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. – v. 1, n. 70, **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**. Brasília: IPEA, set. 2020. P. 2-10.

CORSEUIL, Carlos Henrique Leite; POLOPONSKY, Katcha; FRANCA, Maira Albuquerque Penna. **Uma interpretação para a forte aceleração da taxa de desemprego entre os jovens**. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mauro-Nogueira-2/publication/324923181_Infinitos_Tons_de_Cinza_entre_o_formal_e_o_informal_o_Brasil_se_faz_no_semiformal/links/5aeb7787a6fdcc8508b6d8cd/Infinitos-Tons-de-Cinza-entre-o-formal-e-o-informal-o-Brasil-se-faz-no-semiformal.pdf#page=65. Acesso em: 10 mar. 2024.

CORSEUIL, Carlos Henrique; DOS SANTOS, Daniel Domingues; FOGUEL, Miguel Nathan. **Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina**. Texto para discussão, 2001. Disponível: <https://www.econstor.eu/handle/10419/295098>. Acesso em: 10 jan. 2024.

COSTA, Márcia da Silva. O sistema de relações de trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, p. 111-131, 2005.

COSTA, Miqueline Leite. **Decisão de participação dos jovens brasileiros no mercado de trabalho: análise com base em características individuais e familiares**. 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/18809>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CUNHA, Dênis Antônio da.; ARAÚJO, Aracy Alves de.; LIMA, João Eustáquio de. Determinantes do desemprego e inatividade de jovens no Brasil metropolitano. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 9, n. 3, p.369-392, 2011.

SOUSA, Alfredo. **Desafios à conciliação família-trabalho**. 2018. Disponível em: https://cip.org.pt/wp-content/uploads/2019/03/Nova-SBE_relatorio-final_06.12.2018.pdf. Acesso em: 05 mai. 2024.

DEMETRI, Gustavo Abreu Almeida Pamato. **O desemprego juvenil no Brasil no século XXI**. 2021. Dissertação de Mestrado. ISCTE-Instituto Universitario de Lisboa (Portugal). Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/578699bc3d8261d174c2d6c66066c710/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 01 jul. 2024.

DIAS, Thyena Karen Magalhães; NUNES, Erivelton de Souza; COSTA, Edward Martins; ARAUJO, Jair Andrade de. Desemprego severo entre os jovens brasileiros. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, v. 66, p. 10-31, abr./jun. 2023. Disponível em: [Repositório Institucional UFC: Desemprego severo entre os jovens brasileiros](#). Acesso em: 25 set. 2024.

DIAS, Souza Brito. *et al.* Netos criados por avós: motivos e repercussões. **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 41-58, 2009.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; DA HORA, Flávia Fernanda Araújo; DE SOUZA AGUIAR, Ana Gabriela. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 2, p. 188-199, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193817420013.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

DIEESE. **Boletim Emprego em Pauta: 2022**. São Paulo: DIEESE, 2022. Disponível em: [DIEESE - boletim emprego em pauta - Nº 24 - Jovens de baixa renda têm mais dificuldade para estudar e trabalhar - dezembro/2022](#). Acesso em: 03 mar. 2024.

_____. Estudos e Pesquisas: **A covid-19 e os trabalhadores do Comércio**. São Paulo: DIEESE, 2020. Disponível em: [DIEESE - estudos e pesquisas - EP Nº 94 - A covid-19 e os trabalhadores do Comércio - julho/2020](#). Acesso em: 05 abr. 2024.

DIERDORFF, Erich C.; MORGESON, Frederick P. Consensus in work role requirements: the influence of discrete occupational context on role expectations. **Journal of Applied Psychology**, v. 92, n. 5, p. 1228, 2007. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2007-12832-004>. Acesso em: 05 mar. 2024.

DUARTE, Carolina de Crasto Vieitas. **Expectativas de futuro vocacional na “adulthood emergente”**: Estudo exploratório. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra (Portugal). <https://search.proquest.com/openview/37194e2479179762dd2692be0d14fc05/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 25 out. 2024.

EGDELL, Valerie; BECK, Vanessa. A capability approach to understand the scarring effects of unemployment and job insecurity: Developing the research agenda. *Work, Employment and Society*, v. 34, n. 5, p. 937-948, 2020.

EMIDIO, Inara Braga. **Monoparentalidade feminina e COVID-19: um estudo sobre trajetórias e impactos da pandemia na vida de chefes de família monoparental**. 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/52974>. Acesso em: 02 out. 2024.

EICHENGREEN, Barry. **The European economy since 1945: coordinated capitalism and beyond**. Princeton University Press, 2006. E-book. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9781400829545/html>. Acesso em: 06 jan. 2024.

Fernandes, Reynaldo & de Felicio, Fabiana, 2005. "**The Entry of the Wife into the Labor Force in Response to the Husband's Unemployment: A Study of the Added Worker Effect in Brazilian Metropolitan Areas**," *Economic Development and Cultural Change*, University of Chicago Press, vol. 53(4), pages 887-911, July. Disponível em: [The Entry of the Wife into the Labor Force in Response to the Husband's Unemployment: A Study of the Added Worker Effect in Brazilian Metropolitan Areas \(repec.org\)](http://repec.org). Acesso em: 10 mai. 2024.

ALMEIDA, Jéssica Brenner Soares A.; FIGUEIREDO, Adriano Marques R. POPULAÇÃO NEM-NEM: uma análise a partir dos dados da PNAD 2012. **Revista de Estudos Sociais**, [S. l.], v. 19, n. 38, p. 106–129, 2024. DOI: 10.19093/res4942. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/4942>. Acesso em: 8 jan. 2025.

FREITAS, Marcos Paulo Soares et al. Amostra mestra para o sistema integrado de pesquisas domiciliares. 2007.

FREITAS, Thiago de Araújo. **Ensaio sobre o impacto da pandemia no mercado de trabalho: uma análise dos fatores que afetaram a jornada de trabalho**. 2024. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Economia, Fortaleza, 2024.

GALVÃO, Thais Leite; QUEIROZ, SN de. Retrato do desemprego juvenil no Brasil e no Ceará nos anos de 2004 e 2014. **Carta Social e do Trabalho**, v. 36, p. 46-61, 2017. Disponível: <https://www.ie.unicamp.br/images/arquivos/carta-social-e-do-trabalho-36.pdf#page=50>.

GERTLER, Mark; HUCKFELDT, Christopher; TRIGARI, Antonella. Unemployment fluctuations, match quality, and the wage cyclicality of new hires. **The Review of Economic Studies**, v. 87, n. 4, p. 1876-1914, 2020. Disponível em: <https://academic.oup.com/restud/article-abstract/87/4/1876/5730003>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GHIRALDELLI, Reginaldo. Trabalho, reformas ultraliberais, desigualdades e pandemia no Brasil: os sentidos da crise. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00325158, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/W8rSX37Tgw9k7KTCCkDFDkp/?format=html>. Acesso em: 10 dez. 2024.

GONZALEZ, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída. **Governo Federal**, p. 111, 2009. Disponível em: <https://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/147.pdf#page=111>.

- GONZAGA, Gustavo; REIS, Mauricio Cortez. Oferta de trabalho e ciclo econômico: os efeitos trabalhador adicional e desalento no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 65, p. 127-148, 2011.
- GOHN, Maria G.; BRINGEL, Breno M. **Movimentos sociais na era global**. Editora Vozes Limitada, 2012.
- GREENE, William H. Econometric analysis 4th edition. **International edition, New Jersey: Prentice Hall**, p. 201-215, 2000.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**, p. 149-174, 2005.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**, p. 171-198, 2006. Disponível em: [Cap06.pmd \(ipea.gov.br\)](#). Acesso: 10 fev. 2024.
- GUJARATI, Damodar N. (Org). **Econometria Básica**. São Paulo: Sênior, 2011.
- GUJARATI, Damodar N. Extensões do modelo de regressão linear de duas variáveis. LN.
- GUJARATI, Damodar N.; PORTER, Dawn C. **Basic econometrics**. McGraw-hill, 2009.
- HASENBALG, Carlos. A transição da escola ao mercado de trabalho. **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 147-172, 2003.
- HEILBORN, Maria Luiza (Ed.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Editora Garamond, 2006. Disponível em: https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=2atSW6KG7U0C&oi=fnd&pg=PA9&dq=Heilborn&ots=G_de8BV_rc&sig=yLKu1lCiNukWYhcUqJoTBg7ttfM. Acesso em: 10 mai. 2024.
- HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. 2001. Disponível em: <https://antigo.aids.gov.br/sites/default/files/campanhas/2005/38277/desigualdade.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- HOFFMANN, Rodolfo. **Estatística para economistas**. 2017.
- HOX, Joop J. **Multilevel analysis: Techniques and applications**. 2010. Disponível em: <https://www.joophox.net/publist/amaboek.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA **PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Brasília, DF: Trabalho e Rendimento, Microdados, 2019; 2024.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Diálogos para o Futuro Plano de Trabalho 2024**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia/Departamento de Geografia. 2024. 94 p. Disponível em: [Plano de trabalho 2024 ebook.pdf \(ibge.gov.br\)](#). Acesso em: 08 fev. 2024.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Coordenação de População e Indicadores Sociais - Rio de Janeiro: IBGE. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca/catalogo?view=detalhes&id=2101972>.

IKUTA, Camila Yuri Santana; MONTEIRO, Gustavo Plínio. Ocupados, mas insatisfeitos: uma análise do crescimento da subocupação no Brasil. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 16, 2019. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/241>. Acesso em: 02 abr. 2024.

ILO (International Labour Organization). 2022. **X Global Employment Trends for Youth 2022 Investing in transforming futures for young people**. Geneva: ILO. Disponível em: [Global Employment Trends for Youth 2022 - Investing in transforming futures for young people - World | ReliefWeb](#). Acesso em: 03 abr. 2024.

JATOBÁ, Jorge. A família brasileira na força de trabalho: um estudo de oferta de trabalho-1978/88. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 24, n. 1, p. 1-34, 1994.

JATOBÁ, Jorge. A família na força de trabalho: Brasil metropolitano-1978-1986. **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, v. 7, 1990.

KREIN, José Dari. **Tendências recentes nas relações de emprego no Brasil: 1990-2005**. 2007. Tese de Doutorado. [sn]. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/415104>. Acesso em: 10 abr. 2024.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva Consequências da reforma trabalhista. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 77 104, 2018.

LAMONICA, Valentina. Giovani e mercato del lavoro: un'analisi critica dela letteratura. **Quaderni IRCrES-CNR**, v. 3, n. 5, p. 31-48, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Valentina-Lamonica/publication/Giovani-e-mercato-del-lavoro-unanalisi-critica-della-letteratura.pdf>. Acesso em: 21 fev 2024.

LANZARA, Arnaldo Provasi. Trabalho E Proteção Social Na Era Da Economia Digital. **Caderno CRH**, v. 36, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v36i0.36205>. Acesso em: 20 jan. 2025.

LEITE, Maria Amanda Pereira et al. Análise de sobrevivência em idosos com Covid-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 2, p. e13792-e13792, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e13792.2024>. Acesos em: 20 dez. 2024.

LIMA, Jacob Carlos. A Nova Informalidade. In: IVO, Anete Brito Leal. (coord.). *Dicionário temático Desenvolvimento e Questão Social: 81 problemáticas contemporâneas*. São Paulo: Annablume, 2013. p. 330-336.

Long, Clarence D. *Impact of Effective Demand on the Labor Supply*. **The American Economic Review**, vol. 43, no. 2, 1953, pp. 458–67. *JSTOR*. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1831509>. Acesso em: 20 fev. 2024.

LOUREDO, Fábio Moita et al. PANDEMIA E DESEMPREGO NO BRASIL: IMPACTOS E CONSEQUÊNCIAS PARA OS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 26, n. 52, p. 93-117, 2021.

LUCA, Camila de Almeida. **Influência dos fatores socioeconômicos familiares na escolha dos cursos de nível superior para os ingressos na UDESC em 2018**. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4338>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MARIONI, L. S. Overeducation in the labour market: evidence from Brazil. *Education Economics*, v. 29, n. 1, p. 53-72. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/09645292.2020.1832201>.

MARTINS, Leonardo Rauta. Juventude rural no Brasil: referências para debate. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 29, n. 1, p. 94-112, 2021.

MARTINS, Anderson Cristyan de Oliveira. As causas do desemprego dos jovens no Brasil são semelhantes às observadas no mundo?. **São Paulo: ACDEO**, 2017. Disponível em: <http://econoteen.fea.usp.br/sites/default/files/ensaios/anderson.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MATTEI, Lauro; HEINEN, Vicente Loeblein. Balanço dos impactos da crise da COVID-19 sobre o mercado de trabalho brasileiro em 2020. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 1, p. 43-61, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/qBZvCv4JnysDcgcCndLPFTw/>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MELO COSTA, Joana Simões; ULYSSEA, Gabriel. O FENÔMENO DOS JOVENS NEM-NEM. **Desafios à Trajetória Profissional dos Jovens Brasileiros**, p. 115. Disponível: https://www.academia.edu/download/81112753/_UTF8_B_RGVzYWZpb3Mgw6AgdHJhamV0w7NyaWEgcHJvZmlzc2k UTF8_B_b25hbCBkb3Mgam92ZW5zIGJyYXNpbGVpcm9zLnBkZg.pdf#page=117.

MENDONÇA, Talles Girardi et al. **Determinantes da inserção de mulheres jovens no mercado de trabalho nordestino**. 2012.

MENEZES FILHO, Naercio A.; CABANAS, Pedro Henrique F.; KOMATSU, Bruno Kawaoka. A condição “nem-nem” entre os jovens é permanente. **Policy Paper**, v. 7, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/download/50634194/2013_A_Condicao_Nem_-_nem_entre_os_Jovens_e_Permanente_Menezes_Filho_Cabanas_Komatsu.pdf. Acesso em: 01 mai. 2024.

MENEZES, Larissa Santana. Pandemia de Covid-19 e o desemprego entre jovens nas regiões metropolitanas do Brasil. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38712>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MENEZES-FILHO, Naercio A.; OLIVEIRA, Alison Pablo. A Contribuição da Educação para a Queda da Desigualdade de Renda per Capita no Brasil. **Insper, Policy Paper**, v. 9, 2014. Disponível em: https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/PolicyPaper_Educacao_Desigualdade.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

MONTGOMERY, Gouglas et al. Estatística aplicada e probabilidade para engenheiros. 2009. Disponível: [estatística aplicada e probabilidade para engenheiros by Douglas C. Montgomery, George C. Runger \(z-lib.org\).pdf](https://www.z-lib.org/pdf/138712). Acesso em: 18 jun. 2024.

MORAES, Rodrigo Fracalossi. Medidas Legais de Incentivo ao Distanciamento Social: comparação das políticas de governos estaduais e prefeituras das capitais no Brasil. **Boletim de Análise Político-Institucional**. n.22, abr. 2020 Disponível em: Acesso em: out. 2024.

MOARAES, Rodrigo Fracalossi. A segunda onda da pandemia (mas não do distanciamento físico): Covid-19 e políticas de distanciamento social dos governos estaduais no Brasil. **Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais- Diante**. n.31, jan. 2021. Disponível em: Acesso em: ago. 2024.

MOURA, Dante Henrique; BENACHIO, Elizeu Costacurta. Reforma do ensino médio: subordinação da formação da classe trabalhadora ao mercado de trabalho periférico. **Trabalho Necessário**, Niterói, v. 19, n. 39, p. 163-187, mai/ago. 2021. <https://doi.org/10.22409/tn.v19i39.47479>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/47479/29251>. Acesso em: 05 dez. 2024.

- NARDI, Henrique Caetano et al. Subjetividade e solidariedade: a diversidade das formas de implicação dos jovens na economia solidária. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, p. 320-328, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/XMxRQgkB4ZSCFDf4cBLGRFJ/?lang=pt>. Acesso: 15 jan. 2024.
- NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira; WITTER, Geraldina Porto. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, p. 15-22, 2010.
- NGONGHALA, Calistus N.; IBOI, Enahoro A.; GUMEL, Abba B. Could masks curtail the post-lockdown resurgence of COVID-19 in the US?. *Mathematical biosciences*, v. 329, p. 108452, 2020.
- NOGUEIRA, Mauro Oddo; DE CARVALHO, Sandro Sacchet. **Trabalho precário e informalidade: desprecarizando suas relações conceituais e esquemas analíticos**. Texto para Discussão, 2021. Disponível em: <https://www.econstor.eu/handle/10419/261029>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- NUNES, Elvira Maria Alves; ALMEIDA, Wesley Marcos. Estatística Aplicada Usando Excel. Maringá: EDUEM, 2016. Disponível em: [Correlação entre Variáveis \(cienciadedados.org\)](http://cienciadedados.org). Acesso em: 15 jun. 2024.
- OIT**. Global Employment Trends for Youth 2017: Paths to a better working future International Labour Office – Geneva: ILO, 2017.
- OIT**. Os jovens trabalhadores serão duramente atingidos pelas consequências econômicas do COVID-19. 2020. Disponível em: <https://iloblog.org/2020/04/15/young-workers-will-be-hit-hard-by-covid-19s-economic-fallout/>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- OLIVEIRA, Camilla de. **Mobilidade sócio-ocupacional no Brasil: modelos log-lineares e outras formas de analisar**. 2024. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-05062024-145244/en.php>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- OLIVEIRA, E. L. Transições: três aplicações a partir de dados das pesquisas domiciliares no Brasil. Tese (Doutorado em Demografia). Belo Horizonte: Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – Cedeplar/Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2005.
- OLIVEIRA, Elzira Lúcia de; RIOS-NETO, Eduardo Gonçalves; OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto Camilo de. O efeito trabalhador adicional para filhos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 31, p. 29-49, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/QmGKycB7WPVQPR8HsWwznTD/?lang=pt>. Acesso: 13 mar. 2024.
- PAULA, G. A. Modelos de regressão: com apoio computacional. São Paulo: IME/USP, 2004.
- PEREGRINO, Mônica Dias; PRATA, Juliana de Moraes. Escola e Trabalho. In: FUNDAÇÃO SM (Brasil). **Pesquisa Juventudes no Brasil**. São Paulo: Fundação SM, 2021. Cap. 5. p. 127-168.
- PEREIRA, Deborah Dias; DA SILVA TEIXEIRA, Jaqueline; DE PAULA, Andréa Maria Narciso. **Dinâmicas de gênero e migração: jovens mulheres rurais e esvaziamento do campo no norte de Minas Gerais**. 2019.

PEREIRA, Antonia Jaine da Silva; QUEIROZ, Silvana Nunes de. GERAÇÃO QUE NEM ESTUDA NEM TRABALHA NO NORDESTE BRASILEIRO. **Revista Econômica do Nordeste**, [S. l.], v. 54, n. 1, p. 67–86, 2023. DOI: 10.61673/ren.2023.1361. Disponível em: <https://bnb.gov.br/revista/ren/article/view/1361>. Acesso em: 19 dez. 2024.

POCHMANN, Márcio. **A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

POCHMANN, Márcio. Modernizar sem excluir. In: **Emprego, Trabalho e políticas públicas**/ Macambira Júnior e Liana Maria da Frota Carleial/ Organizadores. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho, Banco do Nordeste do Brasil, 2009.

POCHMANN, Marcio. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos**. São Paulo, 2007.

PONTILI, Rosangela Maria. **Determinantes do abandono e atraso Escolar, de adolescentes no ensino médio: uma análise para a região Sul do Brasil**. 2015. 192f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento regional e do Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2015.

PONTILI, Rosangela Maria; KASSOUF, Ana Lúcia. Fatores que afetam a frequência e o atraso escolar, nos meios urbano e rural, de São Paulo e Pernambuco. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 45, n. 1, p. 27-47, 2007.

QUADROS, Waldir J. de; ANTUNES, Davi JN. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos do CESIT**, v. 30, p. 1-17, 2001.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 63, p. 58-70, 2011.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos: o contínuo crescimento do desemprego em todo o mundo**. M. Books do Brasil, 2005.

RIOS-NETO, Eduardo L.G.; MIRANDA-RIBEIRO, Adriana; MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Fertility differentials by education in Brazil: from the conclusion of fertility to the onset of postponement transition. **Population and Development Review**, v. 44, n. 3, p. 489-517, 2018.

ROCHA, Sonia. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Caderno CRH**, v. 21, p. 533-550, 2008. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/T8BLxBwGfzYW8B99m9YYysG/?format=html>. Acesso em: 13 abr. 2024.

ROSÁRIO, Pedro et al. Trabalhar e estudar sob a lente dos processos e estratégias de auto-regulação da aprendizagem. 2006. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/handle/1822/11903>. Acesso em: 02 mar. 2024.

SOUZA, Nícia Raies Moreira de. **Jogo de cartas marcadas: segregação ocupacional por gênero no Brasil urbano. 2018. 220 f.** 2018. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Sociologia)–Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOUZA, Silveira Leonardo; SIQUEIRA Leão Natália. Segregação ocupacional e diferenciais de renda por gênero e raça no Brasil: uma análise de grupos etários. **Revista Brasileira De Estudos De População**, 38, 1–22. 2021. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0151>

- SANTOS, Mateus Mota. Efeitos do Trabalho Infantil sobre o Rendimento Futuro do Trabalho via Mediação da Educação. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 14, n. 4, p. 748-776, 2020. Acesso em: 23 abr. 2024.
- SCHNEIDER, Eduardo Miguel; RODARTE, Mario Marcos Sampaio. EVOLUÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO METROPOLITANO. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 4, p. 74-102, 2006. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n04/v20n04_06.pdf. Acesso em: 11 mai. 2024.
- SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, MARÍLIA PINTO DE. Juventude e acesso ao ensino superior: sobre o não lugar de vestibulando. **Educação em Revista**, v. 39, p. e41621, 2023.
- SILVA, Carla Regina et al. Economia criativa na relação entre trabalho e cultura para a juventude. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 29, n. 2, p. 120-128, 2018.
- SILVA, Enid Rocha Andrade da; VAZ, Fábio Monteiro. Os Jovens que não trabalham e não estudam no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. In: IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. – v. 1, n. 70, **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**. Brasília: IPEA, set. 2020. p. 105-121.
- SILVA, Juliana Marcia Santos et al. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, v. 8, n. 3, 2020.
- SILVA, Luís Abel; CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Seletividade No Mercado De Trabalho No Rio Grande Do Norte E Em Natal – 2001-2008**. Abet, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/luis-filho-2/publication/328139157_seletividade_no_mercado_de_trabalho_no_rio_grande_do_norte_e_em_natal_-_2001-2008/links/5bbb3ad84585159e8d8c03a7/seletividade-no-mercado-de-trabalho-no-rio-grande-do-norte-e-em-natal-2001-2008.pdf. Acesso em: 20 mai. 2024.
- SILVA, Nancy de Deus Vieira; KASSOUF, Ana Lúcia. A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos de população**, v. 19, n. 2, p. 99-115, 2002. Disponível em: [A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro | Revista Brasileira de Estudos de População \(rebec.org.br\)](#). Acesso em: 10 fev. 2024.
- SILVA, César Augusto Marques. Trajetórias socioeconômicas compartilhadas no Brasil: cenários para a dinâmica populacional e os desafios à adaptação e mitigação. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 40, p. e0250, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/x3XSkmnfPfkLMzYgzmDnx5K/>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- SILVEIRA, Leonardo Souza; SIQUEIRA, Natália Leão. Segregação ocupacional e diferenciais de renda por gênero e raça no Brasil: uma análise de grupos etários. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 38, p. e0151, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/9ZbQKBWxQ3BwHbg6KNYCb3y/?lang=pt>. Acesso em: 03 mai. 2024.
- SOUZA, Marina Batista Chaves Azevedo de; LUSSI, Isabela Aparecida de Oliveira. Juventude, trabalho informal e saúde mental. **Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 51, p. 126-144, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.0v51n0.48293.
- SOUSA, Euzébio Jorge Silveira. **Inserção dos jovens no mercado de trabalho, subdesenvolvimento e as mudanças estruturais**. 2020. Tese de Doutorado. [sn]. Disponível em: [Terminal RI - Sophia Biblioteca Web \(unicamp.br\)](#). Acesso em: 12 fev. 2024.

SOUZA, Diego de Oliveira. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00311143, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/7rJ6TkW8Cs88QkbNwHfdkxb/?format=html>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SOUZA, Helson Gomes; TABOSA, Francisco José Silva. TRABALHO, ESTUDO OU LAZER? UMA ABORDAGEM PROBABILÍSTICA PARA OS JOVENS DOS ESTADOS DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL. **Revista Estudo & Debate**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2018. DOI: 10.22410/issn.1983-036X.v25i2a2018.1632. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/1632>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SUIRON, Rafaela Semíramis. Juventude e precarização do trabalho no Brasil: trabalho e vida do jovem comer ciário de uma loja de departamento na região metropolitana de São Paulo. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2016.

TILLMANN, Eduardo; COMIM, Flavio. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração nem-nem. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n. 2, p. 47-78, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7276>. Acesso em: 10 dez. 2024.

TERRUGGI, Tatiana Petroni Laurito; CARDOSO, Hugo Ferrari; CAMARGO, Mário Lázaro. Escolha profissional na adolescência: a família como variável influenciadora. **Pensando famílias**, v. 23, n. 2, p. 162-176, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2019000200013&script=sci_arttext. Acesso em 13 mar. 2024.

TOMÁS, M. C. **O ingresso dos jovens no mercado de trabalho: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras nas últimas décadas**. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Demografia)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AMSA-72MNV8>. Acesso em: 02 fev. 2024.

TOMIĆ, Iva. What drives youth unemployment in Europe? Economic vs non-economic determinants. **International labour review**, v. 157, n. 3, p. 379-408, 2018. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/ilr.12113?casa_token=EZtXs33tUvsAAAAA:eLNcUX9js3sVekR6F53sE53A2j7r0rVZH2Jm6wRD-6eS46IBuKxl7MYaEEEnOR57BBgKKMsICxFLQrn_f. Acesso em: 15 jun. 2024.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unesp, Presidente Prudente, 2008.

VIEIRA, Caterina Soto et al. Como as mudanças no trabalho e renda dos pais afetam as escolhas entre estudo e trabalho dos jovens. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 46, n. 3, p. 33-61, 2016. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/Como-mudancas-trabalho-renda-pais-afetam-escolhas-estudo-trabalho-jovens-2.pdf>. Acesso: 24 fev. 2024.

VIEIRA, Maria Manuel. Incerteza e individuação: escolarização como processo de construção biográfica. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 20,

2017. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2288>. Acesso em: 25 nov. 2024.

WICKERT, Luciana Fim. Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, p. 258-269, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/CH8r9g9P8y7Rq5bWMB9gxvv/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

ZAMAN, Sidiq Nur. Survey Deloitte: Kekhawatiran Gen Z dalam Hidup. **AKADEMIK: Jurnal Mahasiswa Humanis**, v. 4, n. 1, p. 54-62, 2024. Disponível em: <https://www.ojs.pseb.or.id/index.php/jmh/article/view/658>. Acesso em 15 jan. 2024.

ANEXO A

Tabela 1 – Taxa Trimestral de Emprego de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Categoria no Brasil (%) (2019 – 2023).

Trimestres	Categoria de Trabalho									
	Empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada	Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada	Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	Empregado no setor público com carteira de trabalho assinada	Empregado no setor público sem carteira de trabalho assinada	Militar e servidor estatutário	Empregador	Conta-própria	Trabalhador familiar auxiliar
01/2019	47,86	19,71	0,67	2,84	0,79	3,04	3,24	1,69	17,36	2,81
02/2019	47,29	20,25	0,60	2,99	0,88	3,49	2,99	1,69	17,14	2,68
03/2019	46,84	20,2	0,62	2,86	0,86	3,54	3,08	1,7	17,67	2,64
04/2019	47,22	20,03	0,61	2,8	0,71	3,39	3,07	1,63	18,06	2,49
01/2020	47,98	19,63	0,64	2,76	0,73	3,23	3,07	1,76	17,71	2,49
02/2020	49,17	17,57	0,61	2,27	0,89	3,83	3,73	1,6	17,39	2,95
03/2020	46,87	18,23	0,56	2,5	0,91	3,54	3,31	1,59	19,2	3,3
04/2020	46,2	19,82	0,53	2,61	0,83	3,23	3,1	1,73	19,06	2,88
01/2021	46,57	19,28	0,55	2,48	0,78	2,81	3,01	1,56	19,91	3,05
02/2021	45,97	19,34	0,48	2,61	0,89	3,09	2,87	1,54	20,23	2,99
03/2021	45,75	20,24	0,55	2,8	0,82	2,96	2,6	1,68	19,9	2,69
04/2021	45,78	21,31	0,49	2,85	0,87	3,23	2,47	1,52	19,07	2,4
01/2022	46,37	20,66	0,47	2,72	0,91	3,08	2,5	1,76	19,05	2,48
02/2022	46,11	21,07	0,55	2,87	0,9	3,39	2,58	1,64	18,85	2,04
03/2022	46,5	20,74	0,52	2,76	1,02	3,83	2,61	1,81	18,26	1,95
04/2022	47,48	20,65	0,49	2,63	1,08	3,65	2,63	1,53	18,09	1,76
01/2023	47,87	20,52	0,54	2,55	1,04	3,35	2,74	1,63	18,11	1,65
02/2023	47,33	21,25	0,51	2,62	0,9	3,8	2,63	1,55	17,7	1,72
03/2023	47,62	21,01	0,45	2,51	0,95	3,81	2,54	1,65	17,7	1,76
04/2023	47,97	20,73	0,49	2,52	1,05	3,75	2,56	1,66	17,66	1,62

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PNADc (IBGE, 2019; 2023).

ANEXO B

Tabela 2 – Taxa Trimestral de Emprego de Jovens de 18 a 29 anos de Idade por Setores no Brasil (%) (2019 – 2023).

Trimestres	Setores da Economia, Segundo a classificação da PnadC											
	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	Indústria geral	Construção	Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	Transporte, armazenagem e correio	Alojamento e alimentação	Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	Administração pública, defesa e seguridade social	Educação, saúde humana e serviços sociais	Outros Serviços	Serviços domésticos	Atividades mal definidas
01/2019	7,50	13,99	6,67	24,54	4,16	7,33	12,90	3,68	9,15	6,47	3,56	0,04
02/2019	7,68	13,96	6,41	23,89	4,1	7,23	13,13	3,81	9,53	6,58	3,64	0,03
03/2019	7,43	13,87	6,48	23,91	4,38	7,03	13,19	3,85	9,52	6,74	3,58	0,02
04/2019	7,33	13,91	6,43	24,74	4,43	7,11	12,88	3,77	9,25	6,67	3,44	0,02
01/2020	7,6	13,96	6,31	24,32	4,53	6,86	13,31	3,79	9,44	6,4	3,45	0,02
02/2020	8,48	14,09	5,67	24,45	4,34	5,59	14,06	4,52	10,11	5,76	2,93	0,02
03/2020	8,75	14,04	6,79	24,48	4,43	5,38	13,53	4,01	9,42	6,01	3,13	0,02
04/2020	8,6	13,77	6,59	24,87	4,21	6	13,63	3,88	8,87	6,32	3,22	0,04
01/2021	8,53	14,05	6,85	24,39	4,39	5,57	14,65	3,45	9,02	5,95	3,09	0,05
02/2021	8,43	13,97	6,91	24,34	4,26	6,07	14,42	3,58	9,01	5,72	3,17	0,13
03/2021	8,09	13,89	6,98	24,65	4,17	6,52	14,2	3,38	8,92	5,69	3,42	0,07
04/2021	7,49	13,61	7,13	24,65	4,1	6,53	14,23	3,6	9,02	6,19	3,41	0,05
01/2022	7,64	14,01	6,71	24,31	4,26	6,82	13,81	3,47	9,23	6,41	3,28	0,05
02/2022	7,32	13,58	6,89	24,26	4,29	6,79	13,87	3,49	9,57	6,45	3,47	0,03
03/2022	7	13,52	6,63	24,04	4,4	6,49	13,94	3,8	9,9	6,96	3,31	0,01
04/2022	6,9	13,89	6,37	24,18	4,46	6,49	13,95	3,68	10,19	6,72	3,15	0,02
01/2023	6,81	13,76	6,31	24,14	4,76	6,68	14,11	3,51	10,05	6,65	3,14	0,08
02/2023	6,83	13,8	6,12	23,73	4,73	6,75	13,96	3,6	10,58	6,69	3,16	0,03
03/2023	6,98	13,37	6,27	24,14	4,66	6,52	14,15	3,44	10,83	6,61	3	0,04
04/2023	6,78	13,71	6,2	23,57	4,81	6,53	14,33	3,56	10,54	6,85	3,07	0,06

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Microdados da PnadC (IBGE, 2019; 2023)

